

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME VI



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
1967

CONIMBRIGA

REVISTA DO INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA (PORTUGAL)

COMISSÃO DE REDACÇÃO :

Doutor MANUEL LOPES DE ALMEIDA

Doutor MÁRIO MENDES DOS REMÉDIOS DE SOUSA BRANDÃO

Doutor TORQUATO DE SOUZA SOARES

(Professores Catedráticos da Secção de História)

Licenciado JOÃO MANUEL BARRÃO OLEIRO

Licenciado JORGE DE ALARCÃO

Licenciado MÁRIO DE CASTRO HIPÓLITO

(Secretários)

Toda a correspondência (envio de originais e de publicações para revisão,
pedidos de permuta, etc.) deve ser dirigida directamente ao

DIRECTOR DO INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE — COIMBRA — PORTUGAL

CONIMBRIGA

(Página deixada propositadamente em branco)

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME VI



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1967

Composto e impresso na «Imprensa de Coimbra, Lda.»
Largo de S. Salvador, 1-3 — Coimbra

VIDROS ROMANOS DO MUSEU ARQUEOLÓGICO DE VILA VIÇOSA

O Museu Arqueológico da Fundação da Casa de Bragança, instalado no Castelo de Vila Viçosa, tem uma rica colecção de vidros romanos escavados por A. Viana e A. Dias de Deus em várias necrópoles do Alentejo (1). Quase todos esses vidros foram já publicados por aqueles autores, infelizmente hoje falecidos, mas sem a ilustração e os comentários cronológicos que merecem (2).

Pensámos voltar a publicar o espólio daquelas necrópoles, sepultura por sepultura. O Museu de Vila Viçosa não tem todavia nenhuma nota manuscrita de A. Viana ou A. Dias de Deus sobre as escavações, e as indicações dos autores nos artigos que publicaram são tão sumárias que se torna difícil, se não mesmo impossível, identificar o que foi descoberto em cada sepultura. Embora não tenhamos desistido da publicação integral do espólio daqueles cemitérios, não será nos anos mais próximos que poderemos estudar com vagar os achados de A. Viana

(1) Agradecemos ao Doutor António Luiz Gomes, presidente do Conselho de Administração da Fundação da Casa de Bragança, a autorização que nos concedeu para estudarmos e publicarmos estes vidros. A colecção esteve durante algum tempo no Museu Monográfico de Conimbriga, onde a restaurámos com resina acrílica e a estudámos com vagar.

(2) Vid. A. Viana e A. Dias de Deus, «Nuevas necropolis celto-romanas de la region de Eivas (Portugal)» e «Necropolis de la Torre das Arcas» in *Archivo Español de Arqueologia*, (1957), pp. 33-68 e 244-265, respectivamente; A. Viana, «Notas de arqueologia alto-alentejana (Materiais do Museu Arqueológico do Paço Ducal de Vila Viçosa)» in *A Cidade de Évora*, n.ºs 33-34 (1955), pp. 235-258; A. Viana e A. Dias de Deus, «Campos de urnas do concelho de Eivas (Paço Ducal de Vila Viçosa). Materiais da Secção Arqueológica» in *O Instituto*, vol. 118 (1958), pp. 133-193; A. Viana, «Vidros Romanos em Portugal. Breves Notas» in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* (Faculdade de Ciências do Porto), vol. XVIII (1960-61), pp. 5-42.

e A. Dias de Deus. Resolvemos por isso apresentar desde já o estudo dos vidros daquelas necrópoles.

São estas: Padrãozinho, na herdade do mesmo nome, sita na freguesia de Ciladas do concelho de Vila Viçosa, a cerca de cinco quilómetros ao sul de Vila Boim; Serrones, na freguesia de Vila Fernando do concelho de Eivas, a cerca de cinco quilómetros em linha recta de Vila Fernando para sudoeste; Torre das Arcas, na herdade do mesmo nome, uns seis quilómetros a sudoeste de Eivas, em linha recta; A do Rico, na freguesia de Degolados do concelho de Campo Maior; Chaminé, na tapada da herdade da Chaminé, a cerca de três quilómetros e meio a este de Vila Fernando, em cuja freguesia se situa; Horta das Pinas, na freguesia de S. Vicente, cinco quilómetros a norte de Eivas; herdade da Cardeira, na freguesia de Jerumenha do concelho de Alandroal; e ainda uma necrópole junto da Escola da mesma freguesia. A. Viana publicou os vidros da Cardeira e da Escola de Jerumenha sem distinguir os de um e de outro local.

Na necrópole do Padrãozinho encontraram-se os números 1, 6, 9, 25, 29, 40, 41 e 53; estas peças, quando datáveis por paralelos encontrados em outras províncias romanas, são atribuíveis à segunda metade do século I ou ao século II d.C. Com esta cronologia concordam as peças de terra sigillata da mesma necrópole (3). Não excluimos todavia a possibilidade de abranger ainda os fins do I e começos do III, época que lhe atribuiu A. Viana (4).

Da necrópole de Serrones são as peças 19, 24, 52, 62 e 64. São todas dos séculos I e II d.C., e a mesma data se atribui às peças de terra sigillata ali encontradas. A. Viana datou a necrópole dos finais do século I d.C. (5), mas é evidente que tem uma extensão cronológica muito maior.

Encontrou-se na necrópole de Torre das Arcas o vidro número 21, que data do século I d.C. A. Viana foi vago ao estabelecer a data do cemitério, pois disse que a maior parte das sepulturas é de «algum tempo antes dos começos do século III d.C.» mas que nela se acharam materiais bastante mais antigos e outros posteriores (6).

(3) — Vide A. Alarcão, «Algumas peças de Terra Sigillata na Secção Arqueológica do Paço Ducal de Vila Viçosa» in *Conimbriga*, II-III (1960-61) pp. 181-201.

(4) Vid. A. Viana, 1955 (1), p. 55.

(5) Vid. A. Viana, 1955 (1), p. 68.

(6) Vid. A. Viana, 1955 (2), p. 264.

Também se achou apenas um vidro (número 54) no espólio de A do Rico, sobre cuja data A. Viana não se pronunciou. É um unguentário de um tipo cuja cronologia é extensa, pois vai dos fins do século i ao ii d.C.

Na necrópole da Chaminé também só apareceu o vidro 43, da época de Tibério ou Cláudio; uma peça de sigillata marcada da mesma necrópole (7) é do tempo de Cláudio a Vespasiano. A. Viana atribuiu a esta necrópole uma cronologia dilatada dos fins do século iv a.C. ao século i d.C. (8). A ser assim, a necrópole da Chaminé seria contemporânea da de Alcácer de Sal, escavada há bastantes anos pelo Doutor Vergílio Correia e cujo espólio deverá ser em breve objecto de publicação.

No cemitério da Horta das Pinas apareceram os números 13, 14, 23, 26, 28, 30, 34-36, 38, 39, 45, 50, 55-58, 60, 61 e 63. Datam dos séculos i e ii — cronologia que concorda com a proposta por A. Viana (século i a.C. até fins do ii d.C. pelo menos) (9).

TAÇAS

A taça 1 tem paralelo exacto em Chipre e, mais longínquo, em Karanis(10). Vessberg inclui a taça cipriota no tipo Morin-Jean 91, que este autor data do século i ao iv d.C. Aparece, segundo Morin-Jean, já em Pompeia, mas ainda se encontra no tempo de Constantino.

Parece-nos que devemos subdividir o tipo Morin-Jean 91 em dois: uma taça mais funda, realmente comum nos fins do século i e no ii d.C. (11) e outra mais baixa, típica do m e do iv; esta última corresponde ao tipo Isings 97a e é nela que se inclui a taça com que Morin-Jean ilustra o seu tipo 91. A taça cipriota e, por conseguinte, também a nossa, não cabem rigorosamente no tipo 91 de Morin-Jean; a aba

(7) Vid. A. Alarcão, art. cit., p. 186.

(8) Vid. A. Viana, 1958, p. 137.

(9) Vid. A. Viana, 1958, p. 165.

(10) Vid. Vessberg, 1956, fig. 42, 12 e Harden, 1936, n.º 118.

(11) Vid. v.g. Dumoulin, «Découverte d'une nécropole gallo-romaine à Apt (Vaucluse)» in *Gallia*, XXII (1964), pp. 87-110.

deste encurva-se num S deitado, mais ou menos oblíquo; a aba da nossa taça descreve dois arcos de círculo diferentemente centrados.

Não conhecemos paralelo em Portugal para esta taça de Vila Viçosa. Vessberg não encontrou a taça cipriota em contextos datáveis. Harden propôs para a taça de Karanis acima citada o século m pelo mais tardar. Dada a sua semelhança com as taças mais fundas de tipo Morin-Jean 91, parece-nos que podemos datar a taça 1 dos fins do século i ou do II d.C.

A taça 2 não tem paralelo; já a apresentámos como forma inédita dos vidros romanos no III Congresso das Journées Internationales du Verre (12).

A taça 3 também não tem paralelo entre os vidros romanos publicados que conhecemos.

A taça 4 parece uma versão muito singela de uma preciosa peça de vidro do Museu Nacional de Nápoles. O perfil dos dois vasos é o mesmo; o de Nápoles é, porém, gravado: no fundo, uma roseta de oito pétalas inscreve-se numa coroa circular; nas abas, pétalas angulosas alternam com motivos em forma de gota. Não se conhece data nem proveniência desta peça do Museu de Nápoles, que pode bem ser anterior ao século i d.C. (13).

A taça 5 cabe num grupo do século i d.C. (tipo Isings 12), de cuja decoração e cronologia tratámos já ao publicarmos os vidros de Conímbriga (14).

A taça 6 não cabe exactamente no tipo 44 de Isings, embora seja deste que mais se aproxima; as paredes deste tipo, porém, descrita a curvatura do fundo, sobem quase a prumo, enquanto as da nossa taça continuam a curvar-se, agora para o interior. Mais próxima no perfil é uma taça cipriota publicada por Vessberg (15), embora esta não tenha bordo nem pé tubulares. O tipo Isings 44 é da segunda metade do século i d.C. Esta deve ser também a cronologia da nossa peça, que apareceu na sepultura 60 da necrópole do Padrãozinho, juntamente com a garrafa hexagonal aqui publicada sob o número 29.

(12) Vid. Alarcão, 1964, pp. 61-64.

(13) Vid. G. Weinberg, «Hellenistic glass vessels from the Athenian Agora» in *Hesperia*, XXX (1961), pp. 384-386.

(14) Vid. Alarcão, 1965, pp. 40-41.

(15) Vid. Vessberg, 1956, fig. 44, 39.

Para as taças 7 a 10 não encontramos paralelo. As taças dos séculos iv ou v decoradas com cabuchões de vidro colorido apresentam muitas vezes um fio de vidro decorativo sob o bordo como estes nossos números (16). Isto não quer porém dizer que pensemos numa data tão tardia para estas taças.

O fragmento 11 pode pertencer a uma taça como a do Museu de Besançon publicada por Morin-Jean; esta forma não figura todavia na tábua tipológica de Morin-Jean, que a apresenta apenas como ilustração do tipo de rebordo singelo, sem orla, de algumas peças de vidro romanas (17).

1 — Taça

Vidro transparente, ligeiramente tingido de verde-musgo, com muitas bolhas de ar, impurezas e estrias resultantes da soflagem.

Fragmentada junto do bordo e reconstruída com resina acrílica.

A aba descreve dois arcos de círculo de dimensões desiguais. Bordo e pé tubulares. Fundo côncavo.

Altura: 41 mm. Diâmetro da boca: 205 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Número de inventário: 2158.

Proveniência: necrópole do Padrãozinho, sepultura 35.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (1), fig. 10, 140; A. Viana, 1955 (3), fot. 17; A. Viana, 1961, fot. 64 e 65.

2 — Taça

Vidro transparente, incolor, cheio de bolhas de ar, impurezas e espirais resultantes da soflagem.

Muito fragmentada e reconstruída com resina acrílica. Picado intenso e irisão multicolor incipiente. Irisão esmaltada, castanha, mancha toda a superfície externa.

Bordo de arestas polidas ao fogo. Aba ondulada. Pé anelar e fundo ligeiramente côncavo. Marca de pontel.

Altura: 51 mm. Diâmetro da boca: 175 mm. Espessura média do vidro: 1 mm. Espessura mínima: 0,5 mm.

Sem número de inventário.

Proveniência: Jerumenha.

Bibliografia: A. Viana, 1961, fot. 86.

(16) Vid. Fremersdorf, *Die römischen Glaser mit aufgelegten Nuppen in Köln*, Colónia, 1962, est. 56 a 63.

(17) Vid. Morin-Jean, 1913, fig. 4, n.º 173.

3 — *Taça*

Vidro transparente, cinzento fumado, com bolhas de ar e estrias resultantes da soflagem.

Conserva-se apenas um fragmento, de corrosão leitosa.

Perfil serpenteado e bordo polido ao fogo.

Altura do fragmento: 28 mm. Diâmetro da boca: 180 mm. Espessura do vidro: 0,5 mm.

Sem número de inventário nem indicação de proveniência, inédita.

4 — *Taça*

Vidro transparente e incolor.

Conserva-se apenas um fragmento, completamente leitoso. Trisão branca esmaltada. Picado.

Perfil carenado e bordo de arestas vivas.

Altura do fragmento: 24 mm. Diâmetro da boca: 70 mm. Espessura do vidro: 0,75 mm.

Sem número de inventário nem indicação de proveniência, inédita.

5 — *Taça*

Vidro translúcido, azul da Prússia, cheio de bolhas de ar e espirais resultantes da soflagem.

Fragmentada e incompleta. Picado intenso na face externa. Esfoliação nas duas faces.

Perfil troncocônico. Fundo raso. Bordo de arestas polidas ao torno. Decoração de linhas gravadas.

Altura: 68 mm. Diâmetro máximo: 90 mm. Espessura mínima: 2 mm.

Sem número de inventário nem indicação de proveniência, inédita.

6 — *Taça*

Vidro transparente, ligeiramente tingido de verde-sombrio, coalhado de bolhas de ar e muito estriado da soflagem, com algumas impurezas negras e pedra.

Muito fragmentada. Restaurada com resina acrílica. Sem vestígios de corrosão.

Taça hemisférica, de bordo oblíquo, tubular. Pé repuxado com turquês, formando um aro. Fundo ligeiramente côncavo, com marca de pontel.

Altura: 79 mm. Diâmetro da boca: 137 mm. Espessura média do vidro: 1 mm.

Número de inventário: 2156-2157 (eram dois fragmentos, tomados inicialmente como de duas peças diferentes. Provou-se depois ao colar serem do mesmo vaso).

Proveniência: necrópole do Padrãozinho, sepultura 60.
Bibliografia: A. Viana, 1955 (1), n.os 185 e 185a; A. Viana, 1955 (3), fot. 25 e 28; A. Viana, 1961, fot. 79 e 84.

7 — *Taça*

Vidro transparente, muito ligeiramente tingido de verde-maçã.
Conservam-se quatro fragmentos. Vidro embaciado por forte leitosidade.
Bordo de arestas polidas ao torno. Perfil em S alongado. Decoração de linhas incisas.
Altura: 37 mm. Diâmetro da boca: 100 mm. Espessura do vidro: 1,5 mm.
Sem número de inventário nem indicação de proveniência.
Inédita.

8 — *Taça*

Vidro transparente, verde-relva amarelado, cheio de bolhas de ar e espirais causadas pela sofiagem.
Fragmentada e incompleta. Picado, esfoliações e irisão esmaltada multicolor.
Paredes quase rectas, fundo ligeiramente côncavo. Bordo de arestas vivas.
Decorada com um cordão de vidro branco junto do bordo.
Altura: 64 mm. Diâmetro máximo: 141 mm. Espessura mínima: 0,25 mm.
Sem número de inventário nem indicação de proveniência.
Inédita.

9 — *Taça*

Vidro transparente, ligeiramente tingido de verde-esmeralda, com raras bolhas de ar e poucas impurezas negras no fundo.
Fragmentada mas quase completa. Restaurada com resina acrílica. Riscada pelo uso. Picado.
Copa hemisférica, de fundo achatado. Bordo de arestas vivas. Decorada com um cordão de vidro da mesma cor junto do bordo.
Altura: 67 mm. Diâmetro da boca: 111 mm. Espessura do vidro: 1 mm.
Número de inventário: 2148.
Proveniência: necrópole do Padrãozinho, sepultura 83.
Bibliografia: A. Viana, 1955 (1), fot. 184 e 184a; A. Viana, 1955 (3), fot. 24 e 27; A. Viana, 1961, fot. 78 e 83.

10 — *Taça*

Vidro transparente e incolor, sem bolhas de ar.
Apenas se conserva um pequeno fragmento da parte superior da taça. Ligeiro picado concentrado especialmente sobre o cordão azul que circunda a taça.

Paredes ligeiramente encurvadas. Decorada com um fio de vidro azul-cobalto a 19 mm. do bordo.

Altura do fragmento: 23 mm. Diâmetro da boca: 130 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Sem número de inventário nem indicação de proveniência.

Inédita.

11 — Taça

Vidro transparente e incolor com algumas bolhas de ar.

Conservam-se vários fragmentos da parte superior da taça. Leitosidade e picado incipientes. Concreções calcáreas.

Paredes rectas e oblíquas, ligeiramente inclinadas para dentro. Bordo em forma de aba, polido ao fogo.

Altura: 42 mm. Diâmetro da boca: 120 mm. Espessura média do vidro: 1 mm.

Sem número de inventário nem indicação de proveniência.

Inédita.

COPOS

É difícil classificar o fragmento 12. Cabe talvez num grupo de taças campanulares de pé em forma de pavilhão de trombeta, de que se têm encontrado vários exemplares em Inglaterra: Hardknott, Corbridge, South Shields, Crundale, Richborough e Leicester, aqui num contexto de c. 180 d.C. (18).

O copo 13 assemelha-se a um de Chipre publicado por Vessberg mas não datado por este autor; o mesmo perfil encontra-se também em Chipre decorado com fios de vidro a toda a volta (19). Em Conímbriga encontram-se alguns fragmentos de copos semelhantes (20), que atribuímos ao século II ou m. O copo de Vila Viçosa achou-se na mesma sepultura do jarro aqui publicado com o número 27, e este, como veremos, é possivelmente da segunda metade do século n ou do ui d.C.

(18) Vid. D. Charlesworth, «Roman Glass in Tullie House Museum» in *Transactions of the Cumberland and Westmorland Antiquarian and Archaeological Society*, New Series, LIX, 1959, pp. 37-38, e fig. 3.

(19) Vid. Vessberg, 1956, fig. 44,41 e 45,10.

(20) Vid. Alarcão, 1965, n.^{os} 123 e 125.

O copo 14 assemelha-se a um achado no túmulo 45 de Luxemburgsstrasse, em Colónia, com moedas de Vespasiano a Lúcio Vero e datável, portanto, de meados do século II pelo mais cedo (21). Os números 15 a 17 poderão talvez reconstituir-se como o número 14.

Pela qualidade do vidro e decoração de linhas gravadas, o copo 18 aproxima-se do grupo anterior, mas tem as paredes muito mais oblíquas.

Como paralelos mais próximos para o número 19 podemos citar: um copo de vidro castanho-dourado achado em Colónia e publicado por Fremersdorf, que o data do século I d.C.; e um outro copo, cipriota, apresentado por Vessberg, que este autor inclui no grupo dos copos sírios com inscrições, da segunda metade do século I d.C. (22).

Para os copos 20 e 22 (se é que este último é realmente um copo) não encontramos paralelos.

O número 21 aproxima-se de um copo de Colónia publicado por Fremersdorf e a outros dois de Weisenau apresentados por Behrens (23). Todos estes são do século I d.C.

O copo 23 cabe no tipo Isings 35. Este tipo, que tem uma distribuição principalmente mediterrânica (24), começou a fabricar-se nos inícios do terceiro quartel do século I pelo mais tardar pois em Pompeia há diversos exemplares. Os copos deste tipo encontrados fora de Pompeia e citados por Isings são todos de cronologia incerta, embora alguns tenham sido atribuídos provavelmente ao século II d.C. No século IV também se fabricaram copos com depressões, mas estas são mais estreitas e numerosas e o pé desses copos é mais pesado. Não temos portanto dúvida em atribuir aos séculos I ou II d.C. o copo de Vila Viçosa, embora seja muito mais alto e elegante que todos os exemplares conhecidos.

Para o copo 24, que já apresentámos no III Congresso das Journées Internationales du Verre como forma inédita dos vidros romanos, não encontramos, depois disso, paralelo próximo. Mertens publicou um

(21) Vid. Fremersdorf, 1958, est. 78.

(22) Vid. Fremersdorf, *Römisches Buntglas in Köln*, Colónia, 1958, est. 53; Vessberg, 1956, fig. 44,4.

(23) Vid. Fremersdorf, 1958, est. 74 e Behrens, «Römische Gläser aus Rheinhessen» in *Mainzer Zeitschrift*, XX-XXI (1925-26), p. 63 e fig. 1,2 e 3.

(24) É muito frequente em Chipre; todavia, entre os exemplares publicados por Vessberg, 1956, fig. 44 e 45, não se encontra nenhum muito semelhante ao nosso.

copo com pé igualmente em forma de pavilhão de trombeta e decorado com depressões, mas diferente do nosso pela forma ovoide da copa (25).

12 — *Copo*

Vidro transparente, verde-azeitona, com algumas bolhas de ar e muitas espirais provenientes da soflagem.

Fragmentado e incompleto. Leitosidade incipiente.

Copa campanular, decorada com linhas incisas. Bordo de arestas polidas ao torno.

Altura: 62 mm. Diâmetro da boca: 100 mm. Espessura do vidro: 1,5 mm.

Sem número de inventário nem indicação de proveniência.

Inédito.

13 — *Copo*

Vidro transparente, incolor, com algumas bolhas de ar.

Fragmentado e incompleto. Parcialmente restaurado com resina acrílica. Picado e leitosidade incipientes.

Bordo envasado, de arestas polidas ao torno; copa carenada; pé tubular; fundo côncavo. Decoração de linhas incisas.

Altura: 77 mm. Diâmetro máximo: 90 mm. Espessura do vidro: 0,5 mm.

Sem número de inventário.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (3), fot. 26; A. Viana, 1958, fot. 184; A. Viana, 1961, fot. 82 e 124.

14 — *Copo*

Vidro transparente, muito ligeiramente tingido de verde-maçã, com muitas bolhas de ar e espirais resultantes da soflagem.

Fragmentado e incompleto. Parcialmente reconstruído com resina acrílica. Picado incipiente. Riscado pelo uso.

Copa campaniforme, fundo achatado e bordo de arestas polidas ao torno. Decoração de linhas incisas sob o bordo.

Altura: 78 mm. Diâmetro da boca: 101 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Sem número de inventário.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (3), fot. 18; A. Viana, 1958, fot. 183; A. Viana, 1961, fot. 81 e 123.

(25) Vid. Mertens, «Une riche tombe gallo-romaine découverte à Tirlémont (Belgique)» in *V'Antiquité Classique*, XXI (1952), p. 66 e fig. 20.

15 — *Copo*

Vidro transparente, ligeiramente tingido de verde-azeitona, cheio de bolhas de ar e espirais resultantes da soflagem.

Fragmentado e incompleto. Picado pouco profundo, mas atacando completamente todo o vidro. Irisão esmaltada de cor terrosa na face interna.

Copa campanular decorada com linhas incisas. Bordo de arestas polidas ao torno.

Altura do fragmento: 74 mm. Diâmetro da boca: 100 mm. Espessura do vidro: 1,5 mm.

Sem número de inventário nem indicação de proveniência.
Inédito.

16 — *Copo*

Vidro transparente, quase incolor, muito ligeiramente tingido de verde-maçã, com raras bolhas de ar.

Apenas se conserva um fragmento da parede e do bordo, este todo esborcelado. Picado incipiente.

Copa campanular, decorada com linhas esmeriladas. Bordo de arestas provavelmente polidas ao torno.

Altura do fragmento: 41 mm. Diâmetro da boca: 100 mm. Espessura do vidro: 1,5 mm.

Sem número de inventário nem indicação de proveniência.
Inédito.

17 — *Copo*

Vidro transparente, fumado, com raras bolhas de ar.

Apenas se conserva um pequeno fragmento. Leitosidade e picado incipientes. Bordo envasado, de arestas polidas ao torno.

Altura: 20 mm. Diâmetro da boca: 90 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Sem número de inventário nem indicação de proveniência.
Inédito.

18 — *Copo*

Vidro transparente, quase incolor, apenas ligeiramente tingido de verde-azeitona.

Conserva-se apenas um fragmento do bordo e da parede, sem vestígios de corrosão.

Bordo envasado, de arestas polidas ao torno. Decoração de linhas esmeriladas.

Altura do fragmento: 18 mm. Diâmetro da boca: 100 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Sem número de inventário nem indicação de proveniência.
Inédito.

19 — *Copo*

Vidro transparente, levemente tingido de verde-sombrio, com algumas bolhas de ar e espirais provenientes da soflagem.

Picado superficial e leitosidade. Muito riscado pelo uso. Fragmentado e reconstruído com resina acrílica.

Copo cilíndrico, de bordo envasado com arestas polidas ao torno. Decorado com três bares de linhas esmeriladas.

Altura: 71 mm. Diâmetro da boca: 91 mm. Espessura: 1 mm.

Sem número de inventário.

Proveniência: necrópole de Serrones, sepultura 18.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (1), fig. 20, 125; A. Viana, 1961, fot. 41.

20 — *Copo*

Vidro transparente, ligeiramente tingido de verde-azeitona, com raras bolhas de ar e algumas impurezas negras.

Fragmentado e incompleto. Manchas de desvitrificação provocadas por choque térmico. Ligeira mas uniformemente embaciado em toda a superfície.

Copa em forma de campânula, com fundo achatado e bordo de arestas polidas ao torno. Tem uma linha incisa sob o bordo.

Altura: 91 mm. Diâmetro da boca: 109 mm. Espessura do vidro: 0,75 mm.

Sem número de inventário nem indicação de proveniência.

Inédito.

21 — *Copo*

Vidro transparente, verde-azeitona com muitas bolhas de ar.

Fragmentado e reconstruído com resina acrílica. Picado na face externa. Riscado pelo uso.

Copa em U, decorada com linhas incisas. Bordo envasado de arestas vivas.

Altura: 98 mm. Diâmetro da boca: 93 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Sem número de inventário.

Proveniência: necrópole de Torre das Arcas, sepultura 62.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (2), fig. 6, 41; A. Viana, 1961, fot. 36 (Dado, por engano, como proveniente de Aljustrel).

22 — *Copo*

Vidro transparente, muito ligeiramente tingido de verde-azeitona.

Apenas se conserva um fragmento da parede e do fundo. Picado na superfície externa; esfoliações.

Fundo ligeiramente côncavo; copa decorada com linhas esmeriladas.

Altura: 41 mm. Espessura média do vidro: 1 mm.

Sem número de inventário nem indicação de proveniência.

Inédito.

23 — *Copo*

Vidro transparente, muito ligeiramente tingido de verde-musgo, com algumas bolhas de ar e ligeiras impurezas.

Fragmentado e restaurado com resina acrílica. Riscado e esborcelado pelo uso, mas sem vestígios de corrosão.

Copa decorada com quatro grandes depressões ovais. Bordo envasado, de arestas polidas ao torno, sublinhado por traços horizontais finamente incisos. Fundo côncavo e pé tubular.

Altura: 192 mm. Diâmetro da boca: 101 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Sem número de inventário.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (3), fot. 6; A. Viana, 1958, fot. 177; A. Viana, 1961, fot. 91.

24 — *Copo*

Vidro transparente, muito ligeiramente tingido de verde-maçã, com algumas bolhas de ar e impurezas.

Muito fragmentado. Reconstruído com resina acrílica. Picado superficialmente na face externa, com esfoliações e intensa leitosidade, esta na face interna.

Copa decorada com seis depressões ovais. Pé em pavilhão de trombeta. Bordo de arestas, polidas ao torno, sublinhado por dois traços esmerilados. Um outro traço corre mais abaixo, sobre o ombro.

Altura: 150 mm. Diâmetro da boca: 68 mm. Espessura mínima do vidro: 1 mm.

Número de inventário: 2150.

Proveniência: necrópole de Serrones, sepultura 14.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (1), fig. 17, n.º 39; A. Viana, 1955 (3), fot. 5; A. Viana 1961, fig. 4 (onde, por engano, é dado como achado na necrópole do Padrão) e fot. 27; Alarcão, 1964, fig. 17.

JARROS

Os números 25 e 26 são formas inéditas de que não encontramos, nem mesmo em Portugal, outros exemplares.

O jarro 27 é de tipo Isings 88b. Tsings cita exactamente este jarro da necrópole de Serrones como o exemplar mais antigo do seu tipo 88b. A cronologia da sepultura, em que se achou também o número 11 deste artigo, e que Tsings julga de meados do século n d.C., é, porém, imprecisa. Os outros exemplares datáveis citados por Isings, aliás

escassos, são da segunda metade do século n ou dos inícios do m d.C. No cemitério de Ospringe (Kent, Inglaterra), Whiting encontrou um jarro semelhante, infelizmente associado apenas a pequenos fragmentos de cerâmica não datáveis. Pode ainda citar-se como paralelo um exemplar publicado por Vessberg e único em Chipre. Também não é datável (26).

25 — *Jarro*

Vidro transparente, levemente tingido de verde-musgo, coalhado de bolhas de ar e espirais resultantes da soflagem; filandrado.

Fragmentado e incompleto; reconstruído com resina acrílica. Picado na face externa. Ténue leitosidade embacia toda a face interna. Muito riscado pelo uso.

Corpo bulboso, fundo ligeiramente côncavo, boca larga e circular, bordo revirado para dentro, tubular. Asa de secção em D.

Altura: 80 mm. Diâmetro máximo: 74 mm. Espessura média do vidro: 1 mm.

Número de inventário: 2146.

Proveniência: necrópole do Padrãozinho, sepultura 112.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (1), fig. 11, n.º 153 e 153a; A. Viana, 1961, fot. 88 e 93.

26 — *Jarro*

Vidro transparente, verde-gelo, coalhado de bolhas de ar e com impurezas negras.

Fragmentado e incompleto. Parcialmente reconstruído com resina acrílica. Picado superficial.

Corpo ovoide, sem gargalo; boca circular; bordo revirado para dentro, tubular; fundo côncavo; pé ligeiramente apertado com turquês; tem uma asa formada por um fio de vidro da mesma cor que se dobra e redobra sobre o bordo de modo a formar um apoio para o polegar.

Altura: 131 mm. Diâmetro máximo: 76 mm. Espessura média do vidro: 0,75 mm.

Sem número de inventário.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (3), fot. 2; A. Viana, 1958, fot 186; A. Viana, 1961, fot. 29.

(26) Vid. Whiting, *Report on the excavation of the Roman cemetery at Ospringe, Kent*, Oxford, 1931, n.º 154; Vessberg, 1956, fig. 46,13.

27 — Jarro

Vidro transparente, verde-sombrio, com muitas bolhas de ar.

Fragmentado e incompleto. Reconstruído com resina acrílica. Leve picado na face externa.

Bojo esférico, fundo côncavo, boca trilobada e bordo revirado para dentro.

Asa de dois braços assentes sobre a parte trazeira do bordo e com apoio para o polegar; revirada para cima na base.

Altura: 170 mm. Diâmetro máximo : 122 mm. Espessura média do vidro: 1 mm.

Número de inventário: 2155.

Proveniência: necrópole de Serrones, sepultura 18.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (1), fig. 17, n.^{os} 42 e 42a; A. Viana, 1955 (3), fot. 217; A. Viana, 1961, fig. 2 e fot. 1 e 99.

CÂNTARO

Embora não sejam muito frequentes, há nos séculos i e II d.C. alguns pequenos cântaros de duas asas como o número 28. Fremersdorf publicou um encontrado em Colónia; é, porém, de bojo esférico, sem pé. Simonett apresentou um outro, mais semelhante no perfil e no pé ao de Vila Viçosa, encontrado num túmulo do segundo quartel do século i d.C. juntamente com sigillata de L. Avilius e L. Gellius. Em Pompado, Mezquiriz encontrou um cântaro também semelhante mas com o pé formado por cordão de vidro e atribuiu-o ao século i d.C. Em Itálica achou-se um outro, que Bellido considerou do século i ou ii d.C., embora não se tenha encontrado em contexto datável (27). No túmulo 427 da necrópole de Valdoça, cujo espólio publicámos no último número desta revista, encontrou-se um cântaro semelhante.

28 — Cântaro

Vidro transparente, verde-relva amarelado, com muitas impurezas negras nas asas, algumas bolhas de ar muito grandes e espuma de pequeninas bolhas.

(27) Vid. Fremersdorf, 1958, est. 34; Simonett, *Tessiner Gräberfelder*, Basileia, 1941, p. 78 e fig. 61 (cfr. a recensão de Lamboglia in *Rivista di Studi Liguri*, IX (1943), pp. 142 e 173); M. A. Mesquiriz de Catalán, *La excavación estratigráfica de Pompaelo*, Pamplona, 1956, fig. 143; A. Garcia y Bellido, *Colonia Aelia Augusta Italica*, p. 162, fig. 59, n.º 2.

Fragmentado e incompleto. Reconstruído com resina acrílica. Bastante riscado pelo uso, ligeiramente picado e com ténue leitosidade.

Bojo globular, fundo côncavo, pé ligeiramente apertado com turquês. Boca larga, bordo repuxado para fora e dobrado depois para dentro, mas polido ao fogo com grande perfeição. Duas asas de fita que se prendem no colo, descem ligeiramente, dobram-se e sobem até se prenderem no bordo e descem novamente sobre os ombros.

Altura: 98 mm. Diâmetro da boca: 75 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Sem número de inventário.

Proveniência: necrópole de Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (3), fot. 1; A. Viana, 1958, fot. 185; A. Viana, 1961, fot. 28.

GARRAFAS

As garrafas hexagonais, como as de número 29 e 30 deste artigo, são geralmente consideradas como da segunda metade do século i d.C. Há todavia alguns exemplos posteriores, a que já fizemos referência ao tratarmos dos vidros de Conímbriga (28). O número 30 poderia ter boca circular; a garrafa 29 tem-na todavia tribolada — o que deve ser raro em garrafas hexagonais pois não conhecemos nenhum outro exemplo. Uma garrafa hexagonal de Chipre tem asa muito semelhante à do Padrãozinho, também com apoio para o polegar (29).

Os números 31 e 32 são talvez garrafas, cujo tipo não se pode determinar por estarem muito incompletas.

As garrafas 33 a 38 são de tipo Isings 50. Esta forma surgiu no período de Cláudio ou Nero, tornou-se muito comum sob os Flávios e continuou a fabricar-se ainda pelo século n; há exemplares dos séculos ui e iv, mas raros e feitos de um vidro de fraca qualidade. Todas as garrafas de Vila Viçosa são da segunda metade do século i d.C. ou do ii d.C., embora seja difícil precisar-lhes a cronologia. A pequena garrafa 34 tem paralelo numa de Tongres e em outras duas publicadas por Fremersdorf (30), encontradas em contextos não datáveis mas possivelmente do século n. As garrafas muito altas como a nossa

(28) Vid. Alarcão, 1965, p. 92.

(29) Vid. Vessberg, 1956, fig. 47,6.

(30) Vid. Vanderhoeven, 1962, n.º 64 e Fremersdorf, 1958, est. 119.

de número 35 são menos comuns, mas há vários exemplares, alguns mesmo datáveis, como as de Tongres, encontradas em dois túmulos de c. 125 e da primeira metade do século n d.C. (31). Ainda em Tongres há paralelos para os ombros muito oblíquos do nosso número 36 (32).

A marca LLF da garrafa 33 é inédita. Conhecemos apenas um outro exemplo numa garrafa do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (inv. n.º 15707), mais baixa que a garrafa de Vila Viçosa.

Os fundos moldados com círculos concêntricos são comuns e já a propósito de garrafas semelhantes de Conímbriga citámos vários exemplos (33). Uma garrafa de Vindonissa tem, como a nossa de número 36, uma lingueta projectada de um dos círculos, mas para o interior (34).

As garrafas 39 e 40 são de um tipo inédito de que só conhecemos estes dois exemplares portugueses.

29 — *Garrafa*

Vidro transparente, ligeiramente tingido de verde-sombrio, filandrado, com pedra e cheio de bolhas de ar e espirais encordoadas resultantes da soflagem.

Fragmentada e restaurada com resina acrílica. Picado. Leitosidade por toda a face interna.

Bojo hexagonal, fundo ligeiramente côncavo; boca trilobada, bordo tubular revirado para dentro. Asa de fita, tripartida, com apoio para o polegar.

Altura: 130 mm. Diâmetro da base: 83 mm. Espessura do vidro: 0,5 mm.

Número de inventário: 2144.

Proveniência: necrópole do Padrãozinho, sepultura 60.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (1), fig. 12, n.ºs 182 e 182a; A. Viana, 1955 (3), fot. 222; A. Viana, 1961, fot. 94 e 101.

30 — *Garrafa*

Vidro transparente, verde-gelo, com muitas bolhas de ar e encordoamentos resultantes da soflagem.

(31) Vid. Vanderhoeven, 1962, n.ºs 68-71 e 59-60. Sobre a altura das garrafas de tipo lsings 50 vid. D. Charlesworth, «Roman square bottles» in *Journal of Glass Studies*, VIII (1966), 9-29.

(32) Vid. Vanderhoeven, 1962, n.ºs 48, 51-55 e 57.

(33) Vid. Alarcão, 1965, p. 91 e nota 5.

(34) Vid. Berger, 1960, n.º 200.

Fragmentada e incompleta. Picado incipiente.
 Bojo hexagonal, fundo raso, ombros descaídos.
 Altura: 83 mm. Diâmetro máximo: 78 mm. Espessura do vidro: 1 mm.
 Sem número de inventário.
 Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.
 Bibliografia: A. Viana, 1958, est. XIV; A. Viana, 1961, fot. 20.

31 — *Garrafa*

Vidro transparente, muito ligeiramente tingido de amarelo-ocre.
 Picado superficial em toda a superfície externa. Leitosidade.
 Fundo ligeiramente côncavo. Decoração de linhas incisas.
 Altura: 30 mm. Diâmetro máximo: 102 mm.
 Número de inventário: 2028.
 Sem indicação de proveniência.
 Inédita.

32 — *Garrafa*

Vidro transparente, muito ligeiramente tingido de amarelo-ocre.
 Picado superficial em toda a superfície externa. Leitosidade.
 Fundo ligeiramente saliente ao centro de modo a formar uma base. Decoração de linhas incisas.
 Altura: 23 mm. Diâmetro máximo: 76 mm.
 Sem número de inventário nem indicação de proveniência.
 Inédita.

33 — *Garrafa*

Vidro transparente, verde-gelo, coalhado de bolhas de ar, com algumas impurezas e estrias provenientes da soflagem.
 Fragmentada e reconstruída com resina acrílica. Ligeiro picado.
 Garrafa de secção quadrada, ombros arredondados, bordo revirado para fora e depois para dentro num perfil de martelo. Asa bífida. O fundo apresenta, em relevo, a marca LLF inscrita num losango e tem quatro apoios em L aos cantos.
 Altura: 141 mm. Diâmetro máximo 64 mm. Espessura média do vidro: 1 mm.
 Número de inventário: 2143.
 Sem indicação de proveniência.
 inédita.

34 — *Garrafa*

Vidro verde-gelo com muitas bolhas de ar e pedra; estrias resultantes da soflagem.
 Fragmentada e incompleta. Sem irisão nem outra forma de corrosão.
 Bojo sobre o quadrado, ombros arredondados, fundo côncavo decorado com

dois círculos em relevo. Bordo revirado para fora e depois para dentro, formando uma pequena aba. Asa tripartida.

Altura: 88 mm. Diâmetro da base: 66 mm. Espessura mínima do vidro: 1 mm.

Sem número de inventário.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (3), fot. 19; A. Viana, 1958, fot. 249; A. Viana, 1961, fot. 18 e 121.

35 — *Garrafa*

Vidro transparente, verde-gelo, com muitas bolhas de ar, pedra, impurezas negras e estrias provenientes da soflagem.

Fragmentada e parcialmente reconstruída com resina acrílica. Picado intenso na face externa e riscos causados pelo uso.

Garrafa de secção quadrangular, ombros arredondados, bordo dobrado para fora e revirado para dentro. Asa de fita, larga, polinervada. Fundo com quatro apoios em L aos cantos.

Altura: 247 mm. Diâmetro máximo: 88 mm. Espessura média do vidro: 1,5 mm.

Sem número de inventário.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (3), n.º 4; A. Viana, 1958, fot. 179; A. Viana, 1961, fot. 69 e 70.

36 — *Garrafa*

Vidro transparente, verde-sombrio, completamente coalhado de bolhas de ar, com filandrado e pedra.

Fragmentada e reconstruída com resina acrílica. Picado intenso em toda a superfície externa.

Garrafa de secção quadrangular, ombros descaídos, bordo dobrado para fora e revirado para dentro, formando uma aba descaída. Asa bífida. Fundo côncavo, decorado com dois círculos concêntricos em relevo, um dos quais com uma lingueta projectada para fora, e uma pérola ao centro.

Altura: 162 mm. Diâmetro máximo: 78,5 mm. Espessura média do vidro: 1 mm.

Sem número de inventário.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (3), fot. 7; A. Viana, 1958, est. XIV, n.º 248; A. Viana, 1961, fot. 17 e 120.

37 — *Garrafa*

Vidro transparente, verde-gelo, cheio de bolhas de ar.

Apenas se conservam alguns fragmentos da base e das paredes. Riscado pelo uso. Picado e esfoliações na face externa.

Garrafa de secção quadrangular, paredes verticais e fundo côncavo.

Altura: 53 mm. Largura máxima: 55 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Sem número de inventário nem indicação de proveniência.

Inédita.

38 — *Garrafa*

Vidro transparente, verde-relva, coalhado de bolhas de ar e com alguma pedra.

Fragmentada e sem asa, picada na face externa, com ranhuras profundas cortando a espessura do vidro, muito riscada do uso. Reconstruída com resina acrílica.

Bojo de secção quadrada, fundo ligeiramente côncavo com dois círculos concêntricos e um ponto ao centro, em relevo. Ombros arredondados, bordo triangular, dobrado para fora e revirado para dentro.

Altura: 165 mm. Diâmetro máximo: 81 mm. Espessura do vidro: 1,5 mm.

Sem número de inventário.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana, 1958, est. XIV, n.º 178; A. Viana, 1961, fot. 104.

39 — *Garrafa*

Vidro transparente, verde-relva, filandrado, com muitas bolhas de ar e impurezas negras.

Fragmentada e incompleta. Parcialmente reconstruída com resina acrílica. Picado ligeiro na face externa. Riscos do uso.

Bojo de secção circular, ombros muito arredondados e paredes arqueadas. Fundo côncavo. Bordo tubular. Asa bífida.

Altura: 129 mm. Diâmetro máximo: 109 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Sem número de inventário.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (3), fot. 9; A. Viana, 1958, est. XIV; A. Viana, 1961, fot. 66 (dada, por engano, como proveniente de Aljustrel).

40 — *Garrafa*

Vidro transparente, verde-gelo, filandrado, coalhado de bolhas de ar e com espirais resultantes da soffragem.

Fragmentada e reconstruída com resina acrílica. Picado superficial.

Bojo de secção circular, ombros muito arredondados, fundo côncavo. Bordo dobrado para fora e revirado para dentro, formando uma pequena aba ligeiramente descaída. Asa de fita.

Altura: 137 mm. Diâmetro máximo: 112 mm. Espessura média do vidro: 1 mm.

Proveniência: necrópole do Padrãozinho, sepultura 112.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (1), fig. 11, n.º 152; A. Viana, 1961, fot. 87 e 92.

ANFORETAS

A peça número 41 é uma forma inédita. Podíamos aproximá-la de uma anforeta descoberta num túmulo de c. 200 d.C. debaixo da igreja de S. Severino de Colónia; esta tem, porém, pansa mais piriforme, bocal afunilado e a parte inferior das asas trabalhada aos degraus (35). A nossa peça foi encontrada com um vaso de terra sigillata hispânica de forma inédita mas possivelmente do século II d.C. (36).

O número 42 pertence talvez a uma anforeta do mesmo tipo.

41 — *Anforeta*

Vidro transparente, verde-gelo, com muitas bolhas de ar e espirais resultantes da soflagem.

Fragmentada e incompleta. Parcialmente reconstruída com resina acrílica. Picado. Leitosidade incipiente.

Corpo globular, gargalo alto e cilíndrico, com duas asas virguliformes feitas de um fio de vidro da mesma cor. Fundo côncavo e pé ligeiramente apertado com turquêsos. Bordo tubular.

Altura: 181 mm. Diâmetro máximo: 80 mm. Espessura do vidro: 0,75 mm. Número de inventário: 2149.

Proveniência: necrópole do Padrãozinho, sepultura 52.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (3), fig. 13; A. Viana, 1961, fig. 5; Alarcão, 1964, fig. 14a.

42 — *Anforeta*

Vidro transparente, muito ligeiramente tingido de verde-sombrio, com bolhas de ar.

Fragmentada e incompleta. Parcialmente reconstruída com resina acrílica. Picado incipiente. Riscada pelo uso.

Corpo elíptico, fundo côncavo, pé ligeiramente apertado com turquêsos.

Altura: 108 mm. Diâmetro máximo: 92 mm. Espessura do vidro: 0,75 mm. Sem número de inventário nem indicação de proveniência.

Inédita.

(35) Vid. Fremersdorf, *Römische Glaser mit Fadenuflage in Köln*, Colónia, 1959, est. 79.

(36) Vid. A. Alarcão, «Algumas peças de terra sigillata na Secção Arqueológica do Paço Ducal de Vila Viçosa» in *Conimbriga*, II-III (1960-61), p. 198.

JARRA

A jarra 43 também não tem paralelo exacto. Aproxima-se todavia de uma encontrada num túmulo de Ampúrias e atribuída por Almagro à época de Tibério ou Cláudio (37). Poderíamos ainda aproximá-la do tipo Morin-Jean 62; datável do século m, sobretudo do tempo de Heliogábalo e Alexandre Severo, segundo Morin-Jean, este tipo apresenta geralmente uma decoração serpentiforme; tem todavia uma pansa mais elíptica, menos piriforme que o vaso de Vila Viçosa (38).

43 — *Jarra*

Vidro transparente, verde-gelo, com bolhas de ar e muitas espirais provocadas pela soflagem.

Fragmentada e restaurada com resina acrílica. Picado e esfoliações. Riscada pelo uso.

Corpo piriforme, decorado com linhas incisas, fundo côncavo, pé ligeiramente apertado com turquêses; gargalo alto, levemente afunilado e bordo de arestas vivas.

Altura: 220 mm. Diâmetro máximo: 77 mm. Espessura média do vidro: 1 mm.

Número de inventário: 2153.

Proveniência: necrópole da Chaminé.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (3), fot. 3; A. Viana, 1958, est. IX, n.º 1; A. Viana, 1961, fot. 14 e 46; Alarcão, 1964, fig. 14b.

BALÕES

O número 44 é difícil de classificar pois que lhe falta o gargalo. É talvez um tipo Isings 70 ou 103.

O número 45 é, pela mesma razão, difícil de identificar. Cabe possivelmente no tipo Isings 92, uma forma de bojo esférico e gargalo afunilado, típica do século n d.C.

(37) Vid. M. Almagro, *Las necropolis de Ampúrias, II*, Barcelona, 1955, Tablas no final do volume.

(38) Vid. Morin-Jean, 1913, p. 119 e Fremersdorf, *Römische Glaser mit Fadenaufilage in Köln*, Colónia, 1959, est. 10.

O número 46 é de tipo Isings 16, forma que surgiu no segundo quartel do século i d.C. e se fabricou por todo o século.

44 — *Balão*

Vidro transparente, ligeiramente tingido de verde-azeitona, com algumas bolhas de ar.

Fragmentado e incompleto. Parcialmente restaurado com resina acrílica. Picado ligeiro em toda a face externa. Leve embaciamento de todo o vidro.

Corpo quase esférico, decorado com uma linha gravada, fundo umbilicado. Gargalo estrangulado na base.

Altura: 62 mm. Diâmetro máximo: 74 mm. Espessura do vidro: 1,5 mm.

Sem número de inventário nem indicação de proveniência.

Inédito.

45 — *Balão*

Vidro transparente, muito ligeiramente tingido de verde-musgo, com bolhas de ar.

Fragmentado e incompleto. Parcialmente restaurado com resina acrílica. Picado incipiente cobrindo totalmente ambas as faces. Riscado pelo uso.

Bojo globular achatado, decorado com linhas incisas. Fundo levemente arqueado. Gargalo estreito na base.

Altura: 80 mm. Diâmetro máximo: 96 mm. Espessura média do vidro: 1 mm.

Sem número de inventário.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (3), fot. 10; A. Viana, 1958, est. XIV, fot. 180;

A. Viana, 1961, fot. 60.

46 — *Balão*

Vidro transparente, azul petróleo, com muitas bolhas de ar, pequenas, e espirais resultantes da soflagem.

Fragmentado e reconstruído com resina acrílica. Esfoliações nas duas faces e picado intensivo. Leitosidade em toda a face interna.

Bojo piriforme, base achatada, gargalo cilíndrico. Bordo tubular.

Altura: 160 mm. Diâmetro máximo: 87 mm. Espessura média do vidro:

1 mm.

Número de inventário: 2163.

Proveniência: Jerumenha.

Bibliografia: A. Viana, 1961, fot. 7.

BOIÕES

O pequeno boião 47 é muito semelhante a um do Museu Municipal da Figueira da Foz, encontrado na Serra de Portalegre. Ao publicarmos este último citámos já o boião de Vila Viçosa e outros paralelos em Mérida e Ampúrias e sugerimos para estes vasos o século i d.C. (39). Podemos acrescentar um boião encontrado num túmulo de c. 100 d.C. em Planig (Alemanha) (40).

O número 48 poderá integrar-se no tipo Isings 68. Neste tipo, comum nos fins do século i e por todo o século II d.C., há grande variedade; não encontramos, porém, nenhum de bojo aos gomos como o de Vila Viçosa.

47 — *Boião*

Vidro transparente, verde-gelo, muito cheio de bolhas e espirais resultantes da soflagem.

Fragmentado e incompleto. Picado ligeiro em ambas as faces e leitosidade incipiente.

Pequeno boião globular, de base achatada, boca larga e bordo voltado para fora e depois sobre si mesmo, formando um pequeno lábio arredondado.

Altura: 37,5 mm. Diâmetro da boca: 40 mm. Espessura mínima do vidro: 0,5 mm.

Sem número de inventário nem indicação de proveniência.
inédito.

48 — *Boião*

Vidro transparente, verde-gelo, com bolhas de ar e muitas espirais resultantes da soflagem.

Fragmentado e incompleto. Irisão multicolor. Picado intenso em ambas as faces.

Corpo globular com depressões ovais; fundo côncavo; bordo tubular, revirado para dentro.

Altura: 86 mm. Diâmetro máximo: 100 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Sem número de inventário nem indicação de proveniência.
Inédito.

(39) Vid. J. e A. Alarcão, «Vidros romanos do Museu Municipal da Figueira da Foz» in *Revista de Guimarães*, LXXIV, (1964), pp. 92-93.

(40) Vid. Kessler, «Jahresbericht des Altertums-Museums des Stadt Mainz für der Zeit vom 1 April 1939 bis 31, März, 1940» in *Mainzer Zeitschrift*, XXXV (1940), p. 71.

UNGUENTÁRIOS

Os unguentários de números 49-51 cabem num grupo de vasos de reservatório bulbiforme que, no Ocidente, datam da segunda metade do século i d.C. (41).

São de tipo Isings 82 A2 os números 52 e 53. Isings data este tipo do fim do século i até ao fim do II d.C. Vários unguentários deste tipo apresentam no fundo uma marca rodada, por vezes à volta de uma ou duas letras ou de uma figura (Minerva, galo, caduceu, etc.). O nosso balsamário tem no fundo a seguinte marca: CN.A.ING.V.A.V.M à volta de um V. Kisa registou esta marca, bem como variantes em que as letras centrais são MAF (em nexos), S,AF ou A. Seguindo Dressel, entende que se deve ler Cn. A() Ing(enui); e sugere que VAVM são letras iniciais de um topónimo (42). Froehner sugeriu que AV se devia ler *artificium vitriariorum* (43). Dumoulin publicou recentemente um unguentário do mesmo tipo com a legenda ...IAICV... à volta de um V (44).

O número 54 cabe no tipo 82 B2 de Isings, cuja cronologia vai também do fim do século i ao III d.C. É um tipo que parece ser raro em Portugal, pois conhecemos apenas dois outros exemplos, um proveniente da Escalos de Cima (Beira Baixa) e outro da Aramenha (45).

Os pequenos unguentários 55 e 56 são certamente do século i d.C. O primeiro assemelha-se a um encontrado em Vindonissa; para o segundo há paralelos frequentes nas necrópoles do Ticino, em Vindo-

(41) Vid. Alarcão, 1963, pp. 201-202.

(42) Vid. Kisa, *Das Glas in Altertume*, Leipzig, 1908, p. 939.

(43) Vid. Froehner, *La verrerie antique. Description de la collection Charvet*, Le Pecq, 1878, p. 24.

(44) Vid. Dumoulin, «Découverte d'une nécropole gallo-romaine à Apt (Vaucluse)» in *Gallia*, XXII (1964), p. 100 e fig. 19F. A marca, diz o autor, é difícil de ler. É possível pois que Dumoulin tenha errado a leitura.

(45) Vid. J. Leite de Vasconcelos «Antigualhas da Beira-Baixa. 2. Objectos romanos de Escalos de Cima», in *O Archeologo Português*, XXIII, p. 3 e fig. 11; J. e A. Alarcão, «Quatro pequenas colecções de vidros romanos» in *Revista de Guimarães*, LXXIII (1963), pp. 375-376.

nissa, no sul de França, etc. (46). Todos estes paralelos são do século i d.C., e alguns mesmo do primeiro quartel desse século.

Os unguentários 57 a 59, em forma de gota, são típicos dos reinados de Augusto e Tibério; os números 60 e 61, com estrangulamento bastante alto, são de época anterior a Cláudio; os números 62 a 65, estrangulados a meia altura ou mais abaixo, vão dos fins do reinado de Tibério à época de Tito (47).

49 — *Unguentário*

Vidro transparente, azul petróleo, com muitas bolhas de ar, pedra e filandrado.

Fragmentado e incompleto. Reconstruído com resina acrílica. Picado na face externa; ranhuras profundas atravessando toda a espessura do vidro; ligeira leitosidade. Muito riscado pelo uso.

Reservatório bulbiforme, fundo achatado, gargalo alto e cilíndrico, bordo tubular revirado para dentro.

Altura: 118 mm. Diâmetro máximo: 70 mm. Espessura média do vidro: 3 mm.

Número de inventário: 2090.

Proveniência: Jerumenha.

Bibliografia: A. Viana, 1961, fot. 51.

50 — *Unguentário*

Vidro transparente, verde-gelo, com algumas bolhas de ar e filandrado.

Intacto. Ligeiro picado na face externa. Esfoliações e leitosidade incipiente na face interna.

Reservatório bulbiforme, fundo achatado, gargalo alto e cilíndrico, bordo tubular revirado para dentro.

Altura: 124 mm. Diâmetro máximo: 68 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Número de inventário: 2151.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (3), fot. 14; A. Viana, 1958, est. VI, n.º 92; A. Viana, 1961, fot. 119.

(46) Vid Berger, 1960, n.º 184 e 183; Simonett, *Tessiner Graberfelder*, Basileia, 1941, pp. 46, 80, 135, 139 (cfr. a cronologia destes túmulos em Berger, 1960, pp. 91 e segs.); E. Mosca, «Note archeologiche Pollentine— Scavo del settembre 1958 nella necropoli di Pollenzo» in *Revista di Studi Liguri*, XXIV (1958), p. 346.

(47) Sobre a cronologia destes unguentários vid. Alarcão, 1963, pp. 181-183.

Vidros Romanos do Museu Arqueológico de Vila Viçosa 27

51 — *Unguentário*

Vidro transparente, verde-gelo, com algumas bolhas de ar.

Apenas se conserva o reservatório e parte do gargalo. Picado intensivo na face externa. Leitosidade e esfoliações incipientes.

Reservatório bulbiforme, de fundo achatado.

Altura do reservatório: 50 mm. Diâmetro máximo: 62 mm. Espessura do vidro: 1,5 mm.

Número de inventário: 2164.

Proveniência: Jerumenha.

Bibliografia: A. Viana, 1961, fot. 54.

52 — *Unguentário*

Vidro transparente, entre verde-gelo e verde-relva, com grandes bolhas de ar, filandrado e estrias resultantes da soflagem.

Fragmentado e incompleto. Parcialmente reconstruído com resina acrílica. Picado intensivo na face externa e largas esfoliações.

Reservatório triangular de fundo côncavo e paredes onduladas, gargalo cilíndrico, estrangulado na base, bordo dobrado para fora e revirado depois para dentro formando aba.

Altura do reservatório: 33 mm. Diâmetro máximo: 77 mm. Espessura do vidro: 2 mm.

Número de inventário: 2022.

Proveniência: necrópole de Serrones, sepultura 22.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (1), fig. 20, n.º 124 (na p. 11 é dado, por engano, como da necrópole do Padrãozinho); A. Viana, 1961, fot. 6.

53 — *Unguentário*

Vidro transparente, entre verde-relva e verde-sombrio, com muitas bolhas de ar e espirais resultantes da soflagem.

Fragmentado e incompleto. Reconstruído com resina acrílica. Picado e esfoliações nas duas faces.

Reservatório triangular, fundo côncavo, gargalo alto e cilíndrico, estrangulado na base, bordo virado para fora formando uma aba larga e terminando num lábio tubular. Tem na base, em relevo, a marca CN.A.ING.V.A.V.M. à volta de um V.

Altura: 121 mm. Diâmetro da base: 80 mm. Espessura do vidro: 0,5 mm.

Número de inventário: 2152.

Proveniência: necrópole do Padrãozinho, sepultura 112.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (1), fig. 12, n.º 183 e 183a e fig. 20, n.º 1; A. Viana, 1961, fot. 95 e 102.

54 — *Unguentário*

Vidro transparente, ligeiramente tingido de verde-maçã, com muitas bolhas de ar.

Falta-lhe o bordo e parte do gargalo. Picado na superfície externa; riscado pelo uso; embaciado por tênue leitosidade da face interna.

Reservatório em boca de sino, gargalo alto e estreito, fundo ligeiramente côncavo.

Altura: 75 mm. Diâmetro da base: 38 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Número de inventário: 2162.

Proveniência: herdade de «A do Rico».

Bibliografia: A. Viana, 1961, fot. 22.

55 — *Unguentário*

Vidro translúcido, de cor azul da Prússia, coalhado de bolhas de ar, com alguma pedra e filandrado. Mau fabrico.

Fragmentado e de bordo esborcelado. Reconstruído com resina acrílica. Picado intensivo na face externa. Ligeiramente embaciado em toda a superfície.

Reservatório piriforme, fundo ligeiramente côncavo, bordo de arestas polidas ao fogo.

Altura: 51 mm. Diâmetro máximo: 36 mm. Espessura do vidro: 0,5 mm.

Número de inventário: 2276.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (3), fot. 11; A. Viana, 1958, est. XIV, 181 e fig. 6, n.º 7; A. Viana, 1961, fot. 33 e 107 e fig. 21.

56 — *Unguentário*

Vidro translúcido, azul da Prússia, com raras bolhas de ar e espirais resultantes da soflagem.

Falta-lhe um bocado do corpo, que foi reconstruído com resina acrílica. Picado profundo por toda a superfície; irisão esmaltada de cor castanha na face interna e ligeira leitosidade.

Corpo esférico, fundo ligeiramente umbilicado, bordo de arestas polidas ao fogo.

Altura: 49 mm. Diâmetro máximo: 35 mm. Espessura do vidro: 0,5 mm.

Número de inventário: 2275.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (3), fot. 13; A. Viana, 1958, fig. 6, n.º 8 e est. XIV; 182; A. Viana, 1961, fot. 35 e 109 e fig. 21.

57 — *Unguentário*

Vidro transparente, levemente tingido de azul Caran d'Ache, filandrado, com muitas bolhas de ar e estrias causadas pela soflagem.

Fragmentado e incompleto. Picado, esfoliações e leitosidade.

Reservatório em forma de pingo de mel, de fundo ligeiramente umbilicado. Bordo de arestas polidas ao fogo.

Altura: 77 mm. Diâmetro da boca: 20 mm. Espessura do vidro; 0,5 mm.

Sem número de inventário nem indicação de proveniência. É talvez o unguentário que aparece em A. Viana, 1958 est. XX, sem número, ao lado do n.º 156, e neste caso terá sido achado na necrópole da Horta das Pinas.

58 — *Unguen tário*

Vidro transparente, azul-cobalto claro, filandrado, com algumas bolhas de ar e estrias provenientes da soflagem.

Bordo esborcelado. Picado e cheio de esfoliações. Leitosidade e irisão esmaltada.

Reservatório em forma de gota; bordo de arestas vivas.

Altura: 114 mm. Diâmetro da boca: 23 mm. Espessura do vidro: 0,5 mm.

Número de inventário: 2277.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (3), fot. 12; A. Viana, 1958, fig. 6, n.º 6 e est. XIV, 190; A. Viana, 1961, fot. 34 e 108.

59 — *Unguentário*

Vidro transparente, verde-gelo, coalhado de bolhas de ar e espirais provocadas pela soflagem.

Fragmentado e restaurado com resina acrílica. Riscado pelo uso.

Reservatório em forma de gota, bordo envasado de arestas polidas ao fogo.

Altura: 83 mm. Diâmetro da boca: 19 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Sem número de inventário nem indicação de proveniência.

Inédito.

60 — *Unguentário*

Vidro transparente, azul-petróleo, filandrado, com muitas bolhas de ar, pedra e estrias encordoadas.

Intacto. Esfoliações na face interna. Pequenas manchas leitosas.

Reservatório tubular, estrangulado na parte superior; fundo ligeiramente umbilicado; bordo de arestas polidas ao fogo.

Altura: 106 mm. Diâmetro da boca: 19 mm. Espessura do vidro: 0,5 mm.

Número de inventário: 2279.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana, 1958, est. XIV, 189 e fig. 6, n.º 9; A. Viana, 1961, fot. 115

61 — *Unguentário*

Vidro transparente, levemente tingido de verde-sombrio, com muitas bolhas de ar e espirais provenientes da soflagem.

Fragmentado e parcialmente reconstruído com resina acrílica. Picado e esfoliações na face externa. Leitosidade na face interna.

Reservatório em forma de gota, com estrangulamento na parte superior. Fundo achatado.

Altura: 89 mm. Diâmetro da boca: 17 mm. Espessura do vidro: 0,5 mm.

Sem número de inventário.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana, 1958, fig. 6, n.º 4 e est. XIV, 187; A. Viana, 1961, fot. 111.

62 — *Unguentário*

Vidro transparente, azul petróleo, com bolhas de ar e estrías provenientes da soflagem.

Intacto. Ténue leitosidade na face interna e picado incipiente. Riscos feitos pelo uso.

Reservatório tubular com estrangulamento a meia altura. Fundo achatado e bordo de arestas vivas.

Altura: 138 mm. Diâmetro da boca: 26 mm. Espessura do vidro: 1,75 mm.

Número de inventário: 2159.

Proveniência: necrópole de Serrones, sepultura 16.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (1), fot. 18, n.º 48; A. Viana, 1961, fot. 125.

63 — *Unguentário*

Vidro transparente, verde-esmeralda, filandrado, com algumas bolhas de ar e espirais provenientes da soflagem.

Fragmentado e incompleto. Riscado pelo uso. Leitosidade e picado incipientes.

Reservatório tubular com estrangulamento a meia altura.

Altura: 111 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Número de inventário: 2160.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (3), fot. 20; A. Viana, 1958, est. IX, n.º 94; A. Viana, 1961, fot. 126.

64 — *Unguentário*

Vidro transparente, verde-gelo, filandrado, com muitas bolhas de ar e espirais resultantes da soflagem.

Inteiro. Ligeiro picado; ranhuras fortes cortando toda a espessura do vidro. Leitosidade.

Reservatório tubular com estrangulamento a meia altura. Fundo ligeiramente umbilicado. Bordo polido ao fogo.

Altura: 110 mm. Diâmetro da boca: 17 mm. Espessura do vidro: 0,5 mm.

Número de inventário: 2161 (ou 2167?).

Proveniência: necrópole de Serrones, sepultura 7.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (1), fig. 18, n.º 44; A. Viana, 1961, fot. 127.

65 — *Unguentário*

Vidro transparente, verde-gelo, com raras bolhas de ar e espirais resultantes da soflagem.

Completo, com o bordo esborcelado. Picado intensivo em ambas as faces. Leitosidade e irisão esmaltada sobre toda a face interna.

Reservatório tubular com estrangulamento na parte inferior. Fundo convexo. Bordo de arestas vivas.

Altura: 170 mm. Diâmetro da boca: 24 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Número de inventário: 2278.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana, 1958, est. XIV, fot. 188; A. Viana, 1961, fot. 113.

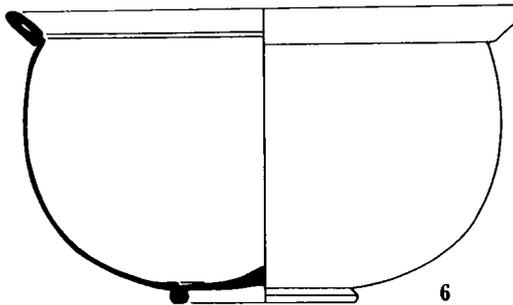
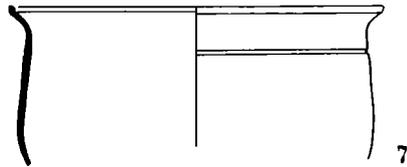
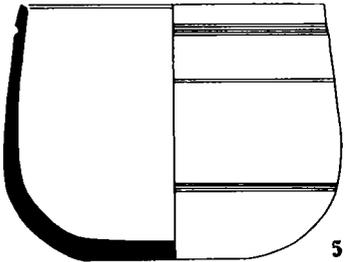
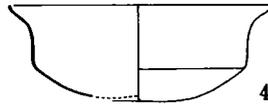
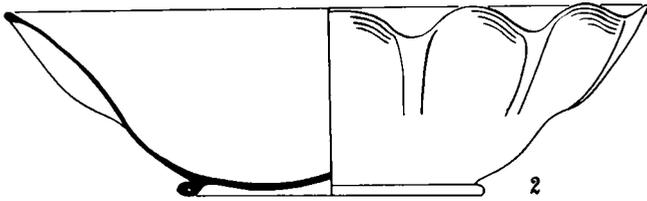
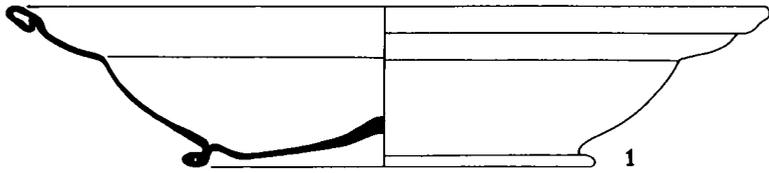
JORGE e ADÍLIA ALARCÃO

ABREVIATURAS USADAS

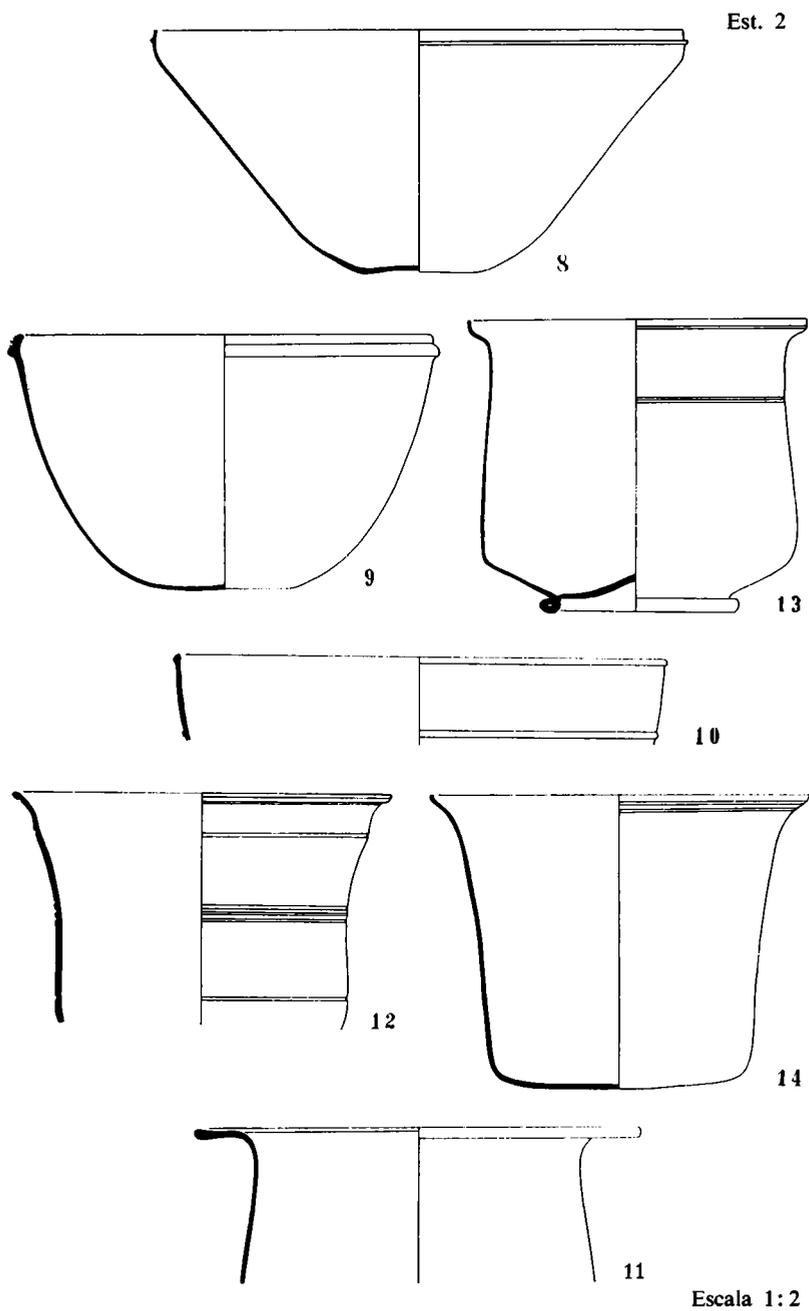
- Alarcão, 1963: J. e A. Alarcão, «Vidros romanos do Museu de Martins Sarmento» in *Revista de Guimarães*, LXXIII (1963), pp. 175-209.
- Alarcão, 1964: J. Alarcão, «Formes peu communes de la verrerie romaine au Portugal» in *Amales du 3^e Congrès des Journées Internationales du Verre (Damas, 14-23 novembre 1964, Liège, s.d., pp. 56-62.*
- Alarcão, 1965: J. e A. Alarcão, *Vidros romanos de Conimbriga*, Conimbriga, 1965.
- Berger, 1960: L. Berger, *Römische Gläser aus Vindonissa*, Basileia, 1960.
- Fremersdorf, 1958: F. Fremersdorf, *Das naturfarbene sogenannte blaugriene Glas in Koln*, Colónia, 1958.
- Harden, 1936: D.B. Harden, *Roman Glass from Karanis*, Michigão, 1936.
- Morin-Jean, 1913: Morin-Jean, *La verrerie en Gaule sous Vempire romain*, Paris, 1913.
- Vanderhoeven, 1962: M. Vanderhoeven, *De romeinse Glasverzameling in het Gallo-Romeins Museum te Tongres*, Tongres, 1960.
- Vessberg, 1956: O. Vessberg, *The Swedish Cyprus Expedition, vol IV, part 3: The Hellenistic and Roman Periods in Cyprus*, Estocolmo, 1956.
- Viana, 1955 (1): A. Viana e A. Dias de Deus, «Nuevas necropolis celto-romanas de la region de Elvas, Portugal» in *Archivo Español de Arqueologia*, (1955), pp. 33-68.
- Viana, 1955 (2): A. Viana e A. Dias de Deus, «Necropolis de la Torre das Arcas» in *Archivo Español de Arqueologia*, (1955), pp. 244-265.
- Viana, 1955 (3): A. Viana, «Notas de arqueologia alto-alentejana (Materiais do Museu Arqueológico do Paço Ducal de Vila Viçosa)» in *A Cidade de Évora*, n.ºs 33-34 (1955), pp. 235-258.
- Viana, 1958: A. Viana e A. Dias de Deus, «Campos de urnas do concelho de Elvas (Paço Ducal de Vila Viçosa). Materiais da Secção Arqueológica» in *O Instituto*, vol. 118 (1958), pp. 133-193.
- Viana, 1961: A. Viana, «Vidros Romanos em Portugal. Breves Notas» in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* (Faculdade de Ciências do Porto), XVIII (1960-61), pp. 5-42.

(Página deixada propositadamente em branco)

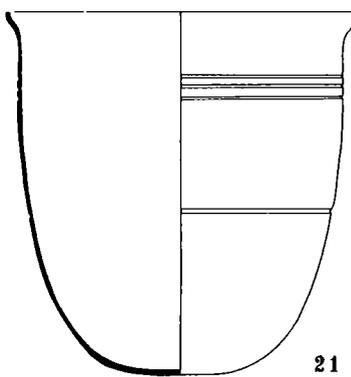
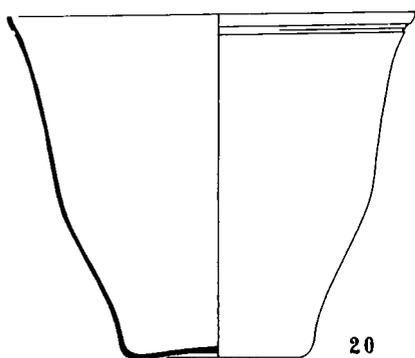
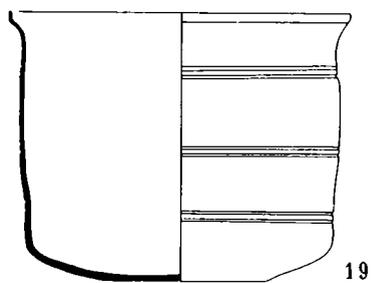
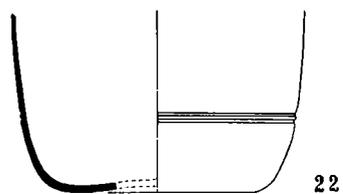
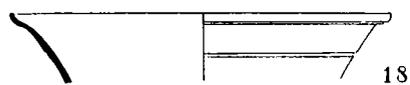
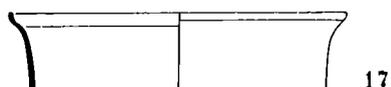
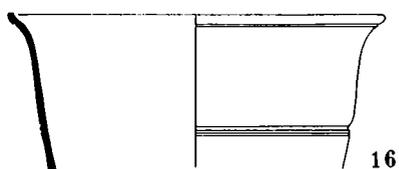
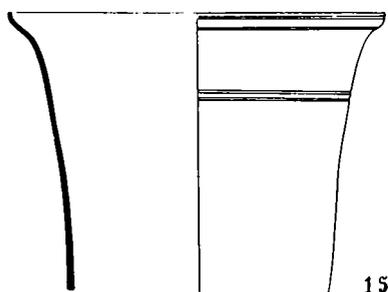
Est. 1



Escala 1:2

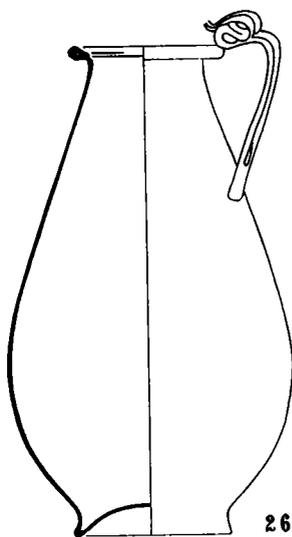
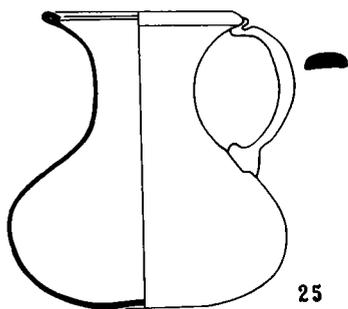
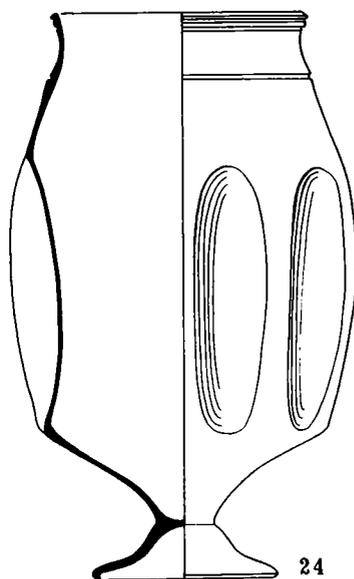
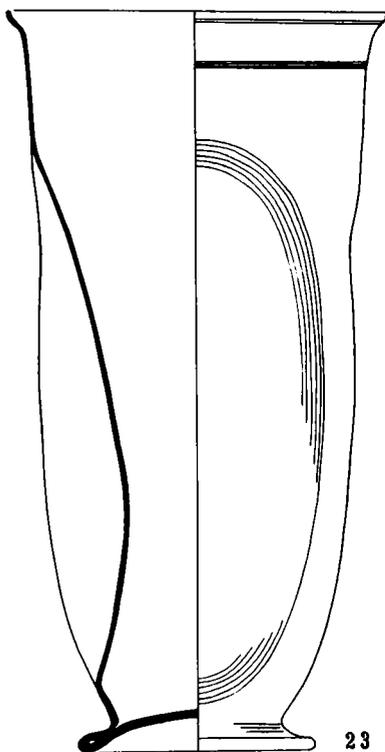


Est. 3



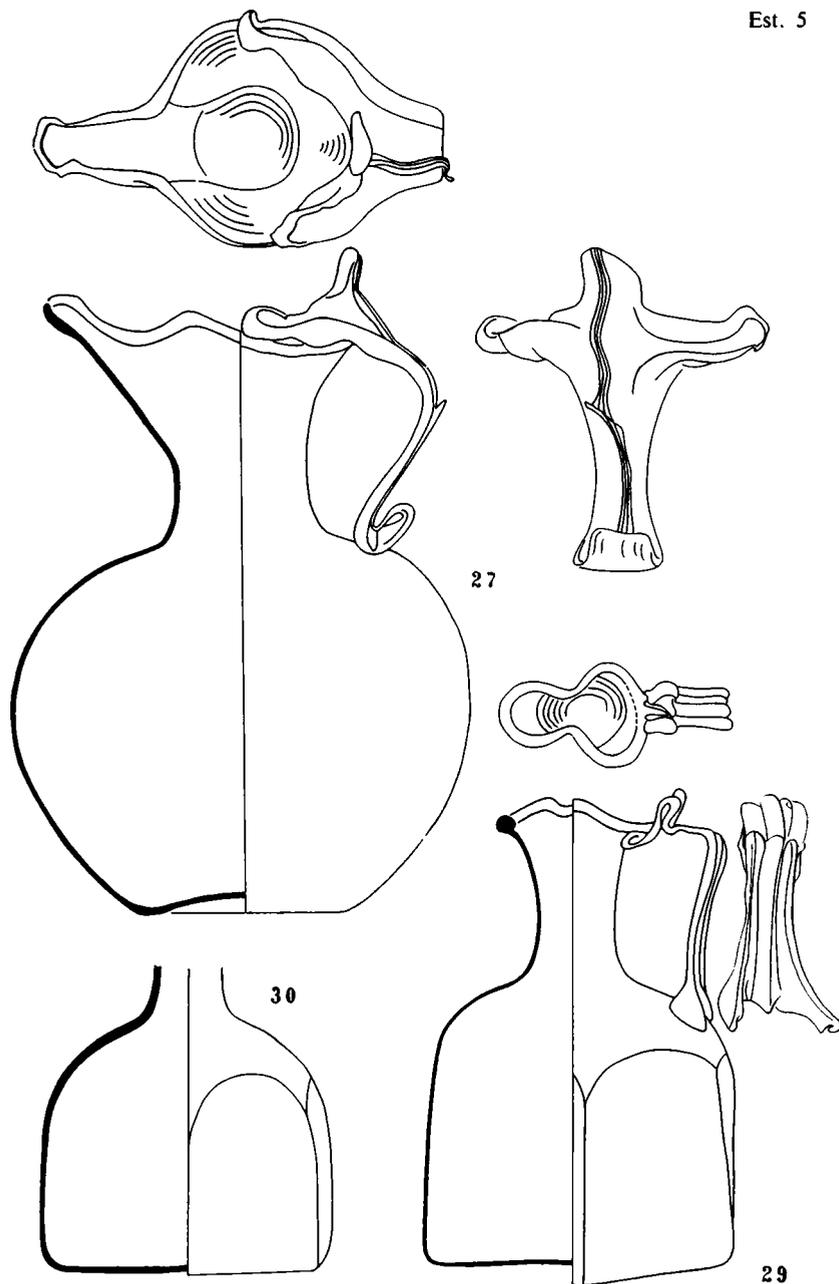
Escala 1:2

Est. 4



Escala 1:2

Est. 5



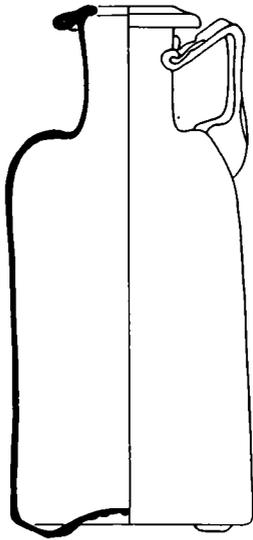
27

30

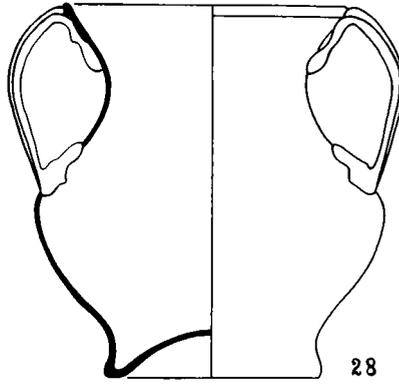
29

Escala 1:2

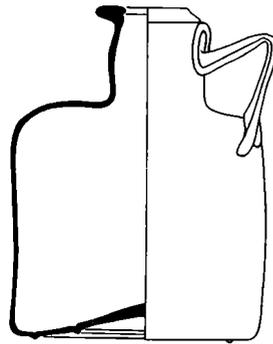
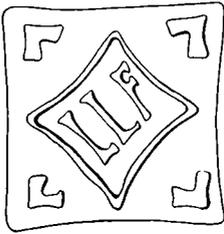
Est. 6



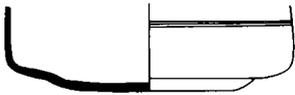
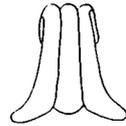
33



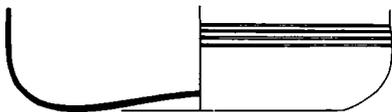
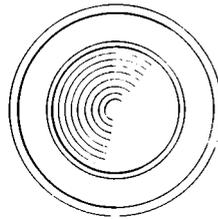
28



34



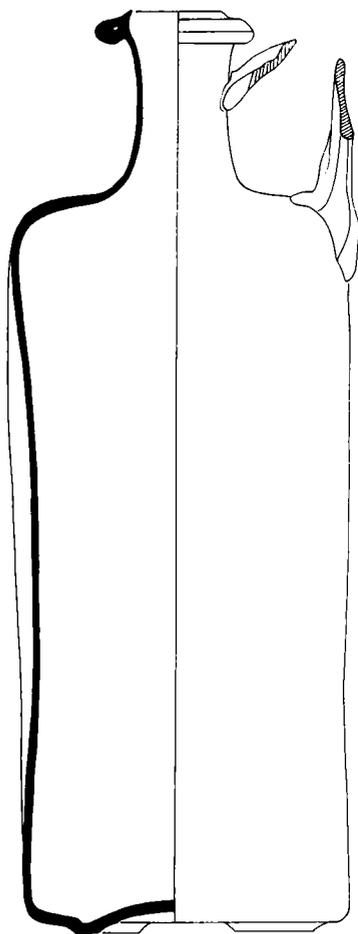
32



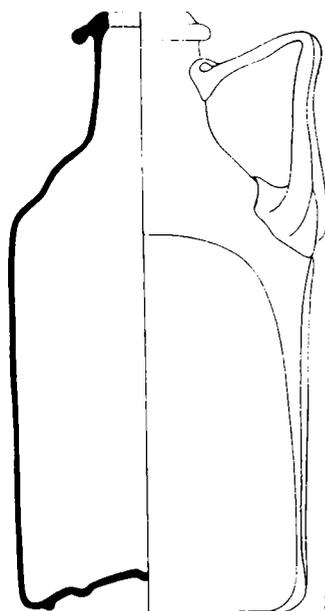
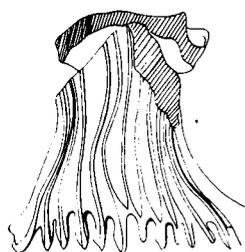
31

Escala 1:2

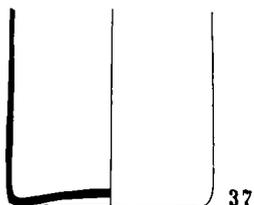
Est. 7



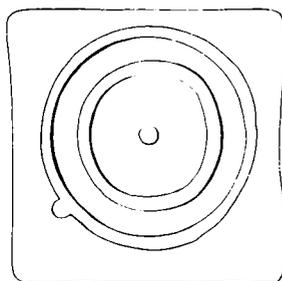
35



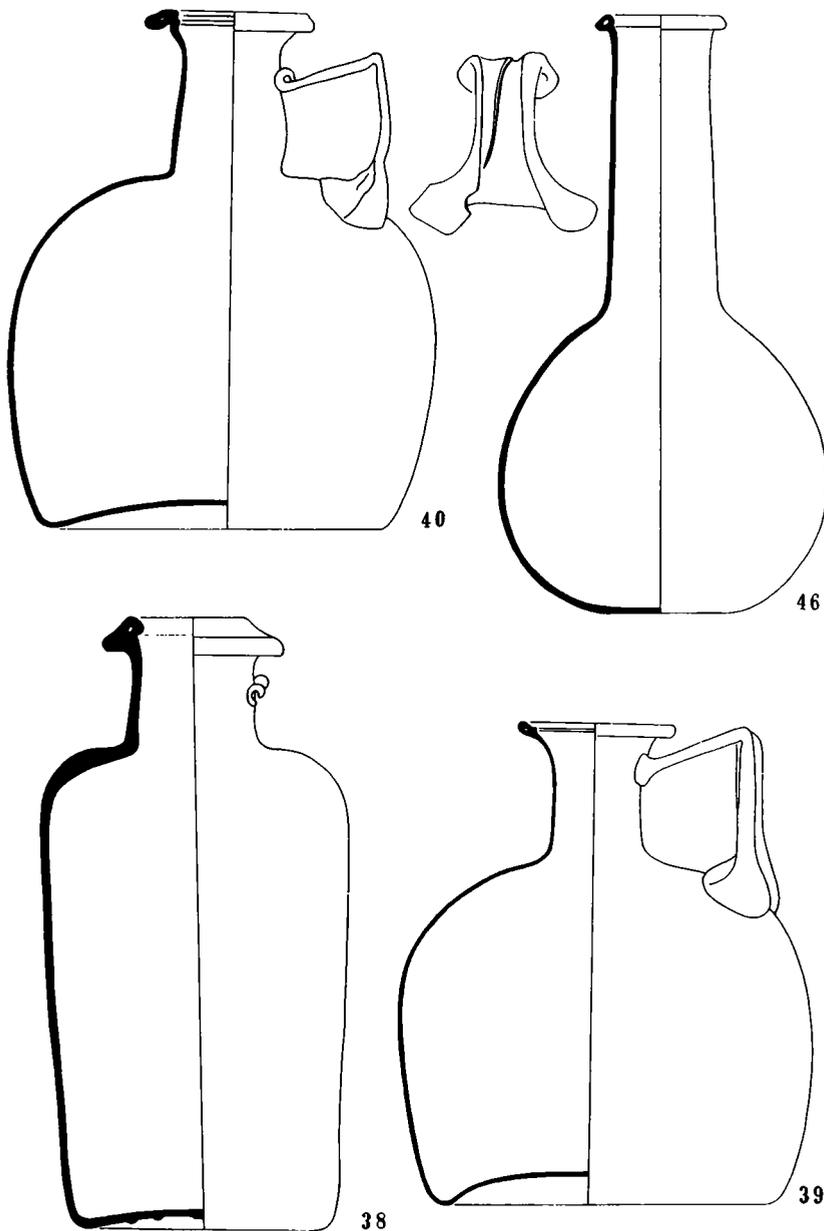
36



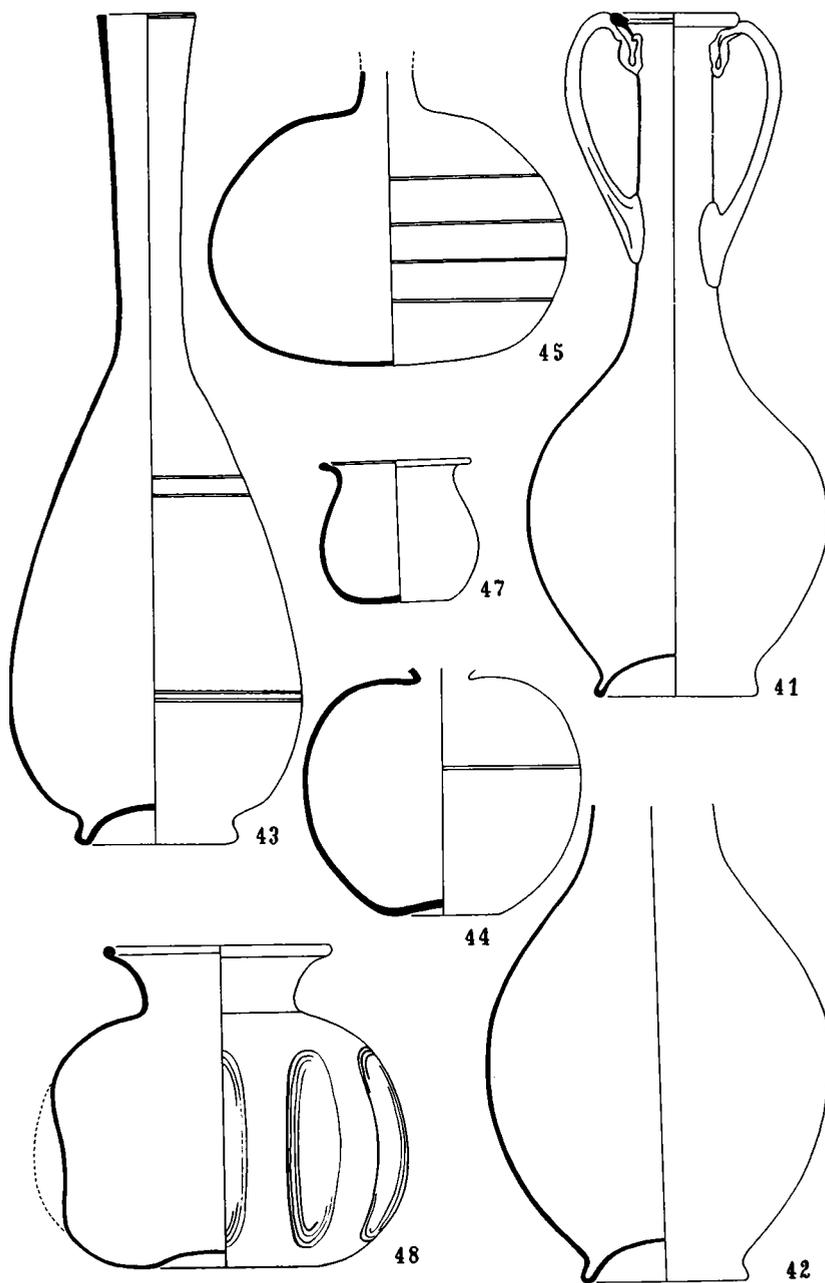
37



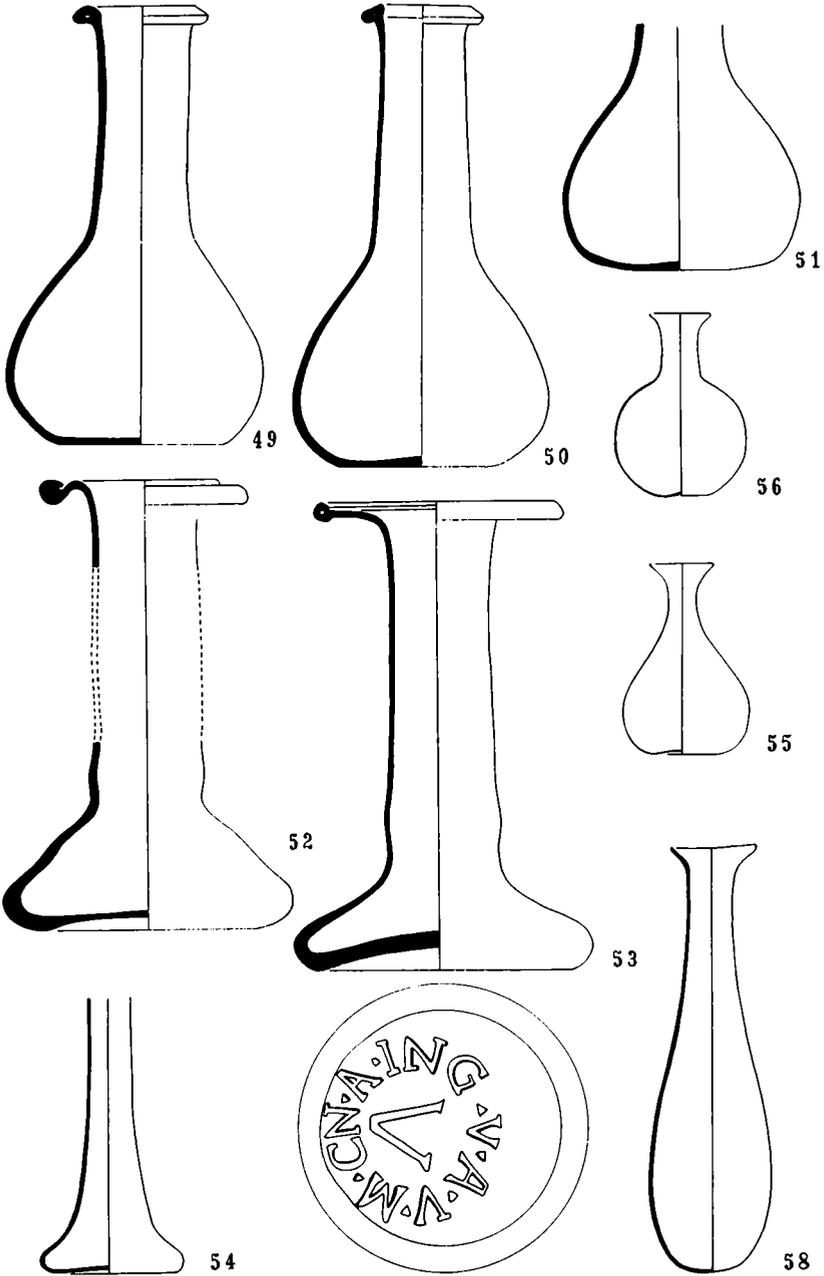
Escala 1: 2



Escala 1:2



Escala 1:2

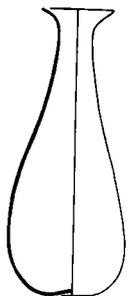


Escala 1:2

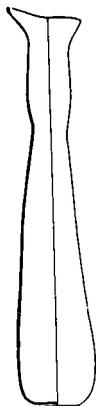
Est. 11



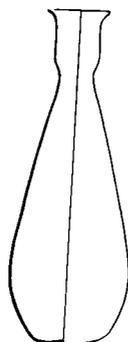
59



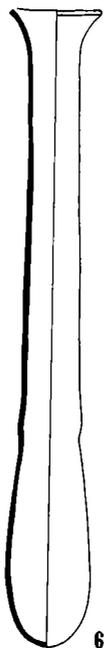
57



60



61



65



63

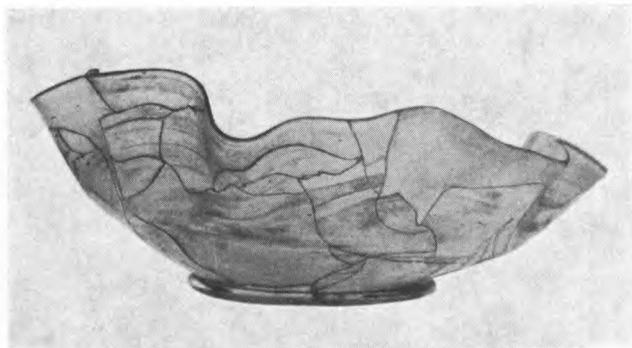


64



62

Escala 1:2



2



24

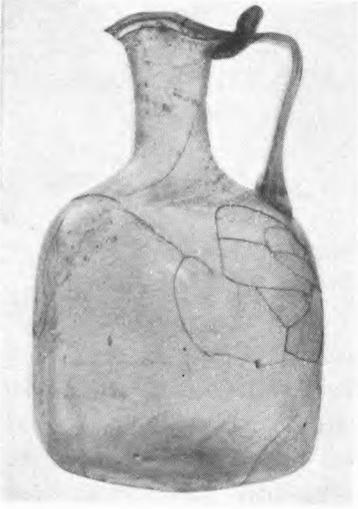


28



25

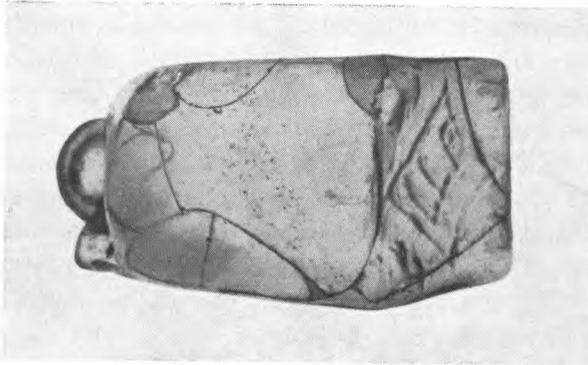
Est. 13



27



29



33

(Página deixada propositadamente em branco)

TERRA SIGILLATA CLARA DE CONÍMBRIGA

I — INTRODUÇÃO (*)

a) NOÇÕES GERAIS SOBRE A TERRA SIGILLATA CLARA

Nos fins do século i d. C, as oficinas de sigillata da Gália meridional, cujos produtos haviam fornecido todos os mercados da bacia do Mediterrâneo, cessam a sua actividade e são substituídas pelas oficinas de Lezoux, mais ao norte, que exportam principalmente para o norte da Gália, a Germânia e a Bretanha, chegando raramente os seus produtos às costas do Mediterrâneo e Norte de África. Como substituto da sigillata sud-gálica e itálica, surge então nesta altura (90-100 d.C.), na bacia mediterrânica e numa área cujos limites exactos ainda não estão bem definidos, uma cerâmica de luxo de argila vermelha e engobe alaranjado que rapidamente se difundiu e persistiu com variantes de fabrico e de formas até aos fins do século iv. O aparecimento desta cerâmica de engobe alaranjado marca, nos séculos n, m e iv, uma divisória entre a área continental, onde continua uma tradição cada vez mais degradada da terra sigillata gálica, e a área mediterrânica. A qualidade do fabrico desta cerâmica, especialmente dos tipos mais antigos, leva Waagé a colocá-la ao lado das antigas cerâmicas de luxo e Comfort a ver nela um dos sinais de persistência, no litoral do Mediterrâneo, duma «capacity to initiate original new traditions» (1), em oposição à Gália Oriental e Vale do Reno.

* Agradeço ao Senhor Dr. J. M. Bairrão Oleiro a autorização que me concedeu para estudar a colecção de sigillata clara de Conimbriga.

(1) Comfort, *Draft of article* «Terra Sigillata» for *Enciclopedia Italiana deWArte Antica*. (Agradeço ao Dr. J. M. Bairrão Oleiro ter-me comunicado este texto, policopiado, que o autor distribuiu por vários especialistas de cerâmica romana).

As primeiras notícias sobre esta cerâmica são dadas por Kubler, Waagé, Iliffe, em seguida a escavações de Atenas e localidades da Síria, Judeia e Egipto (2). Novos trabalhos se seguiram então, resultantes do estudo do material de novas escavações ou de colecções, na Grécia, Mediterrâneo Oriental, Norte de África, Itália, Espanha, Alemanha, o que mostra uma progressiva compreensão do interesse de tal estudo para a interpretação histórica do ambiente económico-social do Médio e Baixo Império.

O conjunto importante de trabalhos publicados e o valor incontestado de muitos deles, não significa, porém, que esteja próxima a solução para todos os problemas que levanta o estudo de tal cerâmica: sua exacta definição, local de origem, área de difusão, interdependência, áreas de influência e sucessão cronológica dos vários tipos de fabrico, limites cronológicos.

Não são unânimes os autores no nome a atribuir à nova produção: Waagé chama-lhe «Late Roman»; Nino Lamboglia, «Terra Sigillata Chiara»; Paiol designa a mais tardia por «terra sigillata romano-cristã ou estampada paleo-cristã»; Baradez, «cerâmica fina africana vermelha-alaranjada de engobe polido ao torno».

Suponho que, mais que discutir a maior ou menor legitimidade duma designação, interessa verificar que esta diversidade resulta da impossibilidade actual de bem a definir. E esta impossibilidade advém fundamentalmente do facto de tal produção cobrir uma grande área e durar cerca de 3 ou 4 séculos, o que arrasta a variações e mesmo imitações de fabrico que só uma análise química das argilas, como tantas vezes tem sido dito, ajudaria a bem caracterizar. Mas a esta dificuldade que um único observador experimentaria, acrescenta-se a que resulta da necessidade de interpretar descrições de engobes e pastas feitas por vários observadores, descrições que, por mais rigorosas, estão sujeitas ao necessário subjectivismo de quem as faz e de quem as interpreta. Talvez por todas estas dificuldades não estejam ainda

(2) Karl Kubler, «Spatantike Stempelkeramik», in *Athenische Mitteilungen*, 56 (1931), pp. 75-86.

Waagé, «The American Excavations in the Athenian Agora, First Report: The Roman and Bizantine Pottery», in *Hesperia*, II, 1933.

H. Iliffe, «Sigillata Ware in the near East», in *The Quarterly of the Department of Antiquities in Palestine*, VI (1938), pp. 1-53.

bem esclarecidas, ao que me parece, as relações entre os vários tipos desta produção definidos por Lamboglia e os Late Roman A e Late Roman B do Mediterrâneo Oriental, assim designados e descritos por Waagé. A julgar por urna certa analogia de fabricos, pela correspondência de muitas formas, não só da produção Late A com a terra sigillata clara C, mas também da Late B com as da T.S. clara A e D, e ainda por coincidências cronológicas, suponho que estas relações são muito mais estreitas que a simples correspondência entre o fabrico Late A e a terra sigillata clara C, unánimemente aceite.

As mesmas dificuldades devem também explicar o facto de os mais tardios exemplares que Lamboglia inclui na produção da terra sigillata clara (3) terem sido, quase sempre, estudados como uma produção diferente — cerâmica estampada — que teria sucedido à produção da terra sigillata clara.

Ora suponho que, para já, não é possível estabelecer uma diferença definitiva entre as duas produções por ausência dum critério seguro de diferenciação. Tal critério não nos é fornecido pelas formas: a cerâmica estampada repete as formas da T.S. clara D, muitas das quais persistem na cerâmica cinzenta. Também parece impossível, de momento, distingui-las pelo engobe e pasta, e a diferença estabelecida por Jodin e Ponsich — «alors que la sigillée claire est généralement enduite d'une engobe orangée, la poterie estampée du IV^{ème} siècle se presente sans aucune couverte» (4) — não pode ser tomada como lei geral. Baradez, que descreve com pormenor os engobes e pastas desta produção encontrada em Tipasa, nota pequenas diferenças entre «la céramique fine africaine rouge-orange du IV^{ème} siècle», com decoração estampada, que, como a anterior, «a été finement engobée et très vraisemblablement repolie au tour avec un lisseur (5). Adília e Jorge Alarcão, por sua vez, encontraram decoração estampada em vasos de Conímbriga com engobe em ambas as faces, com engobe só na face interna e sem engobe (6). Resta-nos a decoração, como sinal diferencial. Mas ainda esta não me parece suficiente. Suponho que a estampagem, antes do mais, é uma técnica de decoração que não é exclusiva dum tipo

(3) Lamboglia, 1963, p. 180.

(4) Jodin et Ponsich, 1960, p. 301.

(5) Baradez, 1961, p. 124.

(6) Alarcão, 1964, p. 84.

de fabrico, embora seja certo que se vulgarizou e tornou a decoração típica do século iv sendo, por isso, necessariamente mais frequente sobre as formas tardias da cerâmica de engobe alaranjado. Entretanto Francisca Pallarés apresenta um vaso da coleção do Museu de Copenhague, forma 4/36, que a autora inclui na produção de T.S. clara A tardia, com decoração estampada de rombos e círculos sobre o bordo (7). Waagé encontra decoração estampada nalgumas formas «intermediate» dos fins do século m, e Lamboglia publicou um vaso de Albintimilium, em cerâmica luzente, forma 2/37, com decoração estampada na face externa do bojo, constituída por círculos concêntricos entre 2 caneluras (8). Parece-me, pois, prematuro, com base em qualquer destes factores, estabelecer uma diferenciação de fabrico, embora seja de admitir a hipótese de tal diferenciação vir a tornar-se necessária.

Depois de estudos parcelares sobre a terra sigillata clara em que já são apontadas características de pastas, engobes, formas e referências cronológicas (9), Nino Lamboglia publica, em 1958, um estudo tipológico da T.S. clara A e B (10), a que se segue, em 1963, o da T.S. clara C e D (11), com base na observação de material proveniente da Liguria, Provença e Levante Espanhol, e muito particularmente das escavações de Ampúrias e Albintimilium. O próprio autor diz que esses estudos não podem ser considerados definitivos, antes deverão ser enriquecidos por novas investigações, mas a verdade é que continuam sendo um estudo fundamental pela panorâmica desta produção, diferenciação de fabricos e formas, dados cronológicos que fornece, relativos a uma área importante pela sua localização geográfica, abundância de material e, no caso de Ampúrias e Albintimilium, pelo modo sistematizado como têm sido escavadas.

Dentro da produção da terra sigillata clara, Nino Lamboglia distinguiu 4 tipos de fabrico que se sucedem dos fins do século i até fins do século iv e a que chamou tipos A-B-C-D. A grande abun-

(7) Pallarés, 1960, p. 278 e fig. 7-2 a e b (Est. 308).

(8) Lamboglia, 1963, p. 171.

(9) Lamboglia, 1941; 1950; 1952; 1955.

(10) Lamboglia, 1958, pp. 257-330.

(11) Lamboglia, 1963, pp. 145-211.

dância dos tipos A-C-D em todo o litoral do Mediterrâneo, em contraste com a escassez do tipo B, leva a admitir que aqueles sejam de origem marítima e este de procedência continental.

Tipo A — Caracteriza-se por urna pasta avermelhada de grão fino e fractura vitrea e ondulada, muito dura. A cozedura é geralmente muito regular e sonora. O engobe, de cor laranja claro, cobre, em geral, ambas as faces e é homogéneo e brilhante. Este engobe, típico dos exemplares mais antigos, degrada-se e torna-se opaco nos exemplares mais tardios.

Este fabrico tem grande variedade de formas: tigelas, olpes, urnas, marmitas, pequenos e grandes pratos, muitas das quais derivadas de formas anteriores da *T. sigillata* sud-gálica. Levando em conta estas relações Nino Lamboglia distingue 27 formas-tipo e respectivas variantes, muitas das quais persistem com algumas alterações nos fabricos seguintes da *T. sigillata clara*.

Francisca Pallarés, ao estudar a colecção de vasos provenientes do Norte de África e pertencentes ao Museu de Copenhague — que haviam sido publicados em 1955 no *Corpus Vasorum Antiquorum*, juntamente com cerâmica de diversa origem — encontra muitas das formas já classificadas por Lamboglia e determina formas novas de *T. sigillata clara* A ainda desconhecidas na margem norte do Mediterrâneo (12). São elas as formas 28 (que Gabriela Martin de Castillo também refere (13)), 30, 33, 35, 39. A mesma autora publica também um prato de Barcelona, de tipo A, forma 41, a qual, até então, só era conhecida nos fabricos C e D (14).

As formas do tipo A caracterizam-se pelo seu pé pequeno, mas não atrofiado, pelas dimensões médias dos vasos (os grandes pratos estão representados apenas pelas formas 9 e 41) e pela presença de 2 caneluras sob o bordo interno muito características dos exemplares mais antigos.

Neste tipo predomina a decoração à roleta sobre o bordo e carena. Encontra-se a decoração de folhas de água, feita com barbotina, nas formas 4/36 A e 35 (Museu de Copenhague), como revivescência directa

(12) Pallarés, 1960, pp. 264-288.

(13) Martin de Castillo, 1965, fig. 28.

(14) Pallarés, 1959, pp. 234-235.

das mesmas formas em T. sigillata sud-gálica. A decoração em relevo é exclusiva, de momento, da forma 6 e a decoração estampada de rombos e círculos numa forma 4/36 tardia, sem engobe (Museu de Copenhague) (15).

A terra sigillata clara A, desconhecida na área continental, difundiu-se largamente por toda a costa mediterrânica. Muito abundante na margem norte, é-o, tanto ou mais, em todas as estações exploradas da Argélia e Marrocos. Tal como disse atrás, penso que este fabrico chegou também, embora em menor quantidade, aos mercados do Mediterrâneo Oriental e corresponde às formas mais antigas do que Waagé chama «Late B». Para só referir as formas cuja correspondência com outras da T. sigillata clara A são evidentes noto os n.ºs 843 (Est. IX, fig. 27 e fig. 28, n.º 6), 847 (Est. IX e fig. 26) e 897 (Est. X e fig. 26) de *Antioch IV* (16). Os primeiros referem-se, respectivamente, a um vaso do Vaticano e a um fragmento de Antioquia, ambos da forma 1 B da tipologia de Lamboglia. (Notem-se as duas caneluras sob o bordo interno no perfil do fragmento de Antioquia). A propósito destes exemplares, Waagé, a pág. 49, nota as suas semelhanças (já referidas por Holwerda) com a forma sud-gálica Drag. 29. O n.º 847 refere-se a um exemplar de Corinto, da forma 4/36. A propósito diz Waagé: «Probably those are the earlier which retain the barbotine rim decoration of the Gaulish prototype, Dragendorff's Form 25/36». Finalmente, o n.º 897, referente também a um exemplar de Corinto, corresponde à forma 2a.

A propósito de LB 14, Est. X, que pelo fabrico parece pertencer ao período mais antigo da Late B, mas é anormalmente alto em relação aos pés característicos deste fabrico — LB 7-10 — diz Waagé, a pág. 50: «The very high foot is unusual for the period although the small size is conformable».

No sul de Portugal (nas províncias do Alentejo e Algarve) é muito frequente a terra sigillata clara A (especialmente as formas 1, 2, 3 e 4/36 A), cujo fabrico se assemelha extraordinariamente ao do tipo A que encontrei em Marrocos (Volubilis, Sala, Banassa). É, pelo contrário, muito rara em Conímbriga, (neste estudo da T.S. clara das

(15) Lamboglia, 1958 e Pallarés, 1959, pp. 125-129.

(16) Waagé, 1948, pp. 49 e 50.

antigas escavações figuram apenas 2 fragmentos) e não encontrei nenhum fragmento entre os exemplares de T.S. clara provenientes do norte de Portugal que me foi dado observar.

Os dados cronológicos fornecidos pelas escavações de Ampúrias e Albintimilium, aliados às suas características formais, levam a concluir que o tipo A é o mais antigo dentro da produção da terra sigillata clara. Fragmentos deste tipo (especialmente das formas 1, 2 e 4/36) aparecem já no estrato IV de Albintimilium, correspondente aos fins do século i, princípios do século n. A sua completa ausência em Herculano e Pompeia e as estreitas relações com as formas 29 e 36 sudgálicas levam a datar o seu aparecimento por volta de 90-100 d.C.

Não é possível estabelecer com tanta precisão a data da sua extinção. Sabemos que nos fins do século II e princípios do século III, algumas formas já tinham desaparecido e outras se vão degradando. O primitivo engobe perde o brilho acabando por confundir-se com a argila; algumas formas perdem-no por completo ou conservam-no apenas na face interna, como que anunciando o futuro fabrico menos cuidado e mais decadente da T. sigillata clara D. Estas formas decadentes aparecem nos estratos II de Ampúrias e no correspondente III B de Albintimilium, mas só como resíduo surgem no estrato III A, o que leva a supor que este fabrico se tivesse prolongado até aos Severos.

A cronologia das formas mais antigas da Late B apresentada por Waagé é concordante com a da T. sigillata clara A do ocidente.

Tipo B — Na 2.^a metade do século II surge um novo tipo dentro da produção da terra sigillata clara, cujo centro de difusão parece ter sido o Vale do Ródano, a julgar pela quantidade de exemplares provenientes desta zona em contraste com a sua escassez no litoral norte do Mediterrâneo e ausência, ao que suponho, nas estações do Norte de África. Num total de 34 exemplares publicados por Lamboglia, 16 são provenientes de Vaison, apenas 6 de Albintimilium, distribuindo-se os outros, isoladamente, por Cavaillon, St. Rémy, Arles, Orange, Narbona, Tarragona e Valência.

Com base no estudo deste material estabeleceu Lamboglia como características gerais do tipo B uma argila mais pálida, menos dura e de fractura menos vítrea que a do tipo A. O engobe laranja mais vivo é muito menos aderente e estraga-se dum modo uniforme.

Tendo sempre em vista as relações de formas com a cerâmica gálica e com as do anterior tipo A, Lamboglia determina 25 formas-tipo, muitas das quais são semelhantes às do tipo anterior (embora com variantes próprias a um novo fabrico) e outras originais. Por outro lado, há formas do tipo A que não são ainda conhecidas no fabrico da T. sigillata clara B. (Francisca Pallarás publicou um vaso de Barcelona em T. sigillata deste tipo, pertencente à Forma 1 que não figura na tipologia de Lamboglia (17).

Pelo exame das formas conhecidas podem distinguir-se algumas características particulares: as formas são, em geral, de maiores dimensões que no tipo A, desaparece o pé característico deste fabrico, substituído por um pé mais alto e oblíquo ou simplesmente por fundos planos; generaliza-se o bordo em amêndoa.

A decoração feita com roleta invade as abas e bojo dos vasos tornando-se a decoração típica do século m. A decoração de folhas de água, feita com barbotina, aparece ainda na forma 35 e uma decoração com protuberâncias mamilares na forma 28 A. Ao contrário do tipo A, a T. sigillata clara B tem uma produção de decoração em relevo. Tal decoração aparece em vasos de forma 37 directamente derivados da forma gálica e representados por 2 exemplares, respectivamente de St. Rémy e Valência; e ainda na forma 76, representada por 2 exemplares de Vaison. (Esta decoração, em que Lamboglia vê elementos de contacto com a sigillata decorada tardo-italica, vem em apoio da hipótese da origem continental do tipo B).

Apesar dos resultados já obtidos, a produção da T. sigillata clara B levanta problemas que estão longe de ser resolvidos.

Enquanto no tipo A havia uma homogeneidade de fabrico verdadeiramente notável, o fabrico de vasos de cor laranja mais vivo apresenta uma variedade tal que Nino Lamboglia sugere a hipótese de ter havido mais do que um centro de produção e termos de vir a considerar um tipo B itálico, gálico, hispânico. Lamboglia cita os casos da península itálica onde este fabrico parece ter sido substituído por outro que se confunde, pelo engobe, com a presigillata cesariana e augustina; e do centro da Gália e região renana, onde se assemelha à autêntica sigillata própria do século m que se degradou até um engobe alaranjado.

(17) Pallarés, 1959, pp. 232-235.

Em Conímbriga, como veremos, há, em abundância, uma cerâmica de engobe laranja mais vivo que o da A, com muitas variantes de cor e cozedura, de cujos exemplares, aqueles de engobe mais vivo, quase luminoso, apresentam semelhanças flagrantes de fabrico e, nalguns casos, de forma, com a terra sigillata hispânica tardia.

Acontece ainda que certos vasos de tipo B apresentam diversas tonalidades provenientes duma diferente cozedura. São frequentes os exemplos disto em Conímbriga. A que corresponde esta diversa cozedura? A oficinas diversas ou a tipos intermédios entre esta produção e a cerâmica luzente? É que também estas relações não são bem conhecidas, devendo ter existido, entre a T. sigillata clara B e a cerâmica luzente com engobe acastanhado e brilho metálico de tradição campaniense, vários tipos intermédios prelucentes.

A produção deste tipo de cor laranja mais vivo que a do tipo A é muito abundante em Conímbriga, concorrendo, em quantidade, com a produção da T.S. clara D, como veremos adiante. Aparece também no sul, embora em menor quantidade, relativamente à do tipo A. No norte conhecem-se alguns fragmentos provenientes, especialmente, de Braga.

Não é possível ainda estabelecer com segurança a cronologia do fabrico B, especialmente a data da sua extinção. O início da sua produção é dado pelo estudo comparativo dos estratos de Ampúrias e Albintimilium que concordam em colocá-lo por volta de 150-200 d.C. De facto, em Ampúrias, destruída em 260, o tipo B surge no estrato II correspondente ao estrato III B de Albintimilium (onde este tipo é constante, ao lado de moedas de 220 d.C. e exemplares decadentes de tipo A), datável entre 150 e 250 d.C.

Quanto à data da sua extinção pode dizer-se que não aparece no estrato II de Albintimilium, correspondente aos princípios do século iv, mas surge ainda, representado pelos exemplares mais tardios, no estrato III A, correspondente à segunda metade do século m, o que leva a supor que se tivesse extinguido por volta de Galieno (260-268).

Entretanto, sendo notórias as suas relações com a cerâmica cinzenta, é natural que, pelo menos na área continental, tenha persistido mais tempo, estabelecendo-se uma transição — cujo modus ainda não

é conhecido — com esta última cerâmica, num momento possivelmente tardio do século iv(18).

Tipo C— Entre 240-260 d.C., quando a produção da terra sigillata clara A tinha praticamente cessado, surge, nas províncias do Mediterrâneo, um novo fabrico — tipo C — que se caracteriza por uma pasta de grão finíssimo, muito pura, muito dura, coberta dum engobe muito aderente, variando entre o levemente brilhante e o mate, com a característica inconfundível de ser muito macio ao tacto.

É escasso o número de formas até hoje conhecido. Nino Lamboglia determina 8, algumas das quais originais como, por exemplo, as formas 40 e 42.

Está-se já longe da variedade que caracteriza o tipo A. O fabrico C é representado por grandes pratos ou pequenas tigelas caracterizados por paredes muito finas e pés muito reduzidos ou oblíquos e finos.

O tipo C tem decoração feita com roleta sobre o bordo e fundo interno (forma 42). Uma das originalidades deste fabrico é uma decoração em relevo (formas 35 e 42/48), constituída por motivos animais e vegetais, isolados sobre o bordo (19).

A terra sigillata clara C difundiu-se dum modo regular por todas as províncias do Império, não sendo só abundante na margem norte do Mediterrâneo Oriental, onde são conhecidas as principais formas (40, 41, 42). Waagé publica outras, que indue no fabrico Late A e que me parece não figurarem na tipología de Lamboglia (20). Bastante frequente em Conímbriga, é também muito abundante no sul de Portugal, especialmente na província do Alentejo. Encontrei aqui, proveniente duma sepultura da necrópole de Aljustrel, uma travessa completa que imita a forma Drag 39 da T.S. sudgálica. A peça perdeu todo o engobe, o que dificulta a sua classificação, pois as características da pasta assemelham-se também às do tipo A. A configuração

(18) Lamboglia, 1958, p. 299.

(19) Lamboglia, 1963, pp. 157-160.

(20) Waagé, 1948, Est. IX, 837 e 838; Est. X, 891 e fig. 28, 2 e 3.

geral da peça (dimensões, pé atrofiado) e a existência no fabrico C de abas lobuladas inclinam-me a considerá-la antes do tipo C (21).

A data do início desta produção é dada por Ampúrias, onde ela aparece no estrato superficial, correspondente à destruição da cidade (260 d.C.), não aparecendo no estrato II, imediatamente inferior, datável do início do século m. Estes dados são confirmados em Albintimilium: o tipo C ainda não aparece no estrato III B (Severos) mas já se encontra no estrato III A, correspondente aos meados do século m. O tipo C teria pois surgido entre 240-260 d.C. Waagé, baseado nos dados fornecidos por Atenas, Soli e Antioquia também coloca o aparecimento do fabrico da Late A nos meados do século m. Quanto à data da extinção já não se verifica o mesmo acordo. Enquanto que em Albintimilium o tipo C nunca está presente no estrato II (início do século iv), o que faz admitir que se tenha extinguido nos fins do século ui para dar lugar à produção da T.S. clara D, no Mediterrâneo Oriental parece extender-se até ao início do século v, data do aparecimento do fabrico Late Roman C(22).

Tipo D — Nos últimos decénios do século m, entre 260-280 d.C., surgem os fabricos da T. sigillata luzente (como produto continental, com uma área de difusão muito semelhante à do tipo B) e da terra sigillata clara D, como produto mediterrânico.

Quando comparados os exemplares deste fabrico com os mais antigos da T. sigillata clara A, as diferenças aparentes são enormes; menores, se os compararmos com os exemplares mais tardios — e as características da pasta e engobe mostram bastantes semelhanças entre as duas produções. De facto, no que respeita ao fabrico, as grandes diferenças entre o tipo A e o tipo D são a presença, neste último, de engobe apenas na face interna (estendendo-se geralmente pelo bordo e parte superior da parede externa) e a utilização da estampagem como técnica geral e corrente da decoração.

Embora se não conheçam ainda bem as relações entre os tipos A e D e os respectivos centros de origem, parece claro que a produção da

(21) Oswald, 1920, Est. LVII.

Apresentei esta travessa no V Colóquio Português de Arqueologia, em Setembro de 1966.

(22) Waagé, 1948, pp. 54-56.

T. sigillata clara D vem continuar directamente, nos últimos tempos do Império, a produção da T. sigillata clara A, nas margens do Mediterrâneo, reafirmando uma vez mais a divisória entre a área mediterrânea e a área continental, esta cada vez mais perturbada pelos assaltos dos bárbaros e ocupada, como lembra Comfort, por uma população nunca inteiramente romanizada e constituída, em grande parte, por um pessoal militar.

A produção da T. sigillata clara D cria um grande número de formas originais, embora não muito variadas. Lamboglia determina 20 formas-tipo e respectivas variantes que nos permitem já distinguir as suas características gerais: as paredes tornam-se muito mais espessas e a forma normalmente menos cuidada; predominam os pratos de grandes dimensões com fundo plano, apenas realçado, ou grandes pés oblíquos.

A decoração feita com roleta, muito rara, aparece no fundo interno da forma 24/25, e a estampagem torna-se a decoração deste fabrico. Lamboglia apresenta os tipos de decoração estampada mais correntes em pratos de T. sigillata clara D provenientes de Albintimilium (23), todos eles integrando-se nas classificações já apresentadas por outros autores: pertencem à classe de motivos geométricos, com excepção da forma 1 que se inclui na classe de motivos figurados.

A terra sigillata clara D teve uma grande expansão marítima. É muito abundante na margem Norte do Mediterrâneo e Norte de África. Suponho que muitas formas descritas por Lamboglia têm paralelo em exemplares publicados por Waagé e provenientes do Mediterrâneo Oriental. Em Portugal a terra sigillata clara D é também muito abundante no sul e em Conímbriga. No norte o tipo D é o mais abundante.

Não são conhecidos ainda com precisão os limites cronológicos da T. sigillata clara D. Muito abundante no estrato II de Albintimilium, posterior a 270 d.C., aparece já, embora raramente, no estrato III A, correspondente aos meados do século m. Parece, pois, dever colocar-se a data do seu aparecimento, no ocidente, nos fins do século ui. A data da sua extinção é ainda muito incerta. Lamboglia considera pouco rigoroso tomar o início do século v como data da

(23) Lamboglia, 1963, pp. 200-201.

extinção do fabrico D e do aparecimento da cerâmica cinzenta, pois que está ainda por resolver o problema das relações da cerâmica cinzenta com a T. S. clara Dea T.S. clara B.

b) O PROBLEMA DA ORIGEM DA TERRA SIGILLATA CLARA

Além dos problemas específicos de cada tipo de fabrico, já muito resumidamente expostos, está ainda por resolver o problema geral da origem da T.S. clara.

Tendo como certo que o tipo B e a cerâmica luzente são de origem continental resta saber:

1. ° — Se houve um único centro de origem para a T.S. clara B ou diversos, como admite Lamboglia.

2. ° — Se a cerâmica luzente teria tido um centro de origem independente ou se, pelo contrário, algumas das oficinas que fabricavam o tipo B, ensaiando novas técnicas de cozedura (de cujas tentativas são testemunho vários exemplares intermédios preluzentes) teriam criado um novo fabrico que passou a desenvolver uma vida própria.

Sabe-se que os tipos A-C-D são de origem mediterrânica e tiveram uma difusão essencialmente marítima. Ignora-se porém:

1. ° — Se houve um só centro de origem para os três fabricos ou vários. Lamboglia nota que os exemplares de T.S. clara C com decoração em relevo provêm fundamentalmente da Itália central, o que «*rafforza il sospetto che il centro della produzione debba proprio recercarsi, con quello della sigillata chiara C, proprio nel cuore dell'Imperio e dei Mediterraneo*» (24).

2. ° — Em que ponto da bacia do Mediterrâneo teriam existido esse ou esses centros de produção ?

Dado que só foram descobertos dois fornos de T.S. clara estampada, no norte de África (Tunísia), resta, para aventar hipóteses, os achados de exemplares desta cerâmica e o seu estudo comparativo,

(24) Lamboglia, 1963, p. 157.

o que, por si só, não é ainda suficientemente esclarecedor. Eis porque não são unânimes as opiniões dos vários autores a tal respeito.

Kubler considera os pratos estampados de fabrico Late B, encontrados em Kerameikos, provenientes do Egipto. Holwerda atribue uma origem norte-africana a muitos exemplares de Leyden pertencentes aos fabricos Late A e Late B. Baradez não hesita em chamar «africana» à T.S. clara encontrada em Tipasa. Paiol atribue esta mesma origem à cerâmica estampada vermelha (25).

Waagé, não considerando, embora, o caso da França e Península Ibérica, apresenta razões que o levam a preferir o norte de África como centro de origem dos fabricos Late A e Late B (26). Resumirei as principais dessas razões por me parecerem importantes e outros tantos argumentos a favor das relações entre estes fabricos e a T.S. clara que acima referi. São elas:

1. ° — A grande abundância destes fabricos (Late A e Late B) no norte de África e territórios adjacentes.

2. ° — As semelhanças de pasta e engobe entre esta cerâmica e as lucernas africanas, semelhanças que levam Waagé a considerá-las, sem hesitação, originárias do mesmo centro de produção.

3. ° — Mais importante ainda que estas duas razões considera Waagé o processo de difusão das formas Late A e Late B. Assim:

a) Enquanto as primitivas formas de fabrico Late B (que identifico às formas 1, 2 e 4/36 da T.S. clara A) são raras no Mediterrâneo Oriental, aparecem, pelo contrário, no norte de África, com tanta frequência como as mais tardias.

b) Nesta região há uma grande variedade de formas primitivas, «principalmente jarros e vasos com asa» que não se encontram no Oriente.

c) O carácter inédito dos fabricos Late A e Late B, em relação à produção corrente no Mediterrâneo Oriental; o primeiro aparece e desaparece de repente e o segundo mostra uma evolução descontínua apenas explicável se a considerarmos sujeita a leis variáveis de impor-

(25) Paiol, 1948, pp. 465-466.

(26) Waagé, 1948, pp. 45-47.

tação. Note-se, como exemplo disto, o desaparecimento, no Oriente, das formas Late B durante um período que abrange a segunda metade do século v e primeiro quarto do século vi. Waagé observa que este desaparecimento não seria explicável se o centro de origem do fabrico Late B fosse o Egipto, como propunha Kubler; mas justificava-se facilmente se fosse o norte de África, região que sofreu a invasão dos vândalos, entre 430 e 530, o que explicaria uma interrupção de contactos comerciais com as regiões afastadas do Oriente, embora se não tenha talvez verificado o mesmo, porém, em relação às regiões mais próximas.

Entretanto Jodin e Ponsich, valorizando especialmente a carta de difusão da cerâmica estampada vermelha que já foi possível traçar, são de opinião que deve procurar-se o centro de origem desta cerâmica na Península Ibérica (27). P. A. Février opõe à hipótese da origem africana um argumento importante. Diz este autor: «Si des ateliers locaux ont remplacé et concurrencé au cours du n^{ème} siècle les ateliers étrangers, il y a là une tranformation du marché aussi importante que celle qui a marqué le remplacement des ateliers arétins par ceux du Sud de la Gaule, dans le courant du I^{er} siècle de notre ère. Qui plus est, on assisterait à un véritable renversement de la situation puisque ces ateliers locaux auraient exporté vers les rives de la Méditerranée Septentrionale». Entre a inexplicabilidade — à luz dos conhecimentos actuais — desta transformação, e a ausência de «provas» de uma origem africana para a produção cerâmica que entre o século neo século iv substitue a produção sud-gálica e itálica, no Império Romano, o autor não afasta a hipótese duma corrente de tráfico no sentido habitual, isto é, da Gália do Sul, Espanha e Itália para o norte de África, e considera que «provisoirement il est nécessaire de s'en tenir au doute» (28).

Esperar o resultado de novas escavações que possam fazer luz sobre este problema parece ser também a posição de Nino Lamboglia e Francisca Pallarés, e, entre todas, a mais prudente.

(27) Jodin et Ponsich, 1960.

(28) Février, 1963, p. 134.

II —TERRA SIGILLATA CLARA DE CONÍMBRIGA

a) —CRITÉRIO SEGUIDO

Dadas as dificuldades, de que falei na Introdução, de bem definir esta produção cerâmica, e a abundância, em Conímbriga, dum fabrico que, pelas formas — e também pelas características da pasta — difere bastante dos exemplares conhecidos, adoptei o critério que me parece ser o mais seguro e o mais esclarecedor para todos os que estudam esta produção cerâmica e não podem observar directamente os exemplares de Conímbriga, a saber:

1. ° — Agrupar os diversos exemplares por características de pasta e engobe e descrever estas o mais rigorosamente possível. Encontrei assim 4 *grupos* fundamentais, subdivididos em *tipos* e *variantes*; estes últimos, como se verá, correspondem sempre a diferenças secundárias de pasta e engobe.

2. ° — Estabelecer relações entre estes grupos e os tipos A-B-C-D de Lamboglia se tal fosse possível. Assim, identifiquei, sem dificuldade, os grupos 1-3-4, respectivamente, com os tipos A-C-D- da T.S. clara. O grupo 2 apresenta mais dificuldades; mas julgo poder integrá-los no âmbito da produção da T.S. clara B, embora com características próprias, o que não é inédito nesta produção, como se viu.

3. ° — Finalmente, descrever as formas cujos perfis vêm desenhados nas estampas I a VIII. Não incluí nesta descrição as características de pasta e engobe para a não sobrecarregar. É fácil, porém, determiná-las, em relação a cada fragmento, bastando para isso procurar a sua referência nos grupos inicialmente descritos.

b) —PROVENIÊNCIA DOS ACHADOS

A estação arqueológica de Conímbriga fica situada a cerca de 17 quilómetros para sul-sudoeste de Coimbra, na província da Beira-Litoral.

Conímbriga teve uma ocupação pre-romana, atestada por achados arqueológicos que permitiram atribuir essa ocupação à Época do Ferro. Na segunda metade do século n a. C., por altura das campanhas de pacifi-

cação da Lusitânia levadas a cabo por Décimo Júnio Bruto, Conímbriga passou a fazer parte do Império Romano. Entre as escassas fontes literárias antigas que lhe fazem referência está o *Itinerário de Antonino*, que cita Conímbriga entre Sellium e Aeminium na estrada de Olisipo (Lisboa) a Bracara Augusta (Braga). Esta situação geográfica, que a torna ponto de passagem obrigatório de uma das estradas romanas mais importantes do ocidente da península, explica que a pequena povoação pre-romana se fosse valorizando e acabasse por se transformar num centro urbano cuja importância económica as antigas e actuais escavações confirmam. Conímbriga gozou um período de prosperidade, durante a época imperial, entre os séculos II e V, perturbado, nos meados do século III, pela crise que abalou o Império. É desta época a construção da muralha que os habitantes ergueram na parte oriental da cidade, cortando a zona urbanizada em duas partes para restringirem a área a defender. De 464 a 468 os suevos atacam e tomam a cidade destruindo as casas e parte das muralhas. Apesar da violência desta invasão, testemunhos arqueológicos (inscrições cristãs do século VI, materiais da época visigótica, algumas peças árabes) provam que a cidade não foi imediatamente abandonada; mas Conímbriga nunca mais se recompôs deste golpe e foi sendo substituída, a pouco e pouco, por Aeminium, que tinha melhores condições de sobrevivência.

As peças estudadas provêm de escavações antigas não estratigráficas e das quais não ficaram relatórios. Só é possível, pois, indicar os locais onde os fragmentos foram encontrados. Indicamos, na tábua II, essa localização. A zona E é uma área intramuros, a nordeste da cidade. A escavação realizada por alguns campos internacionais de trabalho, organizados pela Mocidade Portuguesa em 1957 e 1958, não foi suficientemente extensa para que se possa identificar o destino dos edifícios parcialmente descobertos. As peças marcadas com H foram encontradas numa das termas públicas da cidade. Estas termas ocupam as áreas H1 a H5 da planta geral da cidade levantada pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Algumas peças têm apenas indicação de que foram achadas neste edifício, sem especificação da zona. As peças marcadas com M foram encontradas em sondagens realizadas junto da muralha, e as que levam a indicação V acharam-se em limpezas da via Sellium-Aeminium no troço já dentro

do perímetro de Conímbriga. Os fragmentos encontrados no canto ocidental da cidade, isto é, no vértice do triângulo que as muralhas de Conímbriga desenham, têm a indicação Bico da Muralha, que reduzi a B na tábuca II. A letra C indica as peças encontradas num dos esgotos da cidade. Os fragmentos marcados com x não têm indicação de proveniência.

C) — DESCRIÇÃO DE ENGOBES E PASTAS

Grupo 1

Est. I — n.^{os} 1 e 2.

Engobe — Em ambas as faces, laranja-claro, brilhante, polido depois de aplicado. O engobe, como consequência desse polimento, torna-se muito aderente, parecendo formar corpo com a própria pasta.

Pasta — Laranja-tijolo, de grão fino e desengordurante em partículas não muito grandes. Fractura vítrea, embora a parte central tenha uma contextura ondulada. A cozedura é muito regular e a cerâmica muito sonora.

Grupo 2

Tipo A — Est. I — n.^{os} 4, 5, 6, 8, 11, 15, 17, 19.

Est. II — n.^{os} 20, 25, 30, 31, 32, 33.

Est. III — n.^{os} 34, 36, 38.

Engobe — Em ambas as faces, alaranjado, muito brilhante, por vezes quase luminoso, espesso e pouco aderente, não polido depois de aplicado. Em certos exemplares o engobe está muito estragado, noutros em muito bom estado de conservação. É característica comum dos vasos deste grupo apresentarem uma parede mais ou menos estriada, consequência do processo de alisamento da pasta antes dos vasos receberem o engobe.

Como já disse, suponho que este grupo 2 entra no âmbito da produção da T.S. clara B, apesar da maior parte

das formas encontradas não terem paralelo na tipologia de Lamboglia; os exemplares de cor laranja mais vivo têm flagrantes semelhanças com os vasos hispânicos tardios dos quais se distinguem, muitas vezes, apenas pela forma e decoração.

Pasta — Laranja-vivo, de grão fino, frequentemente com bolhas de ar, muito esponjosa. Tem desengordurante abundante em pequenas partículas. A pasta varia entre dura e branda, mas é sempre de fractura ondulada.

Variante 1—Est. I — n.^{os} 3, 14, 18.

Est. II — n.^{os} 24, 26, 27, 28.

Est. III — n.^{os} 35, 37, 39.

Pasta — De grão mais grosseiro, com maior quantidade de desengordurante, com partículas brancas muito maiores. Predomina a cor laranja-vivo, embora se encontre maior variedade de tons.

Tipo B — Est. I — n.^{os} 7, 9, 10, 12, 13, 16.

Est. II — n.^{os} 21, 22, 23, 29.

Engobe — Laranja mais avermelhado que o geral do grupo 2. Brilho leve ou, por vezes, acentuadamente metalizado. A maior parte dos exemplares tem manchas de fogo provocadas por uma cozedura a fogo redutor (não possuem esta característica os ex. n.^{os} 7, 9, 10). Normalmente em muito bom estado de conservação.

Pasta — Geralmente com bastante mica em partículas mínimas (exceptuam-se os ex. n.^{os} 10, 21, 22).

Grupo 3

Tipo A— Est. III — n.^{os} 41, 43, 46, 47.

Engobe — Vermelho-violáceo, mate, pouco espesso e muito aderente, parecendo, em certos exemplares, uma simples aguada.

Pasta — Vermelho-violácea, muito dura, de grão finíssimo, com poucas bolhas de ar e algum desengordurante em partículas mínimas.

Tipo B — Est. III — n.º 42.

Engobe — Laranja-amarelado, de brilho discreto, mais espesso que o anterior, mas também aderente.

Pasta — Laranja-amarelada, muito dura, de grão finíssimo, com menos bolhas de ar que a anterior e um pouco mais de desengordurante mas em partículas ainda mais pequenas que o anterior.

Tipo C — Est. III — n.ºs 40, 44, 45, 48.

Engobe — Tijolo-pálido mais brilhante, bastante mais espesso que os anteriores. Apresenta um aspecto uniformemente manchado que é consequência, suponho, duma deterioração específica do engobe.

Pasta — Com bolhas de ar; os ex. n.ºs 40 e 48 têm desengordurante mais abundante.

Apesar das diferentes cores e de certas particularidades de pasta e engobe, todos os exemplares deste grupo 3 têm a macieza típica do fabrico da T.S. clara C.

Grupo 4

Tipo A — Est. IV — n.º 52.

Est. V — n.ºs 63, 65, 68, 70, 71, 72.

Est. VII — n.º 96.

Engobe — De brilho discreto e muito aderente, aplicado na face interna e parede externa até meio ou quase até à base. Em todo este grupo 4 o engobe foi polido depois de aplicado. A cor do engobe é geralmente laranja-vermelhado.

Pasta — Dura, de grão fino, com muito desengordurante em partículas pequenas. Fractura geralmente vítrea. A cor varia entre o tijolo-vivo e rosado.

Rosado — n.ºs 65, 68, 70, 71.

Tijolo-alaranjado — n.º 52.

Tijolo-vivo — n.º 72.

Tijolo-avermelhado — n.ºs 63 e 96.

Variante 1 — Est. V — n.ºs 67 e 69.

Engobe — Quase mate, de cor violácea.

Pasta —Esfonjosa, de cor desigual, de grão fino e com muito desengordurante, de aspecto terroso e muito pouco sonora.

Em relação a estes dois últimos exemplares pergunto-me se estamos em presença de uma variante, de uma imitação ou de um acidente de cozedura dado o número restrito em que se notam estas características.

Gabriela Martin de Castillo encontrou em Polentia um tipo de T.S. clara que não possui, segundo a autora, as características dos 4 tipos (A-B-C-D) definidos por Lamboglia. Martin Avila descreve-a do seguinte modo: «barniz exterior e interior fino, mate e con poco brillo; el color, en vez del clásico anaranjado, tiene una tonalidad vinosa-clara. La pasta fina y bien decantada va del rojo ladrillo obscuro al marrón terroso...» (29). A autora decidiu chamar-lhe T.S. clara E, embora não afaste a hipótese de tratar-se de uma imitação, o que, porém, lhe parece pouco provável dada a boa qualidade de fabrico.

A julgar pela descrição acima citada julgo poder ver-se uma certa analogia entre o tipo de Polentia e esta Variante 1 que, ao contrário daquele, porém, me parece de inferior qualidade.

Tipo B — Est. IV — n.ºs 49 a 51; 53 a 59.
Est. VI — n.ºs 79 a 84.
Est. VII — n.ºs 85 a 95 e 97.
Est. VIII — n.ºs 98 a 108.

Engobe — Levemente brilhante ou mesmo brilhante, apenas na face interna e aderente.

(29) Martin de Castillo, 1965.

Pasta —Grão fino, com abundantíssimo desengordurante em partículas maiores que as do tipo A (grãos de tijolo, calcário, quartzo e areia). Pasta dura, mas de fractura ondulada.

A cor varia entre o rosado e o tijolo acastanhado.

Rosado — n.^{os} 50, 53, 55, 57, 58, 82, 84, 85, 86, 89, 90, 91, 91a, 92, 98, 99, 106.

Tijolo-vivo — n.^{os} 49, 51, 54, 59, 81, 83, 94, 101, 102, 103, 104, 105, 107.

Tijolo-avermelhado — n.^{os} 56, 87, 88, 93, 100.

Tijolo-acastanhado — n.^{os} 79, 90, 95, 97, 108.

Variante 1 —Est. IV — n.^{os} 60 a 61.

Est. V — n.^{os} 62, 64, 66, 73, 74.

Est. VII —n.^{os} 75, 76, 77 e 78.

Engobe — Mate, só na face interna, escorrendo para a parte superior do bordo e parte superior da parede externa. Muito pouco espesso, às vezes como que uma simples aguada quase não alterando a cor da pasta e muito aderente.

Pasta —Idêntica à anterior.

Rosada — n.^{os} 73, 74, 76, 77, 78.

Tijolo-avermelhado — n.^{os} 60, 61, 62, 64, 75.

Tijolo-acastanhado — n.^o 66.

d) — DESCRIÇÃO DAS PEÇAS

1 * — *Est. I* — 1

Classificação: Grupo 1

Descrição: Fragmento de grande prato de paredes curvas e bordo liso.
Canelura na face interna sob o bordo.

Corresponde à forma 9 de Lamboglia (30).

Lamboglia apresenta 5 variantes desta forma, de Albintimilium, Ampúrias, Tarragona e Arles.

(30) Lamboglia, 1958, pp. 274-275.

A primeira, 9a, a mais frequente, tem parede encurvada, fundo interno plano, pé muito curto e uma ou mais caneluras internas sob o bordo e no fundo; a segunda, 9b, tem fundo completamente plano; a terceira, 9a², apresenta uma carena muito baixa e pé pequeno; a quarta, de Arles, é uma forma 2/9, pois combina um bordo semelhante ao da forma 2 e corpo da forma 9; a última, 9A, de Tarragona, é de maiores dimensões e parede mais espessa, em quarto de círculo, sem caneluras internas e com fundo plano estriado, como na forma 10, e sinais de ter sido colocada sobre fogo. A variante 9A existe na colecção do Museu de Copenhague estudada por F. Pallarés (31).

Cronologia — Em Albintimilium esta forma surge nos estratos IIIB e IIIA, o que a situa entre a 2.^a metade do século n e a 1.^a metade do século m. Em Ampúrias aparece em estratos correspondentes aos fins do século n e princípios do século ui. É uma das formas que perduram mais tempo, porquanto é retomada, no século m, pelo fabrico da T.S. clara B e no século iv pelo da T.S. clara D.

2 * — *Est. 1—2*

Classificação: Grupo 1.

Descrição: Fragmento de testó, com parede curva e bordo triangular.

A face interna da parede é inteiramente lisa enquanto que a externa tem 3 fundas caneluras a meio da parede. Sem decoração à roleta. O fragmento deixa ver apenas o início da pegadeira cuja forma não é possível determinar. Conheço, na colecção do Sr. Dr. F. Nunes Ribeiro, um exemplar igual a este, proveniente de Beja, onde é abundante a T.S. clara A.

Lamboglia publica duas formas de testos: a primeira, em T.S. clara A, forma 20, com parede muito pouco encurvada e relevo em

(31) Pallarés, 1960, fig. 10, n.ºs 5-6 (Est. 311).

forma de cordão espiralado na parte central. O bordo tem urna aba horizontal decorada à roleta. É engobado apenas na face externa (32). Este testo servia de cobertura à forma 10, espécie de marmita para cozedura e conservação de alimentos (33). Lamboglia fala ainda de urna variante da forma 20, de perfil triangular, sem aba, que servia de cobertura à forma 19, pequena urna de que se conhecem 2 exemplares inteiros (34).

O segundo testo pertence ao fabrico da T.S. clara B, forma 18. Tem o bordo triangular, parede rectilínea, sem decoração e engobada em ambas as faces (35). Esta é, segundo Lamboglia, a principal diferença em relação ao exemplar de T.S. clara A. O autor acrescenta, porém, que isto não deve ser considerado, ainda, como característica essencial, pois da forma 18 conhece-se apenas o exemplar de Arles.

Penso, por conseguinte, que podemos considerar o exemplar de Conímbriga como urna variante, sem aba, da forma 20 da T.S. clara A, engobada em ambas as faces.

Cronologia — A forma 20, presente também na Colecção do Museu de Copenhague (36), tem a mesma cronologia dos vasos a que serve de cobertura, os quais, pelo excelente engobe e semelhanças com os vasos de fundo estriado típicos do século ii, devem pertencer aos fins deste século e princípios do século m.

3.^a — *Est. 1—3*

Classificação: Grupo 2 — Tipo A — Variante 1.

Descrição: Fragmento de tigela funda, de paredes quase verticais e finas. Bordo ligeiramente revirado para o exterior. Decoração feita com roleta, muito superficial, a meio da parede externa, disposta, ao que parece, em duas bandas separadas

(32) Lamboglia, 1958, p.288.

(33) Lamboglia, 1958, p.267.

(34) Lamboglia, 1958, p.287.

(35) Lamboglia, 1958, p.310.

(36) Pallarés, 1960, fig. 6, n.º 1 (Est. 307).

por uma faixa de ranhuras também muito superficiais. Engobe parecido com o de alguns exemplares hispânicos tardios.

Não encontro correspondente desta forma na T.S. clara B de Lamboglia. Pode sim, corresponder à forma 22 (variante 22a de Arles) da T.S. clara A. Os exemplares do tipo A apresentados por Lamboglia, de Valença, Arles, Albenga (37), e ainda por Francisca Pallarés (provenientes do Norte de África) (38) não possuem qualquer decoração e têm o pé baixo próprio deste tipo.

Cronologia — Esta forma é considerada das mais tardias— 1.^a metade do século ui — e é retomada pela T.S. clara D, não se conhecendo ainda nenhum exemplar nos fabricos B e C.

4.^a — *Est. 1* — 4

Classificação: Grupo 2 — Tipo A.

Descrição: Fragmento de tigela de paredes côncavas que parece formarem carena na proximidade da base. Bordo não engrossado e em forma de bisel inclinado para o exterior. Duas ranhuras externas marcam, respectivamente, o limite inferior da curvatura da parede e o limite superior da parte carenada. A faixa definida por estas duas ranhuras é lisa. A parte superior da parede até ao bordo e a parte inferior abaixo da carena são decoradas à roleta.

Corresponde à forma 33 da T.S. clara B de Lamboglia (39).

Lamboglia apresenta um exemplar inteiro de Vaison com parede retilínea e oblíqua, carena baixa e pé pequeno e arredondado. Um fragmento de base da mesma forma tem a marca A-MOE. Em ambos o engobe é homogéneo e quase marmóreo.

(37) Lamboglia, 1958, pp. 289-290.

(38) Pallarés, 1960, fig. 11, n.º 9 (Est. 312).

(39) Lamboglia, 1958, pp. 316-317.

Esta forma deriva da forma Drag. 33 da T.S. gálica (40). Aquando da publicação da tipologia da T.S. clara A e B não foi apresentado nenhum exemplar da forma 33 em fabrico do tipo A. F. Pallarés, ao estudar a colecção do Museu de Copenhague, reconheceu 2 vasos desta forma que, pela pasta e engobe, incluiu no fabrico do tipo A. Os 2 exemplares do Museu de Copenhague, muito parecidos entre si, não se assemelham ao exemplar de Vaison mas possuem as características essenciais desta forma. As paredes são ligeiramente encurvadas e o pé pequeno é típico do fabrico da T.S. clara A. Ambos possuem uma decoração feita com roleta, original, em toda a parede externa (41).

Cronologia — Não há indicações cronológicas, embora Pallarés admita que os exemplares de Copenhague sejam bastante antigos dentro da produção da T.S. clara A, pela cor e qualidade do engobe.

A forma 33 é também conhecida no fabrico da cerâmica luzente, representada por um exemplar de Albintimilium muito simplificado em relação aos anteriores (42).

5. ^a — *Est. I—9*

Classificação: Grupo 2 — Tipo B

Descrição: Fragmento de tigela do mesmo tipo da anterior mas com paredes rectilíneas ou muito ligeiramente côncavas. Decoração à roleta sobre a parede externa subindo até ao bordo e não delimitada por traços incisos.

6. ^a — *Est. I—11*

Classificação: Grupo 2 — Tipo A

Descrição: Fragmento de tigela do mesmo tipo com parede rectilínea e menos oblíqua que as anteriores. O fragmento não

(40) Oswald, 1920, Est. LI.

(41) Pallarés, 1960, p. 177.

(42) Lamboglia, 1963, p. 177; e 1950, fig. 101, n.º 12.

mostra qualquer decoração. Engobe em bom estado de conservação.

7.^a — *Est. 1—5*

Classificação: Grupo 2 — Tipo A.

Descrição: Fragmento de tigela em forma de campánula com bordo engrossado e em bisel inclinado para o exterior. A parede tem uma parte superior rectilínea e oblíqua e uma parte inferior encurvada e muito espessada na base. Estas duas partes são separadas externamente, por uma larga e superficial canelura. O fundo externo é limitado por uma canelura menos larga e mais profunda. A parte superior da parede tem decoração à roleta numa faixa de 1,5 cm. de largura logo após a canelura. Faixa idêntica de decoração a meio da parte inferior da parede.

Não encontro paralelo exacto para esta forma na T.S. clara de Lamboglia. Apresenta porém características comuns à forma 7 da T.S. clara A e flagrantes semelhanças com a forma 37 hispânica tardia (43).

8.^a — *Est. 1—1*

Classificação: Grupo 2 — Tipo B.

Descrição: Fragmento de tigela com bordo engrossado e em bisel inclinado para o exterior numa forma que pode ser semelhante à anterior.

9.^a — *Est. 1—6*

Classificação: Grupo 2 — Tipo A.

Descrição: Fragmento de tigela de paredes rectilíneas e levemente oblíquas com carena baixa muito pronunciada e fundo

(43) Mezquiriz, 1961.

interior rebaixado. Bordo em aba horizontal de lábio pendente inclinado ligeiramente para o interior.

Engobe em muito bom estado de conservação.

Corresponde à forma 4/46 da T.S. clara B de Lamboglia (44), embora difira do exemplar de Albintimilium pelo bordo e menor altura da parede. É de notar que na forma 46 da T.S. hispânica predominam o bordo horizontal e a parede mais baixa (45). O exemplar publicado por Lamboglia tem um bordo em aba levemente abaulada típica da forma 4 da T.S. clara A, e duas caneluras na face externa da parede logo abaixo da aba. O fundo interno não é rebaixado e possui um pé baixo e facetado.

A forma 4/46 deriva da forma Drag. 46 da T.S. sudgálica (46) e é retomada pelo fabrico da T.S. clara C (47).

Cronologia — O exemplar de Albintimilium provém do estrato III B, datável dos inícios do século m.

10.^a — *Est. I* — 8

Classificação: Grupo 2 — Tipo A

Descrição: Fragmento de bordo duma pequena tigela, em forma de aba levemente abaulada. Decoração à roleta cobrindo toda a face superior da aba. O que nos resta deste fragmento não permite concluir se ele pertence a uma tigela hemisférica como a da forma 4/35 ou tronco-cónico como a da forma 4/46.

11 * — *Est. I* — 10

Classificação: Grupo 2 — Tipo B

Descrição: Fragmento de bordo de uma pequena tigela, em forma de aba horizontal, com lábio pendente e um pouco inclinado

(44) Lamboglia, 1958, p. 304.

(45) Mesquiriz, 1961, Tomo II, Est. 19.

(46) Oswald, 1920, Est. LV.

(47) Lamboglia, 1963, pp. 156-157.

para o interior. A face superior da aba tem decoração feita com roleta bastante incisa. (Existem mais dois fragmentos de aba semelhantes a este, sem decoração feita com roleta).

12. ^a — *Est. I*— 12

Classificação: Grupo 2 — Tipo B

Descrição: Fragmento de bordo, de tigela pequena em forma de aba horizontal com lábio pendente e perpendicular. A face superior da aba tem 2 caneluras, respectivamente junto do lábio e do limite interno da aba. Entre estas duas caneluras, decoração feita com roleta muito fina e regular.

O que nos resta destes fragmentos não nos permite saber se pertencem a uma tigela hemisférica ou tronco-cônica. É de notar, porém, a semelhança entre estas abas e a da forma 4/36 da cerâmica luzente publicada por Lamboglia (48). Dada essa semelhança e ainda uma certa tonalidade metalizada do engobe, muito ténue nos primeiros fragmentos mas evidente no último (neste, a parte pendente do lábio é esfumada), penso que podemos considerá-los duma forma 4, ainda a determinar por futuros fragmentos que possam aparecer, duma cerâmica a que chamarei, a conselho de Lamboglia (49), preluzente, dado ter características deste grupo 2, mas anunciar já características de engobe da luzente autêntica.

13. ^a — *Est. I*— 13

Classificação: Grupo 2 — Tipo B

Descrição: Fragmento de prateleira de paredes curvas e bordo levemente biselado para o interior com o limite externo um pouco revirado para o exterior. Fundo interno rebaixado. Pé muito reduzido quase limitado a uma simples moldura.

(48) Lamboglia, 1963, pp. 171-172.

(49) Lamboglia, 1958, p. 298.

14.^a — *Est. 7* — 15

Classificação: Grupo 2 — Tipo A.

Descrição: Fragmento de prato semelhante ao anterior, mas de maiores dimensões e parede muito espessa. O bordo, em forma de bisel, revira nitidamente para o exterior.

15* — *Est. I* — 14

Classificação: Grupo 2 — Tipo A — Variante 1

Descrição: Fragmento de prato semelhante aos anteriores. O bordo biselado revira mais marcadamente para o exterior.

16* — *Est. I* — 16

Classificação: Grupo 2 — Tipo B.

Descrição: Fragmento de prato semelhante aos anteriores, de paredes muito espessas. A face superior do bordo tem uma depressão em forma de larga e funda canelura.

Não encontro paralelo para estes 4 últimos exemplares em nenhum dos fabricos da T.S. clara A ou cerâmica luzente.

11* — *Est. I* — 19

Classificação: Grupo 2 — Tipo A.

Descrição: Fragmento de prato de gola vertical com bordo simples levemente afilado. A parte inferior da gola não é moldurada. A junção do fundo convexo com a gola é marcada por uma funda depressão. O fundo interno é rebaixado. Entre o limite inferior da gola e o rebaixamento do fundo interno forma-se uma espécie de canal, consequência da verticalidade da gola, pois não existe nas formas semelhantes a esta mas de gola menos vertical.

Engobe em muito bom estado de conservação.

18. ^a — *Est. II* — 20

Classificação: Grupo 2 — Tipo A.

Descrição: Fragmento de prato, semelhante ao anterior de gola menos vertical. A parte inferior desta é levemente moldurada, e a junção dela com o fundo externo convexo é também marcada por urna funda depressão. Engobe em muito bom estado de conservação.

19. ^a — *Est. I* — 18

Classificação: Grupo 2 — Tipo A — Variante 1.

Descrição: Fragmento de prato semelhante ao anterior de gola ligeiramente cóncava. A parte inferior desta é levemente moldurada e a junção dela com o fundo externo convexo marcada por uma canelura muito superficial.

20. ^a — *Est. II* — 22

Classificação: Grupo 2 — Tipo B.

Descrição: Grande prato semelhante ao anterior, com o bordo em bisel inclinado para o exterior. O limite inferior da gola é levemente moldurado e a junção desta com o fundo externo convexo é marcada por urna funda canelura. A 3,8 cm. desta o fundo externo realça sensivelmente, assentando o prato na moldura provocada por aquele realçamento.

21. ^a — *Est. II* — 21

Classificação: Grupo 2 — Tipo B.

Descrição: Fragmento de prato de gola semelhante aos anteriores.

O bordo abaulado tem o limite externo revirado para o exterior. A parte inferior da gola é levemente moldurada

e a junção desta com o fundo externo cóncavo é marcada, como no anterior, por uma funda canelura.

Esta forma varia entre urna gola vertical com bordo simples e sem moldura e urna gola mais oblíqua, com bordo abaulado ou biselado e moldura mais pronunciada como nos exemplares seguintes.

Em Lixus conhecem-se 2 fragmentos de pratos que apresentam algumas vagas semelhantes com esta forma, especialmente com o fragmento n.º 18(50).

22 * — *Est. I—n*

Classificação: Grupo 2 — Tipo A

Descrição: Fragmento de grande prato de parede rectilínea quase vertical. A face superior do bordo tem uma depressão em forma de larga canelura. O limite inferior da parede externa acaba em moldura saliente, acentuada superiormente por uma canelura. O fragmento mostra o início dum fundo convexo.

23. ^a — *Est. 11 — 21*

Classificação: Grupo 2 — Tipo A — Variante 1.

Descrição: Fragmento de grande prato semelhante ao anterior, de paredes rectilíneas e levemente oblíquas com bordo biselado sem depressão. O limite inferior da parede externa acaba em moldura muito saliente acentuada superiormente por uma canelura.

24. ^a — *Est. II— 24*

Classificação: Grupo 2 — Tipo A — Variante 1.

(50) Ponsich et Tarradel, 1965, fig. 9-16 e fig. 12-13.

Descrição: Fragmento de grande prato semelhante ao anterior com parede rectilínea mais espessa e mais oblíqua e cujo limite inferior termina em moldura muito acentuada.

25. ^a — *Est. II* — 25

Classificação: Grupo 2 — Tipo A.

Descrição: Fragmento semelhante ao anterior, de paredes muito espessas, rectilíneas e muito oblíquas, com bordo em forma de bisel inclinado para o interior e limite inferior da parede acabando em moldura muito saliente. Canelura superficial a meio da face externa da parede.

26. ^a — *Est. II* — 26

Classificação: Grupo 2 — Tipo A — Variante 1.

Descrição: Fragmento de prato com aspecto geral dos anteriores, mas com parede encurvada em vez de rectilínea. O limite inferior desta termina também em moldura saliente.

27. ^a — *Est. II* — 28

Classificação: Grupo 2 — Tipo A — Variante 1.

Descrição: Fragmento de prato semelhante ao anterior, com parede um pouco mais espessa e encurvada.

28. ^a — *Est. II* — 23

Classificação: Grupo 2 — Tipo B.

Descrição: Fragmento de grande prato com o aspecto geral dos pratos anteriores, mas com parede encurvada muito aberta. O bordo, horizontal, tem o limite externo revirado para o exterior. O limite inferior da parede externa acaba em moldura muito saliente. Acima desta vê-se um traço

inciso. A junção da parede com o fundo externo, convexo, é marcada por duas largas caneluras superficiais. O fundo interno é rebaixado e a 9 mm deste rebaixamento existe uma fina canelura.

Nas novas escavações de Conímbriga apareceu um prato quase completo deste tipo cujo bordo biselado apresenta também uma depressão em forma de canelura. Tem decoração estampada muito rudimentar, constituída por pequenos círculos com 2 traços perpendiculares inclusos. Estes círculos dispõem-se regularmente na face interna do prato logo abaixo da parede vertical, quando se inicia a curvatura da base, e no fundo interno, em círculo, limitado por 2 caneluras.

Não encontrei paralelo para estas formas nas já publicadas em qualquer dos fabricos da T.S. clara.

As únicas formas de paredes rectilíneas em T.S. clara que têm algumas analogias com estas — embora apresentem diferenças importantes — são as formas 5 e 17 da T.S. clara A (51).

A forma 5, representada por um exemplar de Albintimilium, aproxima-se das formas 18 e 18/31 da sigillata sudgálica e parece ser uma forma muito antiga, a julgar pela qualidade do engobe.

A forma 17, representada por um exemplar de Sassari, é derivada da forma 17 B da T. sigillata itálica. É uma das mais antigas da produção da T.S. clara e, segundo Lamboglia, muito importante para a questão da origem desta cerâmica.

Em ambas é constante e característica a moldura interna ao nível da carena, moldura que não existe nas formas de T.S. clara acima descritas.

São de notar também as semelhanças com a forma 14 da cerâmica cinzenta (52). Haverá uma evolução desde aquelas formas antigas da T.S. clara até à cerâmica cinzenta de que estas sejam um elo intermédio? É porém de estranhar que o pé das primitivas formas se conserve na cerâmica cinzenta e tenha desaparecido nestas possíveis formas intermédias.

(51) Lamboglia, 1958, pp. 268 e 285.

(52) Rigoir, 1960, n.ºs 31-32 e 152-155.

Penso poder estabelecer-se também uma certa analogia entre estas formas e a forma 11 da T.S. Hispánica (53). Têm a mesma parede rectilínea e fundo convexo moldurado. Diferem no bordo, que na forma hispánica é em forma de amêndoa. Só se conhece um exemplar desta forma proveniente de Tujeden (Navarra). Mesquiriz considera-o «esporádico e sem dúvida posterior ao século iv» (54).

29.^a — *Est. II — 29*

Classificação: Grupo 2 — Tipo B

Descrição: Fragmento de prato pouco fundo de paredes encurvadas e muito abertas, com bordo triangular muito fechado e pendente, limitado, externamente, por uma ranhura. O fundo interno é rebaixado. São bem visíveis as estrias regulares provenientes do alisamento ao torno.

Também não encontrei paralelo para esta forma.

30 * — *Est. 11 — 30*

Classificação: Grupo 2 — Tipo A.

Descrição: Fragmento de grande prato de parede em quarto de círculo e bordo em forma de aba estreita e horizontal. A face superior da aba tem 2 fundas caneluras e, inferiormente, 2 caneluras mais estreitas marcam a junção da aba com a parede. Esta é levemente carenada continuando rectilínea depois da carena até às molduras da base. Ao nível da carena a face externa da parede tem duas ranhuras. O fundo interno é muito rebaixado.

Engobe em muito bom estado de conservação.

(53) Mezquiriz, 1961, Tomo II, Est. 26-11.

(54) Mezquiriz, 1961, Tomo I, p. 79.

31. ^a — *Est. //* — 32

Classificação: Grupo 2 — Tipo A

Descrição: Fragmento de prato semelhante ao anterior, mas com aba muito estreita.

32. ^a — *Est. II* — 33

Classificação: Grupo 2 — Tipo A.

Descrição: Fragmento de base dum prato semelhante aos anteriores. Fundo interno rebaixado. Fundo externo duplamente realçado formando duas grossas molduras.

33. ^a — *Est. II* — 31

Classificação: Grupo 2 — Tipo A.

Descrição: Fragmento de prato semelhante ao anterior mas pertencente a um prato de paredes muito mais espessas.

Não encontro paralelo para estes pratos nos exemplares publicados de T.S. clara.

Lamboglia apresenta 4 exemplares de T.S. clara A, forma 23, análogos ao tipo 23 gálico de Curie e diz que esta forma é comum à sigillata clara A e B. Entretanto não publica nenhum exemplar desta forma em T.S. clara B (55). A forma 23 é também uma das formas mais representadas em T.S. clara A na colecção de Copenhague (56). Trata-se sempre dum prato de parede encurvada e carenada com bordo em forma de aba horizontal levemente inclinada, com uma canelura sobre a face superior da aba e outra no fundo interno. Quatro exemplares da colecção de Copenhague têm decoração feita com roleta sobre o fundo interno. Esta forma começa no século II d.C., momento

(55) Lamboglia, 1958, pp. 291-292.

(56) Pallarés, 1960, fig. 7-3, 4, 5 (Est. 308) e fig. 9-1, 4 (Est. 309).

em que, segundo Lamboglia, teria substituído a forma 4/36 (57), continua por todo o século m e é retomada pelos grandes pratos da T.S. clara D.

Se atendermos a que a evolução normal dos pratos, à medida que caminhamos da T.S. clara A para a T.S. clara D, é o aumento das dimensões e a redução do pé até simples molduras ou fundos completamente planos e se atendermos às semelhanças entre este prato de Conímbriga e os exemplares de carena mais alta da forma 23 de Curie (58), julgo que poderemos considerar esta urna forma 23.

34.^a — *Est. III* — 37

Classificação: Grupo 2 — Tipo A — Variante 1.

Descrição: Fragmento de prato pequeno de paredes hemisféricas e em forma de aba lisa, com lábio pendente e oblíquo. A face inferior da aba tem urna canelura. Na face externa da parede são bem visíveis as estrias provenientes do alisamento ao torno.

Embora não encontre paralelo exacto para este exemplar julgo que deve incluir-se na forma 4/36 sendo mais parecido com a 4/36 da cerâmica luzente do que com a mesma forma da T.S. clara B.

Lamboglia publica um exemplar de Vaison em T.S. clara B com decoração à roleta sobre a aba em vez da tradicional folha de água (59). Admite, porém, que haja exemplares em B mais antigos com folha de água. Esta forma evoluiria assim dum bordo curvo, com folha de água, para um menos curvo com decoração à roleta.

A forma 4/36 da cerâmica luzente, representada por um exemplar de Albintimilium, tem um bordo mais horizontal e rebordo pendente. Possui também decoração à roleta e foi encontrado em estratos do século iv (60).

(57) Lamboglia, 1958, p. 291.

(58) Oswald, 1920, Est. LIX.

(59) Lamboglia, 1958, p. 305.

(60) Lamboglia, 1963, p. 171.

35. ^a — *Est. III* — 34

Classificação: Grupo 2 — Tipo A.

Descrição: Fragmento de prato de paredes hemisféricas e bordo em forma de aba larga, lisa e muito ligeiramente abaulada. Ambas as faces da parede são lisas.

36. ^a — *Est. III* — 36

Classificação: Grupo 2 — Tipo A.

Descrição: Fragmento de prato de paredes curvas e bordo em forma de aba larga com lábio pendente e levemente oblíquo. A aba não é lisa, mas de superfície enrugada.

37. ^a — *Est. III* — 38

Classificação: Grupo 2 — Tipo A.

Descrição: Fragmento de parede e fundo dum prato de forma semelhante aos anteriores mas mais alto. Fundo apenas realçado.

Não encontro paralelo exacto para estes exemplares mas julgo poder incluí-los, pelas suas características gerais, na forma 4 da T.S. clara B de Lamboglia (61). E dentro desta parecem-me mais próximos da 4/9, de fundo plano, embora os exemplares de Conímbriga não tenham a aba horizontal, mas antes abaulada como a típica forma 4 da T.S. clara A e constante nas formas 4/23, 4/36 e 4/46 da T.S. clara B publicadas por Lamboglia.

A forma 4/9, publicada por Lamboglia, está representada por um exemplar de Vaison, com fundo completamente plano e face superior da aba decorada à roleta.

É uma das formas mais difundidas da T.S. clara B.

(61) Lamboglia, 1958, pp. 304-306.

38. ^a — *Est. III* — 35

Classificação: Grupo 2 — Tipo A — Variante 1.

Descrição: Fragmento de urna cuja parede é dividida por urna moldura muito saliente e dentada. A parte superior da parede é rectilínea com bordo simples levemente revirado para o exterior. Tem uma canelura muito superficial sob o bordo externo e duas caneluras paralelas mais estreitas e profundas a meio da parede. A parte inferior desta é encurvada e muito espessada na base. Sem decoração. Engobe em muito bom estado de conservação.

39. ^a — *Est. III* — 39

Classificação: Grupo 2 — Tipo A — Variante 1.

Descrição: Fragmento de urna idêntica à anterior mas de menores dimensões e com o dentado da canelura mais miúdo.

Julgo poder incluir esta urna na forma 34 da T.S. clara B de Lamboglia (62), embora não corresponda a nenhum dos exemplares publicados pelo autor, respectivamente de Arles e Orange, os quais são também muito diferentes entre si.

Lamboglia não dá referências cronológicas.

40^a — *Est. III* — AO

Classificação: Grupo 3 — Tipo C.

Descrição: Fragmento de tigela de parede hemisférica, com bordo em forma de aba estreita, ligeiramente descaída para fora. Incluí-o no grupo 3 exclusivamente pelas características do engobe e a qualidade e macieza típicas deste fabrico e o mesmo manchado uniforme dos exemplares 44 e 45,

(62) Lamboglia, 1958, p. 317.

que pertencem indubitavelmente a este grupo. A espessura da parede não lembra, todavia, os exemplares do grupo 3. Lamboglia indue, porém, no grupo da T.S. clara C um exemplar de Siracusa (63), de forma 35, que parece bastante espesso.

Não encontro paralelo para esta tijela nas formas conhecidas da T.S. clara C, pois julgo não poder incluí-la na forma 35 pelo diferente desenvolvimento da parede. Penso que, pelas suas características gerais, pode ser incluída na forma 24, embora mais próxima da forma 24 da T.S. clara D que da mesma forma do tipo A.

A forma 24 corresponde a uma tigela hemisférica de bordo em forma de aba ligeiramente inclinada para o exterior. No tipo A a face superior da aba forma uma espécie de degrau; o pé é pequeno e típico deste fabrico. Conhece-se um exemplar de Ampúrias dos fins do século ii, princípios do século m (64). No tipo D a aba é lisa e o pé alto e oblíquo (65).

Se bem ajuizei das características de engobe e pasta o exemplar de Conímbriga pertenceria, pois, à forma 24 em fabrico de T.S. clara C.

41 * — *Est. III* — A3

Classificação: Grupo 3 — Tipo A.

Descrição: Fragmento de grande prato de paredes muito finas ligeiramente encurvadas e bordo liso terminando em gume. (Há muitos fragmentos desta forma em Conímbriga).

Corresponde à forma 40 de Lamboglia (66).

Lamboglia apresenta 3 exemplares, respectivamente de Albintimilium, Atenas e Vado que, obedecendo às características essenciais desta forma, variam no bordo e na base. O exemplar de Atenas tem

(63) Lamboglia, 1963, p. 154.

(64) Lamboglia, 1958, p. 292 e Martin Avila, 1962, fig. 5, n.º 52.

(65) Lamboglia, 1963, pp. 188-189.

(66) Lamboglia, 1963, pp. 147-151.

um fundo realçado e um pé muito atrofiado, que no exemplar de Vado mais se atrofia para desaparecer por completo no exemplar de Albintimilium cujo fundo é apenas realçado. (O exemplar de Vado é urna imitação fina de T.S. clara C. Mas este mesmo perfil foi encontrado em Albintimilium em C autêntica) (67).

Lamboglia admite que estas variações, como as possíveis variações de bordo e curvatura da parede, correspondam a uma variação cronológica que, por enquanto, não é fácil estabelecer tanto mais quanto é certo serem raros os exemplares completos até agora encontrados.

As escavações até agora realizadas mostram que esta forma teve uma difusão homogênea em toda a bacia do Mediterrâneo. Apareceu em Albintimilium (68), Albenga, Ampúrias (69), Tarragona, Valência (70), Norte de África (71), Atenas (72), Dura-Europos (73), Antioquia (74). É muito frequente em Conímbriga e no sul de Portugal (existem exemplares do Monte Molião (Lagos) no Museu Municipal da Figueira da Foz).

Cronologia — Não é ainda possível estabelecer uma cronologia segura desta forma e suas variantes. Entretanto, para o Ocidente, Albintimilium e Ampúrias são os lugares que nos fornecem os dados cronológicos mais importantes, que a colocam nos meados do século m como foi dito na introdução. Lamboglia admite que as formas de paredes finas e engobe homogêneo sejam mais antigas que as paredes mais espessas e engobe mais opaco. A parede também evoluiria de uma forma mais rectilínea para uma de maior curvatura. No Mediterrâneo Oriental esta forma também surgiu nos meados do século m, segundo dados

(67) Lamboglia, 1943, p. 149, nota 3.

(68) Lamboglia, 1950, fig. 4-7; fig. 7-19; fig. 9-21; fig. 77-19; fig. 80-3; fig. 106-3; fig. 116-102.

(69) Lamboglia, 1955, pp. 195-212.

(70) Martín Avila, 1962, fig. 5-60 a 63.

(71) Pallarés, 1960, fig. 10-7 e 8 (Est. 311); fig. 11-2 e 4; 16 a 22 (Est. 312).

(72) Robinson, 1959, p. 60, Est. 64.

(73) Cox, 1949, p. 15.

(74) Waagé, 1948, Est. IX, 836.

fornecidos por Atenas (75). Waagé admite que as formas com pé atrofiado sejam mais antigas que aquelas que têm fundo apenas realçado, sendo as primeiras mais frequentes em Antioquia (76). Alguns exemplares mais tardios aparecem ainda na segunda metade do século iv (77) em Antioquia, onde, como se viu, o fabrico Late A chegou até ao início do século v.

42 * — *Est. III* — 41

Classificação: Grupo 3 — Tipo A.

Descrição: Fragmento de prato da mesma forma do anterior. Este tem uma fina canelura externa, não muito profunda, limitando o bordo.

43.^a — *Est. III* — 42

Classificação: Grupo 3 — Tipo B.

Descrição: Fragmento de prato pouco fundo, de parede oblíqua e bordo em forma de aba quase horizontal. Uma ranhura corre paralelamente ao limite externo da aba. O pé é muito atrofiado e uma fina canelura limita o fundo interno.

Corresponde à forma 41 de Lamboglia (78).

Lamboglia apresenta um exemplar de Ampúrias muito semelhante ao de Conímbriga, e refere outro fragmento proveniente de antigas escavações de Glanum.

A forma 41 existiu em T.S. clara A, dos fins do século n ou princípios do século ui (79) e serve de prototipo aos grandes pratos de bordo em forma de aba larga da T.S. clara D, típicos do século iv.

(75) Robinson, 1959, pp. 58-59.

(76) Waagé, 1948, p. 49.

(77) Waagé, 1948, p. 55.

(78) Lamboglia, 1963, p. 151.

(79) Pallarés, 1959, pp. 233-235.

A forma 41 não parece ter tido tão larga difusão como a forma 40. Em Portugal conheço apenas o exemplar de Conímbriga e Waagé publica alguns exemplares de Antioquia (80).

Cronologia — O dado cronológico mais preciso desta forma é dado pelo exemplar de Ampúrias que apareceu num estrato contemporâneo ou pouco posterior à destruição de 264 d.C.

Waagé admite que esta forma — cujos exemplares melhores e mais típicos são dos meados do século m — tenha evoluído dum aba bastante abaulada para uma aba quase horizontal até outra inclinada para o interior, mais parecida com a forma 42 e com um engobe opaco e não brilhante como o dos exemplares mais antigos (81).

44.^a — *Esu III* — 47

Classificação: Grupo 3 — Tipo A.

Descrição: Fragmento de prato de parede encurvada e bordo em forma de aba muito larga, ligeiramente inclinada para o interior, cujo lábio termina em gume como na forma 40. A face superior da aba tem uma fina canelura paralela ao limite externo e decoração feita com roleta numa faixa de 12 mm. de largura.

Corresponde à forma 42 de Lamboglia (82).

Lamboglia apresenta um exemplar de Atenas e outro de Calvatone. O primeiro é mais fundo que o segundo. Ambos têm o pé atrofiado já característico da forma 40 e decoração à roleta sobre a aba e fundo interno. Esta forma admite a aba perfeitamente horizontal ou inclinada.

Conhecem-se exemplares de Dura-Europos (83) e de Antioquia (84).

(80) Waagé, 1948, Est. VIU, 807.

(81) Waagé, 1948, p. 48.

(82) Lamboglia, 1963, pp. 152-153.

(83) Cox, 1949, p. 15.

(84) Waagé, 1948, Est. VIII, 812 e fig. 82, 1, 2, 3.

Cronologia — É diminuto o número de exemplares para estabelecer com alguma precisão a área de difusão e cronologia desta forma. Não aparece em Ampúrias e Lamboglia refere a existência de alguns fragmentos de Albintimilium provenientes dos estratos III A e II posteriores a 250 d.C. Nenhum fragmento da forma 42 figura, porém, no material publicado das escavações de 1938-40.

Os exemplares publicados por Waagé são dum fabrico muito fino, e o autor coloca-os entre as formas mais antigas, dos meados do século m; não aparece entre os exemplares mais pobres do século iv (85). A forma 42 também serve de prototipo aos grandes pratos de T.S. clara D típicos do século iv.

45. ^a — *Est. III—45*

Classificação: Grupo 3 — Tipo C.

Descrição: Prato semelhante ao anterior, mas de aba um pouco menos larga e quase horizontal. A decoração feita com roleta, numa faixa de 9 mm. de largura, não corre a meio da aba mas junto do limite externo desta.

46. ^a — *Est. III—44*

Classificação: Grupo 3 — Tipo C.

Descrição: Fragmento de aba da mesma forma, com decoração feita com roleta mais simplificada.

47. ^a — *Est. III—46*

Classificação: Grupo 3 — Tipo A.

Descrição: Fragmento de base, com pé muito atrofiado. A 15 mm. do pé o fundo externo faz um levíssimo ressalto e a 10 mm.

(85) Waagé, 1948, p. 55.

deste em direcção ao centro corre uma ténue canelura. No fundo interno, ao nível do ressalto, existe uma estreita e pouco funda canelura. É uma base correspondente à forma 42 e semelhante à do exemplar de Atenas publicado por Lamboglia (86).

48.^a — *Est. III* — 48

Classificação: Grupo 3—Tipo C.

Descrição: Fragmento de prato de paredes encurvadas e bordo em forma de aba estreita e lisa, ligeiramente descaída para o exterior. Tem uma canelura sobre a face superior da aba.

Este fragmento encontra-se precisamente no caso do n.º 39. Pelas características do engobe macio e semelhanças com os n.ºs 44 e 45 incluí-o no grupo 3. No caso presente a peça parece ter sofrido a acção dum fogo um pouco redutor pois argila e engobe apresentam manchas escuras.

Não encontro correspondente desta forma na T.S. clara C, A ou B apresentada por Lamboglia. Assemelha-se antes à forma 52 da T.S. clara D, com a curvatura e espessura da parede semelhantes ao exemplar de Alintimilium e bordo da mesma largura mas inclinado para o exterior (87).

Entretanto, Waagé apresenta um fragmento desta forma que ele indue no fabrico Late A, embora não do melhor nem do mais típico e pouco comum (88).

49 * — *Est. IV* — 49

Classificação: Grupo 4 — Tipo B.

Descrição: Fragmento de tigela de parede encurvada, bastante espessa, bordo em amêndoa. A cor e qualidade do engobe, apenas

(86) Lamboglia, 1963, pp. 152-153.

(87) Lamboglia, 1963, p. 197.

(88) Waagé, 1948, Est. VIII, 820 e p. 48.

na face interna e face externa do bordo, lembram as de alguns exemplares de T.S. clara A.

Corresponde à forma 1 de Lamboglia (89).

Lamboglia apresenta um exemplar de Albintimilium que possui um pé bastante alto e oblíquo. O fundo interno é ornamentado com um motivo estampado: aves, peixes e outros motivos animais. Nos exemplares de maiores dimensões estes motivos dispõem-se, frequentemente, em torno de duas caneluras circulares (90).

Lamboglia diz que esta forma parece ser rara no Norte de África. De facto, não figura na colecção do Museu de Copenhague. É, contudo, muito frequente em Albintimilium e em toda a margem setentrional do Mediterrâneo em estratos tardios (91).

Waagé apresenta alguns fragmentos que suponho corresponderem a esta forma que o autor considera uma das mais frequentes do fabrico Late Roman B. A ordem de apresentação dos fragmentos corresponde, segundo ele, ao que deveria ter sido a evolução cronológica: os exemplares mais antigos possuiriam um pé alto e oblíquo que diminuiria até ficar reduzido a um fundo realçado (92).

Cronologia — Lamboglia admite que esta forma não seja das mais antigas mas tenha surgido tardiamente dentro da produção de T.S. clara D, já na segunda metade do século iv. Em Antioquia esta forma aparece no segundo quartel do século vi (93). É de notar que a exportação do fabrico Late B para Antioquia é interrompida durante um período de quase um século — entre 430 e 530; não é de estranhar, pois, que exemplares deste fabrico surjam lá numa época mais avançada em relação a outras regiões onde tal interrupção não se verificou ou foi menos sentida (94).

(89) Lamboglia, 1963, pp. 184-186.

(90) Lamboglia, 1950, fig. 80-20.

(91) Lamboglia, fig. 80-17 a 20; fig. 4-1; fig. 77-20.

(92) Waagé, 1948, Est. X, 878.

(93) Waagé, 1948, p. 57.

(94) Waagé, 1948, p. 56.

50.^a — *Est. IV*— 51

Classificação: Grupo 4 — Tipo B.

Descrição: Fragmento de tigela semelhante à anterior na forma e características de fabrico.

51.^a — *Est. IV*— 52

Classificação: Grupo 4 — Tipo A.

Descrição: Fragmento de tigela de parede hemisférica, com bordo em forma de aba estreita, engrossada e levemente descaída para o exterior.

Corresponde à forma 24 de T.S. clara D de Lamboglia (95).

Lamboglia apresenta 2 exemplares desta forma, respectivamente de Albintimilium e St. Blaise, ambos com o pé alto e oblíquo semelhante ao da forma 1.

Cronologia — Não é ainda possível estabelecer a cronologia desta forma. Podemos apenas dizer que existe em T.S. clara A (96) e que há muitas características comuns entre os dois fabricos. Em Albintimilium, na sepultura 145, datável dos fins do século II, foi encontrada uma tigela desta forma numa imitação que, segundo Lamboglia, não corresponde a nenhum dos fabricos da T.S. clara e que fica, assim, como testemunho de possíveis elos de ligação entre o século II e o século IV, correspondentes, respectivamente ao fabrico do tipo A e do tipo D (97). (Ver exemplar n.º 40, referido atrás).

(95) Lamboglia, 1963, pp. 188-189.

(96) Lamboglia, 1958, p. 292.

(97) Lamboglia, 1963, p. 189.

52.^a — *Est. IV* — 54

Classificação: Grupo 4 — Tipo B.

Descrição: Fragmento de tigela da mesma forma da anterior, mas com aba mais larga e menos engrossada.

53* — *Est. IV* — 56

Classificação: Grupo 4 — Tipo B.

Descrição: Fragmento de tigela hemisférica, com bordo em forma de aba recortada.

Corresponde à forma 48 da T.S. clara D de Lamboglia (98).

Lamboglia apresenta um exemplar quase completo de Marselha. Considera a forma rara e não dá quaisquer indicações cronológicas.

Waagé, porém, considera-a uma das formas tardias mais comuns da Late B e apresenta um exemplar de pé alto, cuja parede tem uma curvatura menos fechada que o exemplar de Marselha. Outros fragmentos documentam variantes com pés menos altos e fundo interno rebaixado com duas caneluras (99).

Em Antioquia esta forma aparece no segundo quartel do século vi após a interrupção da exportação do fabrico Late B (ver exemplar n.º 49 descrito atrás) (100).

Rigoir publica um exemplar desta forma em cerâmica estampada cinzenta (101).

54.^a — *Est. IV* — 59

Classificação: Grupo 4 — Tipo B.

Descrição: Fragmento de tigela, de parede hemisférica e bordo em forma de aba levemente inclinada para o exterior, com

(98) Lamboglia, 1963, p. 194.

(99) Waagé, 1948, p. 49, *Est. IX*, 856 e fig. 28-9.

(100) Waagé, 1948, p. 57.

(101) Rigoir, 1960, fig. 12.

decoreção à roleta muito incisa. O engobe avermelhado é brilhante, espesso e aderente na face interna e sobre a aba; torna-se menos espesso e mate na face externa onde desee apenas até meio da parede. Este exemplar parece ter sofrido uma cozedura a fogo redutor, pois engobe e pasta na aba e início da parede têm uma cor escura acinzentada.

Aproxima-se da forma 35 de Lamboglia de que difere, porém, na aba, pois é rectilínea e não abaulada, como a da forma 4/36 do tipo A. O exemplar de Albintimilium, publicado por Lamboglia, tem um engobe muito bom. A parede externa não tem engobe (102). É interessante notar também as relações de semelhança entre a aba, com decoreção à roleta, e o tipo de cozedura do exemplar de Conímbriga com a forma 4/35 de T.S. clara B, apresentada por Lamboglia e que ele considera claramente tardia, já vizinha da cerâmica cinzenta (103).

Waagé publica um fragmento de Antioquia igual à tigela de Conímbriga e inclui-o no fabrico da Late B (104).

Cronologia — Lamboglia e Waagé não dão indicações cronológicas além das conhecidas sobre a produção geral deste tipo. Dadas as suas características de forma, engobe e cozedura parece que este exemplar de Conímbriga deve colocar-se naquele ponto indeterminado do século iv em que tipos intermédios anunciam a cerâmica cinzenta, cujas relações com a T.S. clara B por um lado e a T.S. clara D por outro são evidentes, mas ainda não estão bem definidas, como se viu.

55.^a — *Est. IV* — 53

Classificação: Grupo 4 — Tipo B.

(102) Lamboglia, 1963, p. 190.

(103) Lamboglia, 1958, p. 318 e p. 299.

(104) Waagé, 1948, fig. 28-5 e *Est. IX*, 857a.

Descrição: Fragmento de grande prato com parede em quarto de círculo e bordo liso, arredondado. Um pouco abaixo do bordo, na face externa, 2 finas caneluras.

Corresponde à forma 9 da T.S. clara D de Lamboglia (105).

Lamboglia apresenta 2 exemplares, respectivamente de Arles e de Albintimilium. O de Arles possui um pé pequeno muito atrofiado, apenas perceptível. O de Albintimilium, que Lamboglia considera o mais comum e característico, tem parede em quarto de círculo quase perfeito, fundo completamente plano e uma série de caneluras a meio da parede.

Cronologia — Esta é uma das formas que tiveram vida mais longa na produção da T.S. clara. Conhecem-se exemplares de Albintimilium, Ampúrias, Tarragona e Arles em T.S. clara A (106), correspondentes aos fins do século n e primeira metade do século m; continua na produção de T.S. clara B (107), no século m; e é copiada pelo fabrico da T.S. clara D, no século iv.

Waagé apresenta dois fragmentos que julgo corresponderem a esta forma, em fabrico de Late A. O autor considera-os entre os exemplares mais finos desta produção, correspondentes à 2.^a metade do século m (108). A ser assim, a forma 9 teria sido também adoptada pela produção da T.S. clara C.

56.^a — *Est. IV* — 50

Classificação: Grupo 4 — Tipo B.

Descrição: Fragmento de prato semelhante ao anterior com uma faixa de caneluras mais ou menos fundas abaixo do bordo.

(105) Lamboglia, 1963, p. 187.

(106) Lamboglia, 1958, pp. 274-275.

(107) Lamboglia, 1963, p. 308.

(108) Waagé, 1948, *Est. IX*, 838, e p. 55.

57.^a — Est. IV— 55

Classificação: Grupo 4 — Tipo B.

Descrição: Fragmento de prato fundo, com parede hemisférica e bordo em aba inclinada para o interior e formando um duplo degrau. O lábio do bordo é pendente. Fundo completamente plano.

Corresponde à forma 42 da T.S. clara D de Lamboglia (109).

Lamboglia apresenta dois exemplares, respectivamente de Albintimilium e Nimes. O primeiro tem o fundo plano apenas com duas caneluras; internamente, o fundo é decorado com motivos geométricos estampados, círculos e quadrados alternando de maneira regular e circundados por várias caneluras concêntricas. O exemplar de Nimes constitui uma variante 42 A com bordo inclinado e sem degrau, que reproduz exactamente o da forma correspondente da T.S. clara C que serviu de prototipo a esta.

Esta é urna das formas mais difundidas em todo o Baixo Império romano: vários fragmentos foram encontrados em Albintimilium (110), Valência (111), Norte de África (112), Mediterrâneo Oriental (113).

Cronologia — É um dos vasos característicos da produção tardia da T.S. clara D, quase sempre com decoração estampada no fundo interno. O exemplar reconstituído de Albintimilium foi encontrado num estrato de destruição do século iv. Todos os outros fragmentos pertencem aos estratos I e II, muito tardios. Este prato é típico, pois, do período que vai de 350 d.C. a 450 d.C. Há muitas variantes desta forma no que respeita à maneira como

(109) Lamboglia, 1963, pp. 192-193.

(110) Lamboglia, 1950, fig. 92-1; fig. 101-2 e 3; fig. 104-5; fig. 114-8.

(111) Martin Avila, 1962, fig. 6-68.

(112) Pallarés, 1960, fig. 8-6a, 6b, 7a, 7b, 8 (Est. 309). Baradez, 1961, Est. IV, 20-22. Ponsich et Tarradel, 1965, fig. 9-14; fig. 12-14; fig. 20; fig. 30-5. Camps, 1955, fig. 5-6. Jodin et Ponsich, 1960, fig. 4.

(113) Waagé, Est. IX, 868 a 871 e p. 49. Hellstrom, 1965, Est. 37, 323.

é moldurada a aba, mas o estudo sistemático dessas variantes e respectivo significado cronológico ainda não está feito. Em Antioquia esta forma surge na segunda metade do século iv, no tipo Late B; aparece porém já no tipo que Waagé classifica de *intermediário* entre Late A e Late B (114). Já não aparece no século vi.

58. ^a — *Est. IV—5 I*

Classificação: Grupo 4 — Tipo B.

Descrição: Fragmento de bordo dum prato da mesma forma do anterior. Urna fina canelura corre paralela ao limite externo da aba.

59. ^a — *Est. IV—58*

Classificação: Grupo 4 — Tipo B.

Descrição: Fragmento de grande prato covo de paredes encurvadas e bordo em aba larga e horizontal. A 7 mm. do limite externo da aba, esta faz uma levíssima depressão e a 15 mm. desta tem uma moldura de 3 mm de largura, continuando depois a aba lisa. O fundo externo é apenas realçado de 1 mm. ao que corresponde uma canelura interna. Este fragmento não deixa ver se existe motivo estampado.

Corresponde à forma 51 de Lamboglia (115).

Lamboglia apresenta 3 exemplares de Albintimilium, o primeiro dos quais é considerado a forma mais típica e é semelhante ao exemplar de Conímbriga. Os outros correspondem a variantes 51 A e 51 B. A variante 51 A tem a parede externa decorada com fundas caneluras verticais. A variante 51 B tem fundo completamente plano e aba lisa muito inclinada para o exterior (116). Jodin e Ponsich publicaram

(114) Waagé, 1948, p. 55.

(115) Lamboglia, 1963, pp. 194-195.

(116) Lamboglia, 1960, fig. 104-6.

um exemplar desta forma com pé curto que Lamboglia diz poder constituir uma variante 51 C(117), admitindo a possibilidade da existência de outras, dada a larga difusão que esta forma teve em toda a bacia do Mediterrâneo. Muitos outros fragmentos apareceram, de facto, em Albintimilium (118), Tarragona, Norte de África (119), Mediterrâneo Oriental (120).

Cronologia — É muito comum em todas as estações e necrópoles do século iv da bacia do Mediterrâneo. Entretanto, em Albintimilium, aparece já em estratos dos fins do século III, com engobe claro e de muito boa qualidade, semelhante ao da produção da T.S. clara A (121). Lamboglia admite, por isso, que esta forma seja uma das mais antigas da T.S. clara D, que podia ter tido como antecedente a forma 32 da produção da T.S. clara B, do século m. Persistiu durante todo o século iv, não tendo os exemplares mais tardios o bordo moldurado.

Waagé refere alguns exemplares desta forma, um dos quais ele data também do século iv(122).

60.^a — *Est. IV* — 61

Classificação: Grupo 4 — Tipo B — Variante 1.

Descrição: Fragmento de vaso com aba e curvatura da parede igual ao da forma anterior. †

61.^a — *Est. IV* — 60.

Classificação: Grupo 4 — Tipo B — Variante 1.

- (117) Jodin et Ponsich, 1960, fig. 6a.
- (118) Lamboglia, 1960, fig. 4-2 e 6; fig. 80-35 e 40; fig. 104-7; fig. 114-13; fig. 118-5.
- (119) Pallarés, 1960, fig. 9-6 (Est. 310).
- (120) Waagé, 1948, Est. VIII, 817. Hellstrom, 1965, Est. 37, 324.
- (121) Lamboglia, 1950, fig. 4-2.
- (122) Waagé, 1948, p. 48.

Descrição: Fragmento de vaso com aba igual aos anteriores e parede um pouco mais espessa.

O diâmetro destes 2 últimos exemplares, muito menor, faz supor que se trata antes de tigelas correspondentes aos grandes pratos da forma 51.

62. ^a — *Est. V*—64

Classificação: Grupo 4 — Tipo A — Variante 1.

Descrição: Prato da mesma forma dos anteriores com fundo externo apenas realçado e caneluras verticais incisivas que ornamentam a parede externa. Estas caneluras, ao serem rebaixadas altearam a parede interna em gomos correspondentes.

Waagé publica um fragmento desta variante (123). Conhecem-se outros de Valência (124), Tipasa(125), Marrocos (126).

Russel Cortez também publicou um proveniente de Fonte do Milho (Canelas do Douro) (127).

63. ^a — *Est. V*—62

Classificação: Grupo 4 — Tipo B — Variante 1.

Descrição: Fragmento de prato semelhante ao anterior. As caneluras verticais são muito menos altas.

64. ^a — *Est. V*—66

Classificação: Grupo 4 — Tipo B — Variante 1.

(123) Waagé, 1948, *Est. VIII*, 818 e fig. 28-8.

(124) Martin Avila, 1962, fig. 7-70.

(125) Baradez, 1961, *Est. IV*, 26.

(126) Jodin et Ponsich, 1960, fig. 6a.

(127) Russel Cortez, 1951, p. 33.

Descrição: Fragmento de prato semelhante ao anterior. As caneluras mais largas e profundas originam gomos muito salientes na face interna.

65.^a — *Est. V* — 68

Classificação: Grupo 4 — Tipo A.

Descrição: Fragmento de grande prato de parede em quarto de círculo um pouco alargado e bordo em forma de aba muito estreita, arredondada e um pouco inclinada para o exterior. Fina canelura sobre a face superior da aba. O fundo exterior é apenas levemente realçado.

Corresponde à forma 52 de Lamboglia (128).

Lamboglia apresenta 3 exemplares, respectivamente, de Tarragona, Arles e Albintimilium. O primeiro, considerado o mais típico, tem uma grande parede em perfeito quarto de círculo, é pouco espesso e tem um pé quase imperceptível; o de Aries constitue uma variante 52 B, com parede mais ampla e mais espessa e com pé menos diminuto; o exemplar de Albintimilium tem uma parede ampla e muito espessa, aba menos estreita e fundo completamente plano. Alguns exemplares possuem decoração estampada sobre o fundo interno. Ainda não foi possível estabelecer o significado cronológico destas variantes.

Esta forma é muito comum. Apareceram numerosos fragmentos em Albintimilium (129), St. Blaise, Norte de África (130) e Antioquia (131).

Cronologia — De momento pode apenas dizer-se que é uma forma corrente em todos os estratos do século iv.

(128) Lamboglia, 1963, pp. 196-197.

(129) Lamboglia, 1950, fig. 77-25; fig. 80-25 e 36 a 38; fig. 110-6 e 7; fig. 106-6 a 10.

(130) Camps, 1955; fig. 4-6 e 8. Pallarés, 1960, fig. 9.

(131) Waagé, 1948, Est. VIII, 821.

66. ^a — *Est. V* — 67

Classificação: Grupo 4 — Tipo A — Variante 1.

Descrição: Fragmento de prato semelhante ao anterior, mas com aba horizontal.

67. ^a — *Est. V* — 65

Classificação: Grupo 4 — Tipo A

Descrição: Fragmento de prato semelhante ao anterior.

68. ^a — *Est. V* — 69

Classificação: Grupo 4 — Tipo A — Variante 1.

Descrição: Fragmento de prato semelhante ao anterior.

69. ^a — *Est. F* — 63

Classificação: Grupo 4 — Tipo A.

Descrição: Fragmento de prato semelhante ao anterior, mas com aba muito mais estreita.

70. ^a — *Est. F* — 71

Classificação: Grupo 4 — Tipo A.

Descrições: Fragmento de prato semelhante ao anterior, com parede em quarto de círculo como a variante 52 A.

71. ^a — *Est. V* — 70

Classificação: Grupo 4 — Tipo A.

Descrição: Fragmento de prato semelhante ao anterior, com parede em quarto de círculo e aba muito fina.

72.^a — *Est. V*— 72.

Classificação: Grupo 4 — Tipo A.

Descrição: Fragmento de prato semelhante aos anteriores nas características gerais, com parede em quarto de círculo como a variante 52 A e a aba larga como o exemplar de Albin-timilium. A face superior da aba é lisa; sob esta e na face externa da parede, profundas ranhuras. O fundo interno é rebaixado.

As diferenças que este fragmento apresenta em relação aos anteriores, por um lado, e as suas semelhanças com o fragmento n.º 30 (Grupo 2 — Tipo A), por outro, fazem-me admitir que ele pertença a um tipo diferente de grande prato mais directamente relacionado com a forma 23. O facto de ele ser exemplar único levou-me a incluí-lo, de momento, nesta forma.

73* — *Est. V*— 73

Classificação: Grupo 4 — Tipo B — Variante 1.

Descrição: Grande prato baixo de paredes encurvadas e bordo triangular.

Corresponde à forma 54 de Lamboglia (132).

Lamboglia apresenta três exemplares, respectivamente de Albin-timilium, Valência e Tarragona, com decoração estampada no fundo interno e pé muito reduzido. Os exemplares de Albin-timilium e Tarragona têm também uma canelura no fundo interno. Estes exemplares apresentam variantes importantes no bordo: o primeiro é igual à forma mais frequente em Conímbriga; o de Valência tem o ângulo inferior externo muito elevado e uma parede, conseqüentemente, mais encurvada; o de Tarragona possui o bordo triangular quase vertical.

(132) Lamboglia, 1963, pp. 198-201.

Ainda não é possível atribuir um significado cronológico a estas variações.

Esta forma teve urna larga difusão. Apareceram vários fragmentos em Albintimilium (133), Valência (134), Norte de África (135) e Mediterrâneo Oriental (136).

Cronologia — Todos os fragmentos de Albintimilium pertencem a estratos correspondentes aos fins do século m e século iv. Waagé considera esta a mais comum das formas de Late B com decoração estampada dos séculos m e iv.

Gabriela Martin Avila apresenta dois exemplares desta forma, encontrados em Valência, que incluye no fabrico da T.S. clara C. São de menores dimensões os correspondentes em T.S. clara D e têm engobe de boa qualidade e brilhante em ambas as faces (137).

74. ^a — *Est. VI—15*

Classificação: Grupo 4 — Tipo A — Variante 1.

Descrição: Fragmento de prato semelhante ao anterior.

75. ^a — *Est. V—74*

Classificação: Grupo 4 — Tipo A — Variante 1.

Descrição: Fragmento de prato semelhante ao anterior com o ângulo de bordo um pouco mais elevado.

(133) Lamboglia, 1950, fig. 74-100; fig. 80-32 a 35; fig. 100-13; fig. 104-9; fig. 106-5; fig. 114-11.

(134) Martin Avila, 1962, fig. 6-66; fig. 7-71.

(135) Pallarés, 1960, fig. 10-1, 2, 3, (Est. 311). Baradez, 1961, Est. 1, 45. Camps, 1955, 5-1 a 5. Jodin et Ponsich, 1960, fig. 5.

(136) Waagé, 1948, Est. VIII, 831.

(137) Martin Avila, 1962, fig. 5-58 e 59 e p. 100.

76. ^a — *Est. VI—11*

Classificação: Grupo 4 — Tipo A — Variante 1.

Descrição: Fragmento de prato semelhante ao anterior. Este apresenta uma fina canelura sobre a parte pendente do bordo.

77. ^a — *Est. VI—16*

Classificação: Grupo 4 — Tipo A — Variante 1.

Descrição: Fragmento de prato semelhante ao anterior. O bordo de ângulo externo muito elevado, assemelha-se à variante de Valência.

78. ^a — *Est. VI—78*

Classificação: Grupo 4 — Tipo A — Variante 1.

Descrição: Fragmento de prato semelhante ao anterior com bordo igual à variante de Tarragona.

79. ^a — *Est. VI—19*

Classificação: Grupo 4 — Tipo B.

Descrição: Fragmento de vaso de parede quase rectilínea com bordo triangular levemente oblíquo e engrossado com uma canelura na face interna do bordo. A forma lembra a dum *alguidai*.

80. ^a — *Est. VI—80*

Classificação: Grupo 4 — Tipo B.

Descrição: Fragmento semelhante ao anterior.

81. ^a — *Est. VI* — 81

Classificação: Grupo 4 — Tipo B.

Descrição: Fragmento semelhante aos anteriores com bordo menos engrossado e mais pendente.

Não encontro paralelo nas formas conhecidas de T.S. clara para estes 3 últimos fragmentos, pois a retilinidade muito acentuada da parede não permite, ao que suponho, incluí-los na forma 55, de que se aproximam pelo bordo. Tal como disse, lembram mais a forma de um alguidar, aliás corrente, em Conímbriga, em cerâmica comum e que pode recordar a forma 33 da sigillata sudgálica (138).

82. ^a — *Est. VI* — 82

Classificação: Grupo 4 — Tipo B.

Descrição: Fragmento de base com pé alto e oblíquo e 2 caneluras no fundo interno.

O engobe deste fragmento é particularmente claro, quase róseo, deixando ver laivos de engobe vermelho, o que lhe dá um aspecto muito particular. Parece-me antes uma imitação fina da T.S. clara.

Corresponde à forma 55 de Lamboglia (139).

Trata-se duma patera de parede pouco curva com bordo triangular e pé alto.

Lamboglia apresenta 3 exemplares, respectivamente de Barcelona, Narbona e Vado, correspondendo a variantes que diferem essencialmente no bordo e pé. O exemplar de Barcelona, com bordo triangular e engrossado, tem um pé triangular muito alto e oblíquo e duas caneluras no fundo interno. O exemplar de Narbona mostra várias caneluras sobre a parte pendente do bordo, que não é engrossado nem possui

(138) Oswald, 1920, Est. LI.

(139) Lamboglia, 1963, pp. 202-203.

canduras na face interna, como o anterior. O pé triangular é muito menos alto e vertical. A parede interna e fundo interno são ornamentados com 4 bandas de caneluras. O exemplar de Vado tem um bordo muito engrossado e alongado, sem qualquer canelura sob o bordo e com 2 caneluras no fundo interno. Possui um pé triangular e vertical de tamanho intermédio entre as 2 outras variantes. É muito comum a decoração estampada no fundo interno. Esta forma assemelha-se a outra a que Lamboglia deu o n.º 53, diferindo dela pela presença do pé (a forma 53 é de fundo apenas realçado) e pela parede que nesta é muito mais encurvada.

A forma 55 parece menos comum que a 53; conhecem-se muitos fragmentos desta última em Albintimilium e Norte de África.

Fragmentos da forma 55 foram encontrados em Albintimilium (140), muitos dos quais ainda inéditos, e um exemplar inteiro em St. Blaise.

Não figura, porém, nas publicações citadas que apresentam T.S. clara do Norte de África ou Mediterrâneo Oriental.

Cronologia — Tal como a forma 53, aparece em Albintimilium em estratos dos fins do século III e século IV.

83.^a — *Est. VI*— 83

Classificação: Grupo 4 — Tipo B.

Descrição: Fragmento de grande prato baixo de paredes encurvadas e bordo em forma de aba horizontal, cujo lábio realça e pende em parede vertical. Esta parte pendente é ornamentada por 3 fundas caneluras. A face superior da aba é ornamentada por 3 molduras paralelas. O prato assenta num pé muito reduzido e o fundo externo é moldurado.

Podemos considerar este prato como uma variante da forma 56 de Lamboglia (141).

(140) Lamboglia, 1950, fig. 80-26, 30.

(141) Lamboglia, 1963, pp. 203-204.

Nesta variante, ao contrário do exemplar de Génova, a aba faz um ângulo muito pronunciado com a parede no ponto de junção, tal como acontece na forma 57.

Lamboglia aproxima esta da forma 41 pelo corpo baixo e pé muito atrofiado. É frequente a decoração estampada sobre o fundo interno.

Apareceram fragmentos numerosos em Albintimilium (142) e no Norte de África (143), estes últimos com aba semelhante à nossa variante. Não a encontro representada em Antioquia.

Cronologia — Os fragmentos de Albintimilium pertencem aos estratos I-II correspondentes aos fins do século III e século IV. Esta forma foi, talvez, mais copiada pela cerâmica cinzenta, de que existem alguns exemplares em Conímbriga (144).

84. ^a — *Est. VI* — 84

Classificação: Grupo 4 — Tipo B.

Descrição: Fragmento de grande prato baixo semelhante ao anterior.

A face superior da aba é ornamentada com 2 molduras na base do ressalto do lábio e outra à distância de 16 mm. da primeira.

85. ^a — *Est. VII* — 86

Classificação: Grupo 4 — Tipo B.

Descrição: Fragmento de aba dum prato semelhante aos anteriores.

A face superior da aba é também ornamentada com 2 molduras e a face pendente, muito oblíqua, ornamentada de duas finas e fundas caneluras. O fragmento não nos permite ver se pertence à variante apresentada atrás ou à forma 56 típica de Génova.

(142) Lamboglia, 1950, fig. 9-23; fig. 80-42, 43; fig. 104-8; fig. 118-6.

(143) Baradez, 1921, Est. I, 48; Est. IV, 23 a 25. Ponsich e Tarradel, 1965, fig. 9-12, 13; fig. 30-8. Jodin et Ponsich, 1960, fig. 6a.

(144) Alarcão, 1965.

86.^a — *Est. VII* — 85

Classificação: Grupo 4 — Tipo B.

Descrição: Fragmento de aba dum prato pertencente à forma 56 ou variante. O lábio faz um ressalto e pende em parede vertical. A aresta superior do lábio é dentada e a parte pendente ornamentada por 3 caneluras largas e superficiais. A meio da face superior da aba correm duas caneluras paralelas.

87.^a — *Est. VII* — 93

Classificação: Grupo 4 — Tipo B.

Descrição: Fragmento de prato semelhante aos anteriores. A face superior da aba é lisa e a aresta superior do lábio dentada. A parede pendente deste é ornamentada com 2 fundas caneluras.

88.^a — *Est. VII* — 88

Classificação: Grupo 4 — Tipo B.

Descrição: Fragmento de prato semelhante ao anterior. A parte pendente do lábio é lisa e a aresta superior finamente dentada. A face superior da aba apresenta uma moldura muito perfeita na base do ressalto do lábio.

89.^a — *Est. VII* — 87

Classificação: Grupo 4 — Tipo B.

Descrição: Fragmento de prato semelhante aos anteriores. A face superior da aba e a parte pendente do lábio são lisas.

90. ^a — *Est. Vil* — 91a

Classificação: Grupo 4.— Tipo B.

Descrição: Fragmento de aba dum prato semelhante aos anteriores.

Neste fragmento como nos que se seguem, pertencentes à mesma forma, o ressalto superior do lábio é mais oblíquo que nos exemplares anteriores, variante aliás que se nota noutros fragmentos publicados desta forma. Este fragmento tem uma moldura muito fina na base do ressalto e 2 caneluras muito superficiais na face superior da aba.

91. ^a — *Est. VII* — 91

Classificação: Grupo 4 — Tipo B.

Descrição: Fragmento de aba muito semelhante à anterior com a mesma moldura e caneluras apenas perceptíveis.

92. ^a — *Est. VII* — 89

Classificação: Grupo 4 — Tipo B.

Descrição: Fragmento de aba muito semelhante aos 2 anteriores.

93 * — *Est. VII* — 90

Classificação: Grupo 4 — Tipo B.

Descrição: Fragmento de aba dum prato semelhante aos anteriores.

Na face superior da aba, a 25 mm do ressalto, vêem-se duas caneluras muito superficiais.

94.^a — *Est. VII* — 92

Classificação: Grupo 4 — Tipo B.

Descrição: Fragmento de aba muito semelhante ao anterior.

As características de engobe dos exemplares n.^{os} 89-91, muito claro com laivos avermelhados semelhantes ao fragmento n.º 82, faz-me admitir que se trata de imitações de T.S. clara.

95.^a — *Est. VII* — 94

Classificação: Grupo 4 — Tipo B.

Descrição: Fragmento de tigela funda de parede encurvada e bordo em forma de aba horizontal, cujo lábio realça e pende em parede vertical.

Corresponde à forma 57 de Lamboglia (145) e forma serviço com os grandes pratos baixos da forma 56.

Lamboglia apresenta um exemplar completo de Arles com um pé muito reduzido.

Segundo este autor, aparecem vários fragmentos desta forma em Albintimilium. No material publicado das escavações de 1938-40 reconheço um fragmento correspondente a esta forma (146).

Apareceu em Marrocos (147), Tipasa (148) e também em Antioquia, embora Waagé a considere rara (149).

Cronologia — Tal como o prato correspondente, esta é uma forma tardia retomada pela cerâmica cinzenta. O fragmento de Albintimilium pertence aos estratos I e II.

96* — *Est. VII* — 96

Classificação: Grupo 4 — Tipo A.

Descrição: Fragmento de prato de menores dimensões e paredes menos espessas que os anteriores. O bordo é levemente biselado e inclinado para fora. Ranhura sob a face externa da parede logo abaixo do bordo.

Não encontro um paralelo exacto para esta forma. Pela espessura das paredes e configuração geral do fragmento inclino-me a aproximá-la

(145) Lamboglia, 1963, p. 204.

(146) Lamboglia, 1950, fig. 80-46.

(147) Ponsich et Tarradel, 1965, fig.5-7; fig. 9-17; fig. 20; fig. 30-6, 8. Jodin et Ponsich, 1960, fig. 6b.

(148) Baradez, 1961, Est. II, 5, 6.

(149) Waagé, 1948, fig. 28-10 e Est. IX, 866.

da forma 58 de Lamboglia, mais do que das formas 54 ou 53 com as quais apresenta também certas semelhanças.

Lamboglia publica um exemplar de Tarragona, da forma 58, com fundo apenas realçado e diz que outros fragmentos foram encontrados em Albintimilium (150). Não há quaisquer indicações cronológicas.

97.^a — *Est. VII—91*

Classificação: Grupo 4 — Tipo B.

Descrição: Fragmento de prato fundo de paredes encurvadas e bordo triangular fechado e pendente. A parte pendente do bordo é ornamentada por uma funda canelura.

Corresponde à forma 60 de Lamboglia (151).

Lamboglia apresenta duas variantes desta forma, respectivamente de Marselha e de Arles. A primeira, semelhante ao exemplar de Conímbriga, tem o bordo liso e uma canelura sobre a face externa da parede. Assenta sobre um pé alto, levemente oblíquo, e tem duas caneluras no fundo interno. No exemplar de Arles, de menores dimensões e parede menos espessa, o bordo é ornamentado com duas caneluras muito fundas. Não apresenta caneluras no fundo interno e o pé é muito menos alto e perpendicular.

Esta forma é corrente em T.S. clara D, mas mais frequente ainda, segundo Lamboglia, numa imitação desta sigillata, comum em Albintimilium, com decoração à roleta muito característica (152).

Cronologia — Em Albintimilium esta forma aparece, tal como a imitação referida, em estratos correspondentes ao século iv.

(150) Lamboglia, 1963, p. 204.

(151) Lamboglia, 1963, pp. 205-206.

(152) Lamboglia, 1950, fig. 68-3 e fig. 80-47.

98 * — *Est. VII* — 95

Classificação: Grupo 4 — Tipo B.

Descrição: Fragmento de prato semelhante ao anterior, sem canelura sobre o bordo.

99. ^a — *Est. VIII* — 99

Classificação: Grupo 4 — Tipo B.

Descrição: Fragmento de travessa de bordo em forma de aba levemente inclinada para o interior. Numa das extremidades da travessa (o fragmento não permite ver se o mesmo acontece na extremidade oposta) a aba desenvolve-se de modo a formar uma espécie de pegadeira recortada. Urna funda canelura sobre a face superior da aba acompanha o limite externo desta. A parede interna não é perfeitamente oval: desenha um S alongado e é cortada em ângulo ao nível do início da pegadeira para continuar de novo a linha geral encurvada.

Engobe em muito bom estado de conservação na face interna e sobre o bordo.

Não encontrei nenhum exemplar desta forma na bibliografia consultada.

100. ^a — *Est. VIII* — 98

Classificação: Grupo 4 — Tipo B.

Descrição: Fragmento de travessa rectangular de bordo em forma de aba horizontal. O rebordo da aba é ornamentado com pérolas e o limite interno acentuado por uma funda canelura. A face interna da parede é ornamentada por depressões rectangulares separadas por fundas caneluras. O fundo interno é levemente rebaixado e o fundo externo plano.

Engobe em muito bom estado de conservação apenas na face interna e face superior da aba.

Tal como a anterior esta forma não figura na tipologia da T.S. clara publicada por Lamboglia.

Entretanto, um fragmento de travessa semelhante a este foi encontrado em Tipasa e publicado por Baradez (153).

101.^a a 109.^a — *Est. VIII*— 100 a 108

Classificação: Grupo 4 — Tipo B.

Descrição: Fragmentos de almofarizes com bordo em gancho recurvo.

Os 6 primeiros exemplares têm parede encurvada, enquanto os três últimos apresentam parede quase rectilínea e oblíqua. A altura do bordo acima do gancho e a curvatura destes são variáveis sendo de assinalar o n.º 104 que se eleva acima do bordo do almofariz e os n.ºs 107 e 108 que quase são horizontais. Os fragmentos n.ºs 101 e 102 têm uma ranhura no bordo externo acima do gancho e uma canelura na parte pendente deste. O fragmento n.º 106 tem uma fina canelura interna sob o bordo.

Correspondem à forma 38 de Lamboglia (154).

Lamboglia apresenta um exemplar de Albintimilium (155) a que atribue um pequeno pé oblíquo.

É uma das formas mais correntes em todo o mundo romano continental ou mediterrânico. Deriva da forma 38 da terra sigillata gálica, continua no fabrico da T.S. clara B, com a variante 38 b de gancho horizontal não recurvo, é muito frequente em T.S. clara D e imitada pela cerâmica comum.

Apareceram vários fragmentos em Albintimilium (156), onde existe também uma variante 38 A com folha de água sobre o gancho (157), no Norte de África (158) e em Antioquia (159).

(153) Baradez, 1961, *Est. II*, 45 e p. 124.

(154) Lamboglia, 1963, pp. 190-191.

(155) Lamboglia, 1950, fig. 80-23.

(156) Lamboglia, fig. 68-4; fig. 80-21 a 24; fig. 100-12.

(157) Lamboglia, 1950, fig. 106-2.

(158) Baradez, 1961, *Est. I* 41 a 43 e *Est. II*, 31-43. Ponsich et Tarradel, 1965, fig. 5-10,11; fig. 9-15; fig. 12-12; fig. 17-2; fig. 20. Jodin et Ponsich, 1960, fig. 4.

(159) Waagé, 1948, *Est. X*, 883.

Cronologia — Em Albintimilium surge em estratos tardios dos fins do século ni e iv. No Oriente esta forma não aparece antes da 2.^a metade do século m.

e) — CONCLUSÕES

Do estudo feito sobre Terra Sigillata Clara de Conímbriga proveniente de antigas escavações ressalto 2 factos que me parece merecerem especial atenção:

- 1 — A escassez da T.S. clara A (apenas 2 fragmentos).
- 2 — A grande abundância de exemplares do Grupo 2, que indue cerca de um terço dos fragmentos descritos.

A consideração destes 2 factos põe imediatamente 2 problemas:

- 1 — Sendo a produção da T.S. clara A muito abundante no Sul, por que razão só esporadicamente se encontra em Conímbriga e não existe, como suponho, no Norte do País?
- 2 — O Grupo 2 não corresponde, nem pelas formas, nem pelas características da pasta, à produção da T.S. clara B característica do Vale do Ródano, como tive ocasião de verificar aquando duma visita a Albintimilium já depois de terminado este estudo (160).

Sendo assim, parece estarmos diante duma produção típica cujo estudo (origem, cronologia, tipología e possíveis relações com outras regiões) alargará sem dúvida o âmbito conhecido da produção da T.S. clara a julgar pela qualidade de fabrico, variedade de formas e abundância desta produção em Conímbriga.

MANUELA DELGADO

(160) Agradeço ao Prof. Nino Lamboglia e a Francisca Pallarés a maneira como me acolheram durante a minha estadia em Ventimiglia e as indicações úteis que me deram sobretudo para trabalhos futuros.

T Á B U A I

FORMAS DE SIGILLATA CLARA ENCONTRADAS EM CONIMBRIGA

I FORMAS	A	B	c	D	LUZENTE
1	x	x		x <i>A</i>	
1/3					x
2	x	x			
2/37					x
3	x				x
3/8					x
4		x			
4/9					
4/23					
4/35		x			
4/36	x				x
4/46		x	x		
5	x				
6	x				
7	x				
8	x	x			
8/35		x			
9	x <i>A</i>	x		x <i>A</i>	x
10	x	x			
11	x				
12	x				
13	x				
14	x				
14/26		x			x
15	x				
16	x				
17	x				
18	x				
19	x	x			x
20	x <i>A</i>				
21	x				
22	x			x	
23	x				

x Formas fabricadas nos diversos tipos A-D.
A Formas encontradas em Conimbriga.

FORMAS	A	B	C	D	LUZENTE
24	×			×Δ	
24/25	×	×		×	×
26	×	×			
27	×				
28	×	×			×
29		×			
30	×	×			
31		×			
32		×			
33	×	×			×
34		×			
35	×	×	×	×	
38		×		×Δ	
39	×				
40			×Δ		
41	×		×Δ	×	
42			×Δ	×Δ	
42/48			×		
43			×		
44			×		
45					×
48				×Δ	
51				×Δ	
52				×Δ	
53				×	
54				×Δ	
55				×Δ	
56				×Δ	
57				×Δ	
58				×	
59				×	
60				×Δ	

T Á B U A II

LOCALIZAÇÃO DOS ACHADOS DE TERRA SIGILLATA CLARA
DE CONIMBRIGA

EST. I		EST. II		EST. III		EST. IV	
1	×	20	H	34	H-3	49	H-4
2	×	21	H-3	35	H-4	50	H
3	H-4	22	H	36	×	51	H-4
4	H-4	23	H	37	H-5	52	H-5
5	H	24	H-3	38	V.	53	H-5
6	×	25	H-5	39	×	54	×
7	×	26	H	40	H	55	H-1,2,3
8	H	27	H	41	E	56	H-4
9	×	28	H	42	H-5	57	E
10	H	29	H-5	43	M	58	H
11	M	30	E	44	×	59	H-3
12	×	31	H-3	45	E	60	E
13	E	32	E	46	×	61	×
14	H-5	33	H	47	×		
15	E			48	H		
16	×						
17	H-5						
18	×						
19	E						
EST. V		EST. VI		EST. VII		EST. VIII	
62	H	75	H	85	×	98	×
63	H	76	H	86	×	99	×
64	×	77	×	87	E	100	H-5
65	×	78	E	88	H-3	101	H
66	C	79	H-5	89	×	102	H
67	B	80	H-5	90	H	103	E
68	×	81	H-5	91	H-5	104	H-3
69	H-3	82	×	91a	H-5	105	H
70	H-3	83	×	92	H	106	H
71	H	84	×	93	E	107	×
72	H-3			94	×	108	H
73	H			95	H		
74	×			96	H-3		
				97	H-5		

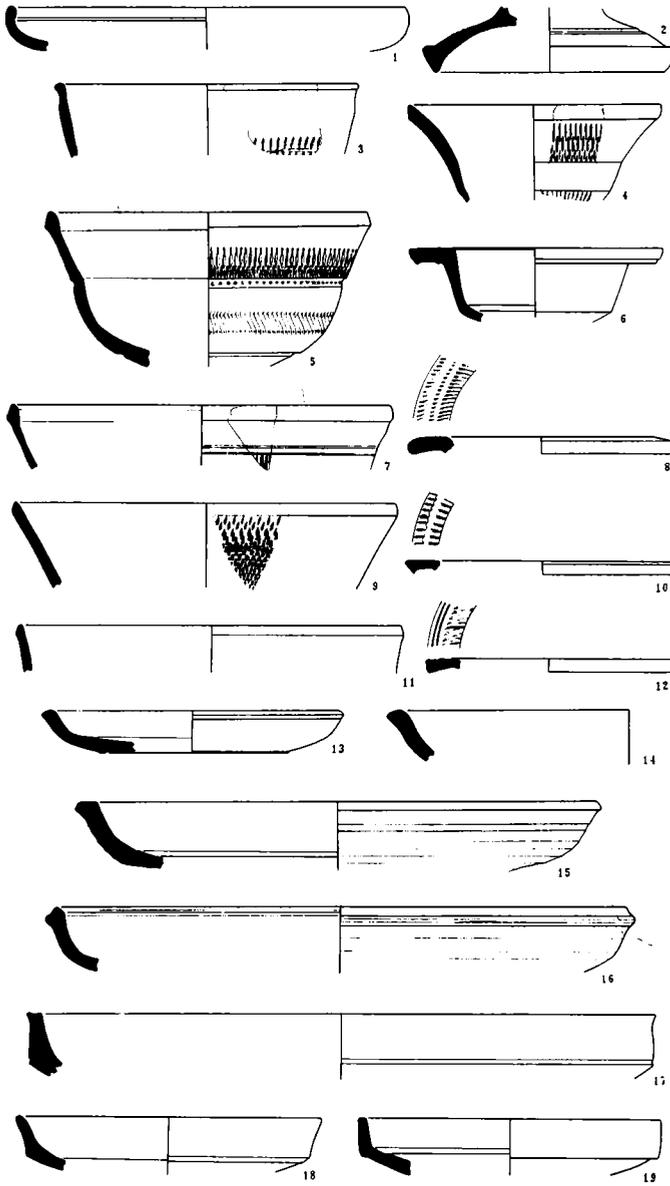
Vid. ñas págs. 63 e 64 a explicação destas abreviaturas

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, 1964: Adília e Jorge Alarcão, «Cerâmica vermelha estampada de Conímbriga», in *Arquivo de Beja*, XX-XXI, 1963-64, pp. 81-100.
- , 1965: Jorge Alarcão, «Cerâmica estampada cinzenta de Conímbriga», in *Arquivo de Beja*, XXII, 1965, pp. 191-196.
- BARADEZ, 1961: J. Baradez, «Nouvelles fouilles à Tipasa — La maison des fresques et les voies la limitant — Annexe 1 — La céramique et les lampes à huile», in *Libyca*, IX, 1961, pp. 114-130.
- CAMPS, 1955: G. Camps, «La nécropole de Draria el Achour», in *Libyca*, III, 1955, pp. 225-264.
- COMFORT, Howard, *Draft of Article «Terra Sigillata» for Enciclopedia Italiana dell'Arte Antica*.
- Cox, 1949: Dorothy Hannat Cox, *The excavations at Dura-Europos. Final Report IV, part I, fase. 2. The Greek and Roman Pottery*, New Haven, 1949.
- FÉVRIER, 1963: P. A. Février, «Remarques préliminaires sur la céramique romaine d'Afrique du Nord (A propos des fouilles de Sétif)», in *Rivista di Studi Liguri*, XXIX, n.º 1-4, 1963, pp. 125-136.
- HAYES, 1964: J. W. Hayes, «Notes on Roman Pottery in Greece and Aegean» in *Rei Cretariae Romanae Fautorum*, Acta V-VI, 1963-64, pp. 33-34.
- HELLSTRÖM, 1965: P. Hellstrom, *Labraunda — Swedish Excavations and Researches II, Part I, Pottery of classical and later date, terracotta lamps and glass*, Lund, 1965.
- JODIN et PONSICH, 1960: Jodin et Ponsich, «La céramique estampée du Maroc romain» in *Bulletin d'Archéologie Marocaine*, IV, 1960, pp. 287-318.
- LAMBONGLIA, 1941 : N. Lamboglia, «Terra sigillata chiara», in *Rivista Ingauna Intemelina*, 7, 1941, pp. 1-16.
- , 1950: N. Lamboglia, *Gli scavi di Albintimilium e la cronologia della Cerámica Romana, Parte I, Campagne di Scavo 1938-1940*, Bordighera, 1950.
- , 1952: N. Lamboglia, «Apuntes sobre Cronologia Cerámica», publicadas por A. Beltran in *Publicaciones del Seminario de Arqueologia y Numismática Aragonesas*, 3, 1952, pp. 73-90.
- , 1955: N. Lamboglia, «Scavi italo-spagnoli ad Ampiarías» in *Rivista di Studi Liguri*, XXI, n.º 3-4, 1955, pp. 197-213.

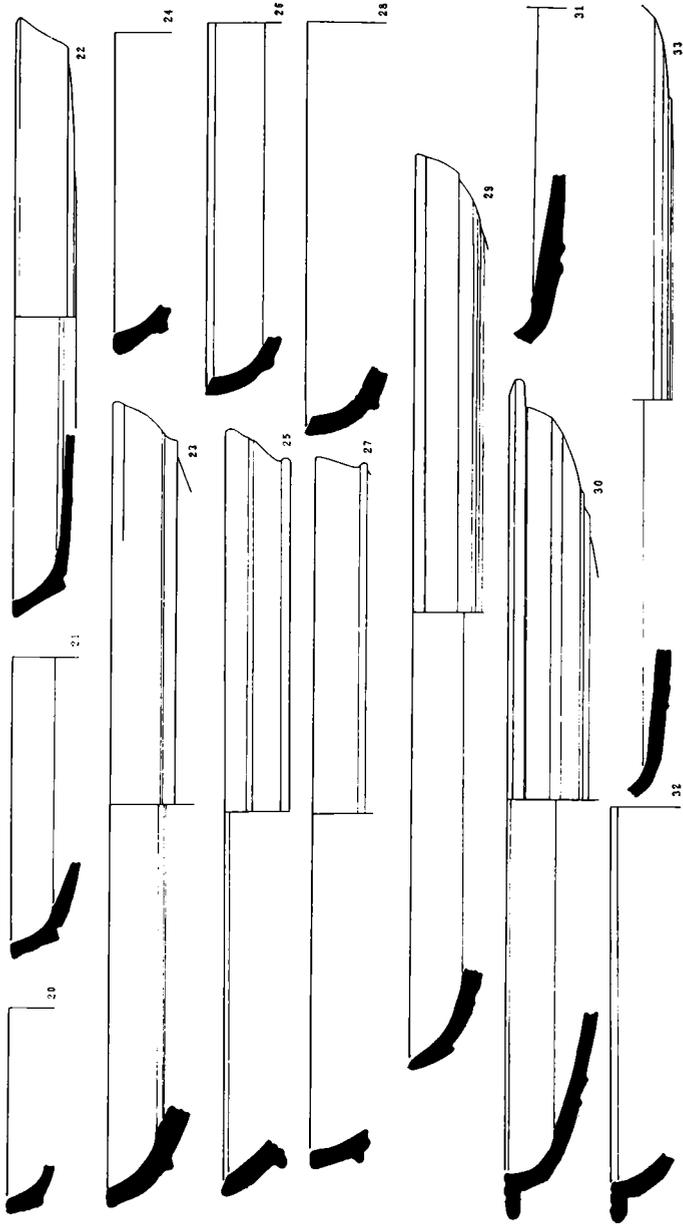
- , 1958; N. Lamboglia, «Nuove osservazioni sulla «Terra Sigillata Chiara» (Tipi A e B), in *Rivista di Studi Liguri*, XXIV, n.ºs 3-4, 1958, pp. 257-330.
- , 1958(1): N. Lamboglia, «Una tomba romana scoperta a Bordighera, in *Rivista di Studi Liguri*, XXIV, 1958, pp. 121-134.
- , 1963: N. Lamboglia, «Nuove osservazioni sulla «Terra sigillata chiara» (II), in *Rivista di Studi Liguri*, XXIX, n.ºs 1-4, 1963, pp. 145-211.
- MARTIN AVILA, 1962: Gabriela Martin Avila, «Estudio de los materiales arqueológicos hallados en el subsuelo del palacio de la Generaliad de Valencia», in *Saïtabi*, XII, 1962, pp. 98-102.
- MARTIN DE CASTILLO, 1965: Gabriela Martin de Castillo, «Notas preliminares sobre la Terra sigillata clara de Pollenda (Mallorca)» in *Rei Cretariae Romanae Fautorum*, Acta VII, 1965, pp. 71-73.
- MESQUIRIZ, 1958: M. A. Mesquiriz de Catalan, *La excavación estratigráfica de Pompeo, I, Campaña de 1956*, Pamplona, 1958.
- , 1961: M. A. Mesquiriz de Catalan, *Terra Sigillata hispánica*, Valencia, 1961.
- OSWALD, 1920: Oswald and Price, *An Introduction to the Study of Terra Sigillata* Londres, 1920.
- PALLARES, 1959: Francisca Pallarés, «Notas complementarias sobre «terra sigillata clara» — Terra sigillata clara do tipo A decorada en Valencia e Ventimiglia», in *Rivista di Studi Liguri*, XXV, 1959, pp. 125-129.
- , 1959(1): Francisca Pallarés, «Notas complementarias sobre «terra sigillata clara» in *Rivista di Studi Liguri*, XXV, 1959, pp. 232-235.
- , 1960: Francisca Pallarés, «Notas complementarias sobre «terra sigillata clara» Sigillata Clara A en el Museo de Copenhague», in *Rivista di Studi Liguri*, XXVI, n.ºs 1-4, 1960, pp. 264-288.
- PALOL, 1948: P. S. Palol, «La cerámica estampada Romano-Cristiana», in *Crónica del IV Congreso Arqueológico del Sudeste Español*, Elche, 1948, pp. 450-469.
- PONSICH et TARRADEL, 1965: M. Ponsich et M. Tarradel, *Garum et Industries Antiques de Salaison dans la Méditerranée Occidentals*, Paris, 1965.
- RIGOR, 1960: Y. Rigor, «Céramique paléochrétienne sigillée grise» in *Provence historique*, X, 1960.
- ROBINSON, 1959: Henry S. Robinson, *The Athenian Agora, V, Pottery of the Roman period. Chronology*, Princeton, 1959.
- RUSSEL CORTEZ, 1951: F. Russel Cortez, «Da terra sigillata tardia encontrada em Portugal» in *Beira-Alta*, X (1951), pp. 3-70.
- WAAGÉ, 1948: Frederick O. Waagé, *Antioch-on-the-Orontes, IV, Part one, Ceramics and Islamic Coins*, Princeton, 1948.

Est. I



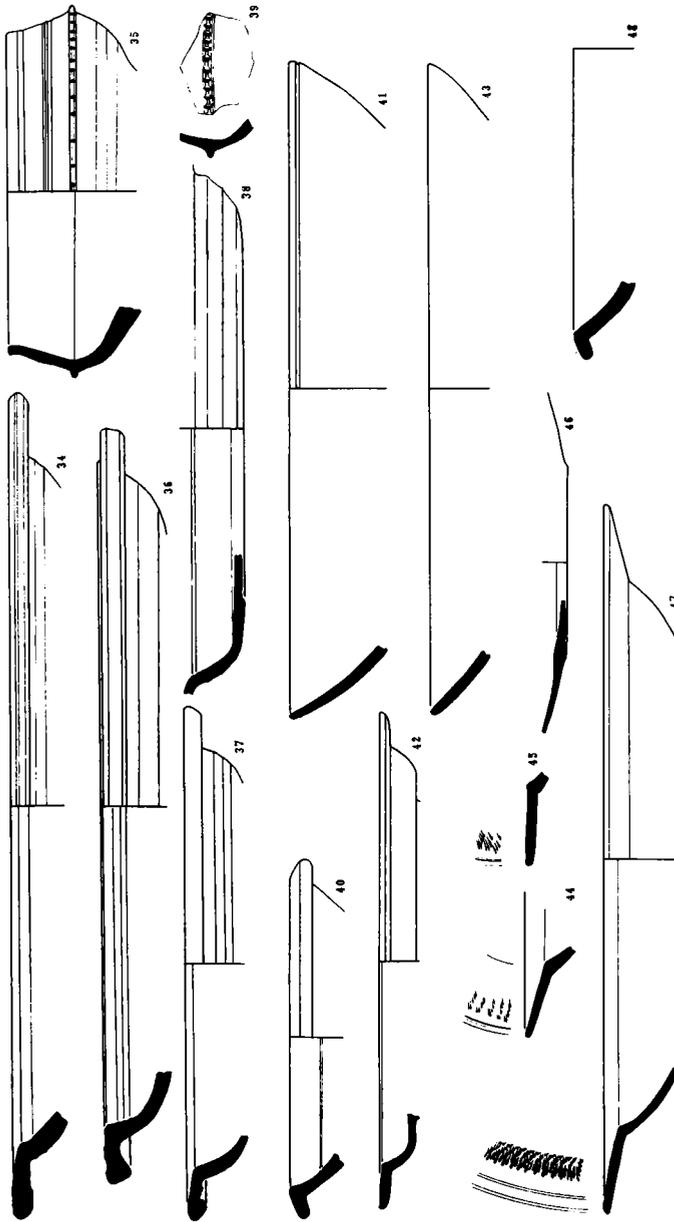
Escala 1 : 3

Est. II



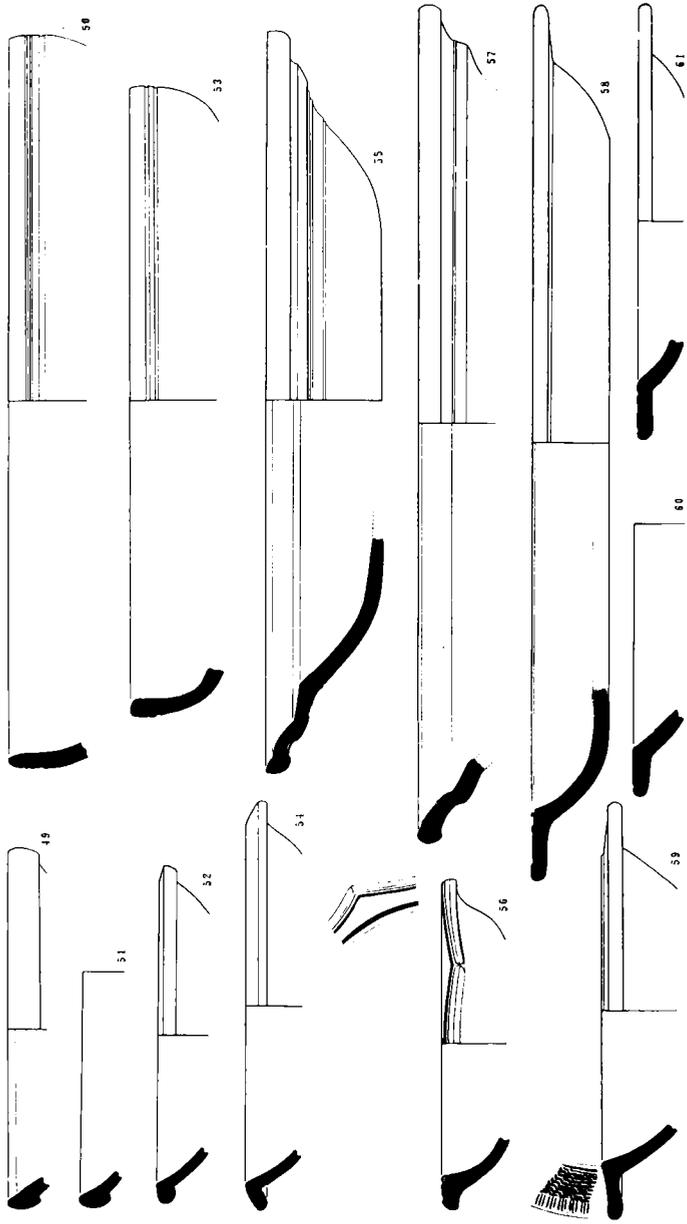
Escala 1:3

Est. III

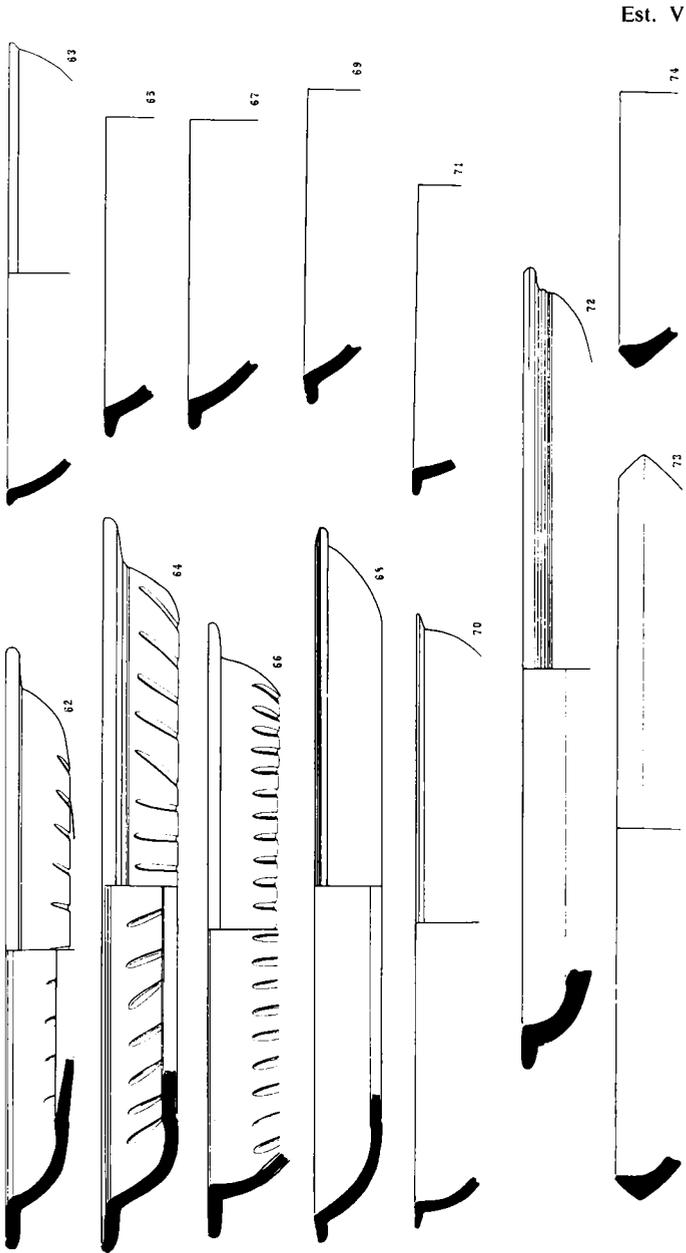


Escala 1:3

Est. IV



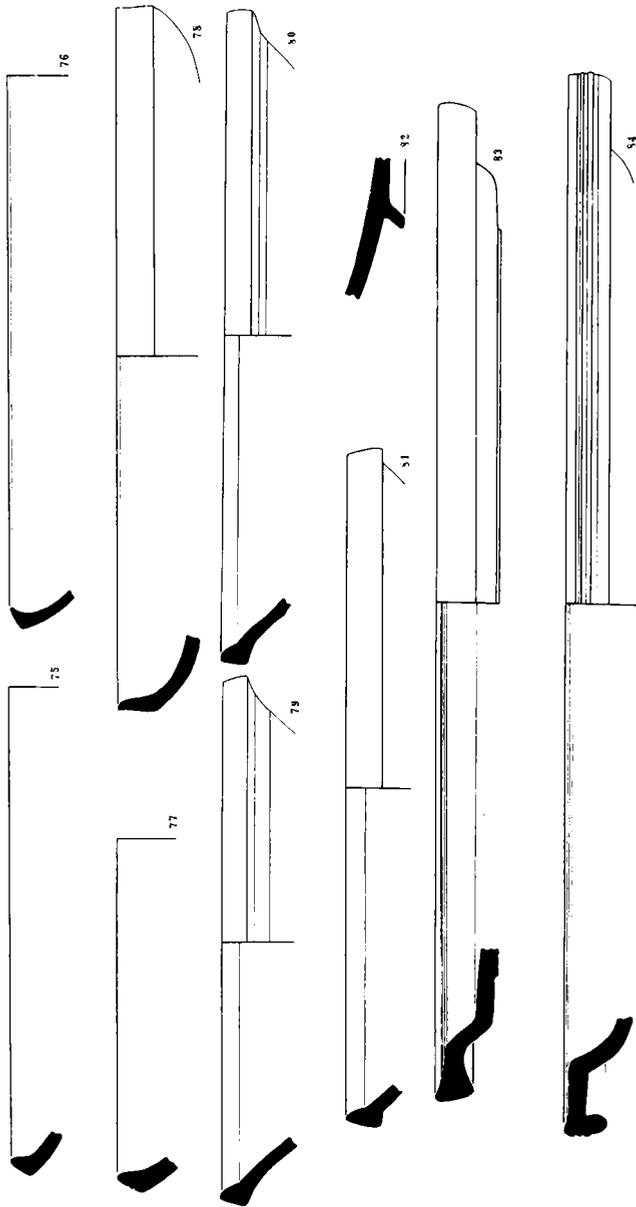
Escala 1:3



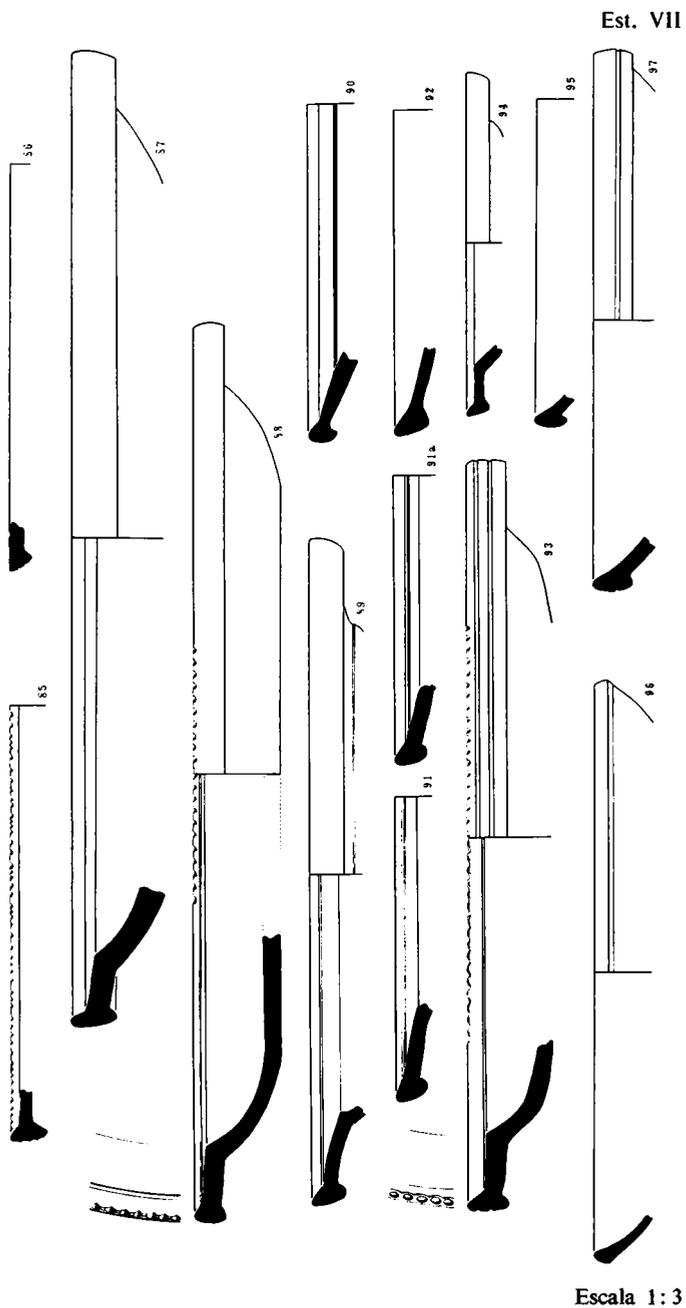
Est. V

Escala 1:3

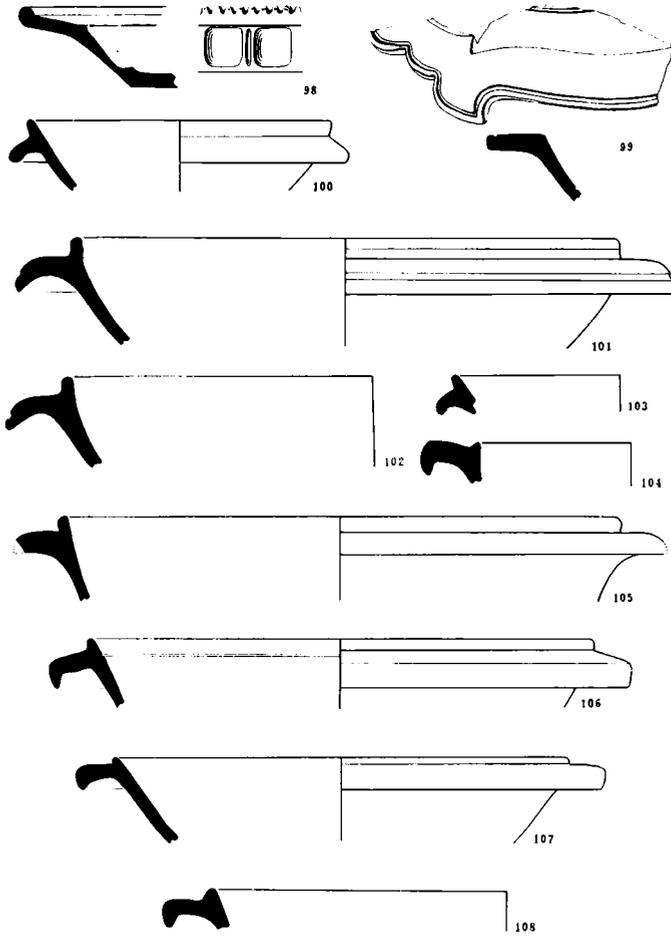
Est. VI



Escala 1:3



Est. VIII



Escala 1:3

ÍNDICE REMISSIVO

A

A do Rico — Campo Maior, 2, 3, 28.
Aeminium, 63.
Africa, 47, 48, 51, 53, 58, 61, 71, 87,
92, 97, 99, 101, 104, 107, 108, 114.
Alandroal, 2.
Alarcão, Adília, 2-4, 8, 16, 17, 21,
24-26, 49.
—, Jorge, 4, 8, 13, 16, 17, 22,
24-26, 49, 108.
Albenga, 71, 87.
Albintimilium, 50, 53, 55, 57, 58, 68,
69, 72, 74, 80, 83, 86, 87, 90-93,
95-99, 101, 103, 104, 107, 108,
111, 112, 114, 115.
Alcácer do Sal, 3.
Alemanha, 24, 48.
Alentejo, 1, 52, 56.
Alexandre, Severo, 22.
Algarve, 52.
Aljustrel — Baixo-Alentejo, 12, 20, 56.
Almagro, M., 22.
Ampúrias, 22, 24, 50, 53, 55, 57, 68,
69, 86-90, 96.
Antioquia, 52, 57, 87-89, 92, 94, 95,
98, 101, 108, 111, 114.
Antonino, 63.
Aramenha, 25.
Arcas, Torre das — Vide: Torre das
Arcas.
Argélia, 52.
ç/ej, 53, 68-71, 85, 96, 101, 111, 112.
/i/eAttw, 48, 57, 86-89, 91.
Augusto, 26.

Gabriela Martin — Vide: *Martin*

Avila, Gabriela.

Avilius, L., 15.

B

Banassa — Marrocos, 52.
Baradez, J., 48, 49, 60, 97, 100, 104,
108, 111, 114.
Barcelona, 51, 54, 106.
Behrens, 9.
Beira-Baixa, 25.
Beira-Litoral, 62.
Beja, 69.
Bellido, A. Garcia — Vide: *Garda y*
Bellido, A.
Berger, L., 17, 26.
Besaçon, 5.
Bracara Augusta, hoje Braga, 63.
Braga, 63.
Bretanha, 47.
Bruto, Décimo Junio, 63.

C

Calvatone, 89.
Campo Maior, 2.
Camps, G., 97, 101, 104.
Canelas do Douro, 100.
Cardeira — Alandroal, 2.
Castillo, Gabriela Martin de — Vide:
Martin de Castillo, Gabriela.
Catalán, M. A. Mezquiriz de — Vide:
Mezquiriz de Catalán, M. A.

- Cavail Ion*, 53.
Cerâmica Romana:
 — *Almofarizes*, 114, 115.
 — *Pratéis*, 75.
 — *Pratos*, 68, 69, 76-84, 86-91, 96-105, 107-113.
 — *TestOò*, 69, 70.
 — *Tijelas*, 70-75, 85, 86, 91-95, 111
 — *Travessas*, 113, 114.
 — *Urnas*, 85.
 — *Vasos*, 99, 100, 105-107.
Chaminé — *Eivas*, 2, 3, 22.
Charlesworth, D., 8, 17.
Chipre, 3, 8, 9, 14, 16.
Ciladas — *Vila Viçosa*, 2.
Cláudio, 3, 16, 22, 26.
Coimbra, 62.
Colónia — *Alemanha*, 9, 15, 21.
Colóquio Portuense de Arqueologia (V), 57.
Comfort, Howard, 47, 58.
Congrès des Journées Internationales du Verre (III), 4, 9.
Conimbriga, 1, 4, 8, 16, 17, 47, 49, 52, 55, 56, 58, 62-64, 70, 80, 83, 84, 86-89, 95, 98, 103, 106, 108, 112, 115, 116, 118,
Constantino, 3.
Copenhague, 50-52, 69, 70, 72, 82, 92.
Cor bridge, Inglaterra, 8.
Corinto, 52.
 «*Corpus Vasorum Antiquorum*», 51.
Correia, Virgílio, 3.
Cortez, F. Russel, 100.
Cox, Dorothy Hannat, 87, 89.
Crundale — Inglaterra, 8.
Curie, 82, 83.
- D
- Deogados* — *Campo Maior*, 2.
Deus, A. Dias de, 1, 2.
Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 63.
Dragendorf 52, 56, 72, 74.
Dressel, 25.
Dumoulin, 3, 25.
Dura-Europos, 87, 89.
- E
- Egipto*, 48, 60, 61.
Elvas, 2.
Escalos de Cima — *Beira-Baixa*, 25.
Espanha, 48, 61.
- F
- Février*, P. A., 61.
Figueira da Foz, 24, 87.
Flávios, 16.
Fonte do Milho — *Canelas do Douro*, 100.
França, 26, 60.
Fremersdorf 5, 9, 15, 16, 21, 22.
Froehner, 25.
Fundação da Casa de Bragança, 1.
- G
- Gália* (Gaule), 54, 61.
 — *Meridional*, 47, 61.
 — *Oriental*, 47.
Galiemo, 55.
Garda y Bellido, A., 15.
Gellius, L., 15.
Génova, 108.
Germânia, Al.
Glanum, 88.
Gomes, António Luís, 1.
Grécia, 48.
- H
- Harden*, 3, 4.
Hardknott — Inglaterra, 8.
Heliogábal, 22.

- Hellstrom*, P., 97, 99.
Herculano, 53.
Holwerda, 52, 60.
Horta das Pinas — Eivas, 2, 3, 10, 13,
 14, 16, 18-20, 23, 26, 28-31.
- I
- Iliffe*, H., 48.
Inglaterra, 8, 14.
Isitigs, 3, 4, 9, 13, 16, 17, 22-25.
Italia, 48, 61.
 /to'/zctf, 15.
 «*Itinerário de Antonino*», 63.
- J
- Jerumenha* — Alandroal, 2, 5, 23,
 26, 27.
 /<*/>!, 49, 61, 97-100, 104, 108 111, 114.
Judeia, 48.
- K
- Karanis*, 3, 4.
Kent — Inglaterra, 14.
Kerameikos — Egipto, 60.
Kessler, 24.
Kisa, 25.
Kubler, Karl, 48, 60, 61.
- L
- L. Avilius*, 15.
 — *Gellius*, 15.
Lagos — Algarve, 87.
Lamboglia, Nino, 15, 48-54, 56, 58,
 59, 61, 62, 65, 67-75, 80, 82-99,
 101, 103, 104, 106-108, 111, 112,
 114, 115.
Late Itálica, 61.
 — *Roman*, também chamada Terra
Sigillata, 48.
- Late Roman* — Vide também: *Terra
 Sigillata Clara*.
 -----A, 49, 56, 57, 60, 88, 91,
 96, 98.
 -----B, 49, 52, 53, 60, 61, 92,
 94, 95, 98, 104.
 -----C, 57.
 — *Sud-Gália*, 61.
Leicester — Inglaterra, 8.
Levante Espanhol, 50.
Leyden, 60.
Lezoux — Gália, 47.
Liguria, 50.
Lisboa, 63.
Lixus, 78.
Lusitânia, 63.
Luxemburgsstrasse — Colónia, 9.
- M
- Marrocos*, 52, 100, 111.
Marselha, 94, 112.
Martin Avila, Gabriela, 67, 86, 87,
 97, 100, 104.
Martin de Castillo, Gabriela, 51, 67.
Mediterrâneo, 47, 51, 53, 56, 58, 59,
 87, 92, 99.
 — *Oriental*, 48, 49, 52, 56-58, 60,
 87, 97, 99, 104, 107.
 — *Setentrional*, 61.
Mérida, 24.
Mertens, 9, 10.
Mesquiriz de Catalán, M. A., 15, 73,
 74, 81.
Mocidade Portuguesa, 63.
Monte Molido — Lagos, 87.
Morin-Jean, 3-5, 22.
Mosca, E., 26.
Minerva, 25.
Museu Arqueológico de Vila. Viçosa, 1.
 -----*de Besançon*, 5.
 — *de Copenhague*, 50-52, 69, 70,
 72, 92.
 — *Monográfico de Conímbriga*, 1.

Museu Municipal da Figueira da Foz,
24, 87.
— *Nacional de Arqueologia e Etno-*
logia, 17.
-----*de Nápoles*, 4.

N

Nápoles, 4.
Narbona, 53, 106.
Navarra, 81.
Nero, 16.
Nimes, 97.

O

Oleiro, J. M. Bairrão, 47.
Olisipo, hoje Lisboa, 63.
Orange, 53, 85.
O springe — Inglaterra, 14.
Oswald, 57, 72, 74, 83, 106.

P

Padrão, necrópole, 13.
Padrãozinho — Vila Viçosa, 2, 4, 5,
7, 14, 16, 17, 20, 21, 27.
Pallarés, Francisca, 50-52, 54, 61, 69-
-72, 82, 87, 88, 97, 99, 101, 104,
115.
Paiol, 48, 60.
Península Ibérica, 60, 61.
Pinas, Horta das — Vide: *Horta das*
Pinas.
Planig — Alemanha, 24.
Polentia, 67.
Pompaelo, 15.
Pompeia, 3, 9, 53.
Ponsich, 49, 61, 78, 97-100, 104, 108,
111, 114.
Portalegre, 24.
Portugal, 4, 13, 25, 52, 56, 58, 87, 89.
Presigillata cesariana e augustina, 54.

Provenga, 50.
Prussia, 6, 28.

R

Reno, 47.
Ribeiro, F. Nunes, 69.
Richborough — Inglaterra, 8.
Rigoir, Y., 80, 94.
Robinson, Henry S., 87, 88.
Ródano, 53, 115.

S

Saint Blaise, 93, 101, 107.
— *Rémy*, 53, 54.
Sala — Marrocos, 52.
S. Severino, igreja — Colónia, 21.
— *Vicente* — Eivas, 2.
Sassari, 80.
Sellium — Lusitânia, 63.
Serrones — Eivas, 2, 12, 13, 15, 27, 30.
Severo-A lexandre — Vide: *A lexandre*,
Severo.
Severos, 53, 57.
Simonett, 15, 26.
Siracusa, 86.
Siria, 48.
Soli, 57.
South Shields — Inglaterra, 8.

T

Tarradel, M., 78, 97, 108, 111, 114.
Tarragona, 53, 68, 69, 87, 96, 99, 101,
103, 105, 112.
Terra Sigillata Clara, também chamada
Late Roman, 48.
----- A, 49-59, 62, 69-74,
76, 80, 82, 83, 86, 88, 91-93, 96,
99, 115-117.
----- B, 50-55, 57, 59, 62,
64, 69-72, 74, 82-85, 91, 95, 96,
99, 114-117.

Terra Sigillata Clara, C, 49-51, 56, 57,
59, 62, 66, 71, 74, 86, 87, 91, 96,
97, 104, 116, 117.
----- D, 49-51, 53, 55,
57-59, 62, 69, 71, 83, 86, 88,
90-97, 99, 104, 112, 114, 116, 117.
----- E, 67.
----- *Gálica*, 54, 72, 114.
----- *Itálica*, 80.
----- *Sud-Gálica*, 51-53, 56, 74,
80, 106.
Tibério, 3, 22, 26.
Ticino, 25.
49, 60, 100, 111, 114.
Tito, 26.
Tongres, 16, 17.
7brrre das Arcas — Elvas, 2, 12.
Tujeden — Navarra, 81.
Tunísia, 59.

V

Fbzto, 86, 87, 106, 107.
Ka/jwi, 53, 54, 71, 72, 83, 84.
Valdoca, necrópole, 15.
Valença, 71.
Valência — Espanha, 53, 54, 87, 97,
100, 103-105.
Vanderhoeven, 16, 17.
Vasconcelos, J. Leite de, 25.
Vaticano, 52.

Ventimiglia, 115.
Fiero, Lúcio, 9.
Vespasiano, 3, 9.
Vessberg, O., 3, 4, 8, 9, 14, 16.
FzVwa, Abel, 1-3, 5, 7, 10, 12-23, 26-31.
Vidros Romanos:
— *Anforetas*, 21.
— *Balões*, 22-23.
— *Boiões*, 24.
— *Cântaro*, 15-16.
— *Copos*, 8-13.
— *Garrafas*, 16-20.
— *Jarra*, 22.
— *Jarros*, 13-15.
— *Taças*, 3-8.
— *Unguentários*, 25-30.
Fz7(fl Boim — Elvas, 2.
— *Fernando* — Elvas, 2.
— F/Í-OW7, 1, 2, 4, 8, 9, 15-17, 22, 24.
Vindonissa — França, 17, 25, 26.
Volubilis — Marrocos, 52.

W

Frederick O., 47-50, 52, 53,
56-58, 60, 61, 87-92, 94-101, 104,
111, L114.
Weinberg, G., 4.
Weisenau, 9.
Whiting, 14.

(Página deixada propositadamente em branco)

ÍNDICE GERAL

	Pág.
JORGE e ADÍLIA ALARCÃO — <i>Vidros romanos do Museu Arqueológico de Vila Viçosa</i>	1
MANUELA DELGADO — <i>Terra sigillata clara de Conímbriga</i>	47
<i>índice remissivo</i>	129

(Página deixada propositadamente em branco)

CONIMBRIGA

REVISTA DO INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA (PORTUGAL)

PUBLICAÇÃO ANUAL

COLABORAÇÃO SOLICITADA

PEDIDOS À LIVRARIA DISTRIBUIDORA:

Casa do Castelo, Editora — Rúa da Sofia, 47-49

Coimbra — Portugal

*Solicitamos permuta. On prie de bien vouloir établir Vçchange.
Sollicitiamo scambio. We would like exchange. Tauschverkerhr erwünscht.*

